

Stories and Memories From a Lifetime of Learning

Histórias e Memórias de Uma Vida de Aprendizagens

Historias y Recuerdos de Una Vida de Aprendizaje

Storie e Memorie da Una Vita di Apprendimento



Co-funded by
the European Union

Title - Título - Título - Titolo

Stories and Memories From a Lifetime of Learning / Histórias e Memórias de Uma Vida de Aprendizagens / Historias y Recuerdos de Una Vida de Aprendizaje / Storie e Memorie da Una Vita di Apprendimento

Authors - Autores - Autores - Autori

Carlos Tiago Asseiro, Artur Santos, Hanna Urbanovich, Filomena Locantore, Gabriel Parra-Nieto, Alicia Murciano-Hueso, Antonio Víctor Martín-García, David Caballero-Franco, Bárbara Mariana Gutiérrez-Pérez, Luís Filipe Alves, Tânia Andreia Soares, Filipe Gomes Ribeiro

Coordination - Coordenação - Coordinación - Coordinazione

Carlos Tiago Asseiro e Artur Jorge Santos

**Coordination/editing of publications – Coordenação / edição de publicação
Coordinación/edición de publicaciones - Coordinamento/redazione delle pubblicazioni**

António José Gonçalves Rodrigues

Design and layout - Diseño y maquetación - Progettazione e layout

Carlos Tiago Asseiro

Editions - Edição - Edición - Edizione

Santa Casa da Misericórdia de Bragança

Photos:

Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Universidade de Salamanca e EduVita

Print - Impressão - Impresión - Stampa

Casa do Trabalho – Bragança

Year - Ano - Año - Anno

2025

ISBN:

978-989-33-8232-5

Depósito Legal:

552028/25

Project 'Life Learning, Now Is Digital', co-funded by the European Union

Copyright

"This book is "funded by the European Union. Views and opinions expressed are however those of the author(s) only and do not necessarily reflect those of the European Union or Erasmus+ Program. Neither the European Union nor the granting authority can be held responsible for them."

Table of Contents

Índice - Índice – Indice

Preface

Prefácio – Prefacio – Prefazione5

I - Introduction

Introdução – Introducción – Introduzione.....21

II - Project Information

Informações do Projeto - Información del Proyecto - Informazioni sul Progetto ...27

II - Main activities

Principais Atividades - Actividades Principales - Attività Principali31

III - Stories and memories

Histórias e Memórias - Santa Casa da Misericórdia de Bragança.....43

Historias y Memorias - Universidade de Salamanca89

Storie e Memorie - EduVita.....131

IV - Final Reflection

Reflexão Final- Reflexión Final- Riflessione Finale.....175

Project Team

Equipa do Projeto - Equipo del Proyecto - Squadra del Progetto181

Preface

Prefácio – Prefacio – Prefazione



Santa Casa da Misericórdia de Bragança

José Duarte Fernandes - Provedor

Desde o início de janeiro de 2024, assumi, com elevada honra, o cargo de Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Bragança (SCMB). Com um profundo sentido de responsabilidade e compromisso, abracei este desafio acompanhado por uma jovem e dedicada equipa, determinada em continuar a dignificar esta Casa e a sua nobre missão, que é Fazer o Bem!



Com 507 anos de história, a Santa Casa da Misericórdia de Bragança é uma Instituição que tem marcado de forma indelével a solidariedade e caridade na nossa região, sendo também uma referência a nível nacional devido à sua dimensão e dinâmica nas várias respostas sociais.

Ao longo dos séculos, esta IPSS tem honrado o seu legado histórico, mas com uma linha de orientação bem definida, assente nas 14 obras da Misericórdia, e desempenhando um papel essencial no apoio aos mais necessitados, promovendo respostas sociais fundamentais como a saúde, com a Unidade de Cuidados Continuados, a educação, com três Centros Infantis, o envelhecimento ativo com três Estruturas Residenciais, a deficiência, com o Centro de Educação Social, a ação social, com a Cantina Social e o Programa Operacional de Apoio às Pessoas Mais Carenciadas (POAPMC).

Além de um agente ativo no desenvolvimento social e humano no concelho, a Misericórdia de Bragança, com cerca de 340 colaboradores diretos, impõe-se também, como um dos principais pilares da economia local, com impacto na criação de emprego e coesão social.

Honrando o legado histórico, mas sempre com uma visão de futuro, a Instituição mantém-se dinâmica e inovadora, apostando

continuamente em projetos que promovam a qualidade de vida dos seus utentes com a adoção de novas tecnologias e a promoção de atividades intergeracionais, culturais e terapêuticas, quer através de projetos próprios ou parcerias estratégicas. É o caso do projeto “Life Learnig Now is Digital”, que promove as competências digitais através do envelhecimento ativo e da preservação do património cultural.

Enquanto entidade coordenadora, orgulhamo-nos de contribuir por um lado, pela inclusão digital dos nossos utentes, e por outro, pela preservação e partilha de memórias locais e regionais.

Preservar a memória dos nossos utentes é manter viva a identidade de um povo e construir, com respeito e sabedoria, o futuro das próximas gerações.

Ao longo do projeto, estiveram envolvidos:

As **Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI)**, pensadas como mais do que um simples lugar de estadia, são verdadeiros lares. Aqui, o envelhecimento é acompanhado com responsabilidade e dedicação, numa perspetiva de melhoria contínua da qualidade de vida. A prestação de cuidados de enfermagem, o apoio social individualizado e a valorização da autonomia e bem-estar são práticas que fazem parte da atividade da nossa instituição.

A **Unidade de Cuidados Continuados Integrados (UCCI)** que permite uma resposta mais próxima e humanizada aos utentes que necessitam de cuidados especializados, promovendo a sua recuperação sem os afastar da sua área de residência.

A excelência dos cuidados prestados, a dedicação das equipas e o foco na qualidade de vida dos utentes consolidaram a sua reputação a nível regional e nacional.

O **Centro de Educação Especial de Bragança (CEE)** tem um papel fundamental na resposta educativa e social às pessoas com deficiência na região. Centrado na promoção da inclusão de crian-

ças e jovens com necessidades específicas, acompanhou a evolução das políticas sociais.

Atualmente, acolhe 71 utentes em regime de internato e semi-internato, promovendo a dignidade e o bem-estar.

O Museu Etnográfico Dr. Belarmino Afonso da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, abriu ao público em 2000. Este espaço cultural reúne um valioso acervo etnográfico representativo da cultura tradicional transmontana, composto por objetos recolhidos ao longo de décadas pelo seu patrono, o cónego Dr. Belarmino Afonso, e enriquecido com doações da comunidade. As coleções que integram o acervo do museu estão intimamente relacionadas com o modo de vida rural, com o saber fazer do povo transmontano e com a sua idiossincrasia. Destacam-se: alfaías agrícolas, utensílios da cozinha regional, máscaras e trajes de festividades tradicionais, ferramentas ligadas ao ciclo do linho, oficinas de carpinteiro e ferreiro, instrumentos relacionados com a confeção do pão e do queijo, e brinquedos tradicionais. Inspirado pela visão e dedicação do cónego Belarmino Afonso, este museu preserva a memória e as tradições transmontanas, constituindo um tributo vivo à identidade cultural da região. E agora, com o presente projeto, aumentou o seu espólio na área da educação.

Preservar a memória dos nossos utentes é manter viva a identidade de um povo e construir, com respeito e sabedoria, o futuro das próximas gerações.

Santa Casa da Misericórdia de Bragança – 507 Anos a Fazer o Bem.

Santa Casa da Misericórdia de Bragança

The Chairman, José Duarte Fernandes

Since the beginning of January 2024, I have had the great honor of assuming the role of Provider of the Santa Casa da Misericórdia of Bragança. With a deep sense of responsibility and commitment, I embraced this challenge alongside a young and dedicated team, determined to continue dignifying this institution and its noble mission: Doing Good!

With 507 years of history, the Santa Casa da Misericórdia of Bragança is an institution that has left an indelible mark on solidarity and charity in our region. It is also a national reference due to its scale and dynamism across various social services.

Throughout the centuries, this Private Institution of Social Solidarity (IPSS) has honored its historical legacy, guided by a well-defined framework based on the 14 Works of Mercy. It has played an essential role in supporting those most in need, promoting key areas such as health, through the Continuing Care Unit; education, with three Child Centers; active aging, with three Residential Structures; disability support, through the Social Education Center; and social action, with the Social Canteen and the Operational Program to Support the Most Deprived (POAPMC).

In addition to being an active agent in the social and human development of the municipality, the Misericórdia of Bragança, with around 340 direct employees, also stands as one of the main pillars of the local economy, impacting job creation and social cohesion.

Honoring its historical legacy while maintaining a forward-looking vision, the institution remains dynamic and innovative, continuously investing in projects that enhance the quality of life of its users through the adoption of new technologies and the promotion of intergenerational, cultural, and therapeutic activities—either through its own initiatives or strategic partnerships. One such ex-

ample is the *ERASMUS+ project Life Learning Now is Digital*, which promotes digital skills through active aging and the preservation of cultural heritage. As the coordinating entity, we are proud to contribute both to the digital inclusion of our users and to the preservation and sharing of local and regional memories.

Preserving the memory of our users is a way of keeping the identity of a people alive and building, with respect and wisdom, the future of the next generations.

Noteworthy is the participation of our services throughout the project:

The Residential Structures for the Elderly (ERPI) are designed to be more than just places of stay — they are true homes. Here, aging is accompanied with responsibility and dedication, with a continuous focus on improving quality of life. Nursing care, individualized social support, and the promotion of autonomy and well-being are integral to our institution's practices.

The Integrated Continuing Care Unit (UCCI) provides a closer and more humanized response to patients requiring specialized care, promoting their recovery without removing them from their home region.

The excellence of the care provided, the dedication of the teams, and the focus on the quality of life of the users have consolidated its reputation at both regional and national levels.

The Special Education Center of Bragança (CEE), plays a fundamental role in the educational and social response to people with disabilities in the region. Focused on promoting the inclusion of children and young people with specific needs, it has evolved alongside social policy developments.

Currently, it accommodates 71 users under full-time and part-time residency, promoting dignity and well-being.

The Dr. Belarmino Afonso Ethnographic Museu of the Santa Casa da Misericórdia of Bragança opened to the public in 2000.

This cultural space houses a valuable ethnographic collection representative of the traditional culture of Trás-os-Montes, composed of objects collected over decades by its patron, Canon Dr. Belarmino Afonso, and enriched by community donations. The museum's collections are closely linked to rural life, the craftsmanship of the people of Trás-os-Montes, and their unique identity. Highlights include: agricultural tools, regional kitchen utensils, masks and costumes from traditional festivities, tools related to the linen cycle, carpenter and blacksmith workshops, instruments for bread and cheese making, and traditional toys. Inspired by the vision and dedication of Canon Belarmino Afonso, this museum preserves the memory and traditions of Trás-os-Montes, serving as a living tribute to the region's cultural identity. Now, with the current project, its collection has expanded into the field of education.

507 Years Committed to Good Deeds

Universidad de Salamanca

Este libro reúne las voces escolares de los mayores participantes en “Lifelong Learning, Now it is Digital” (LLND), un proyecto Erasmus+ que pone en valor el patrimonio educativo y cultural para fomentar el envejecimiento activo y la alfabetización digital. En España, la iniciativa ha tomado forma gracias a la colaboración entre la Universidad de Salamanca (USAL) y su Centro Museo Pedagógico (CeMuPe), por un lado, y la Residencia Colisée La Vega de Salamanca, por otro. Los encuentros intergeneracionales y la formación tecnológica derivados del proyecto han devuelto sentido, autoestima y protagonismo a los y las mayores que participan.

La Universidad de Salamanca

Juan Manuel Corchado Rodríguez

Rector de la Universidad

Fundada en 1218 por Alfonso IX como Estudio General, la USAL es la universidad más antigua de España y una de las primeras de Europa. En 1255 Alejandro IV le otorgó la licentia ubique docendi, que confería validez universal a sus títulos y consolidó su proyección internacional. Durante el Siglo de Oro alcanzó un enorme prestigio gracias a la Escuela de Salamanca — con figuras como Francisco de Vitoria, Domingo de Soto o Fray Luis de León — y se convirtió en un foco intelectual de la monarquía hispánica, especialmente en Derecho, Medicina y Teología.

Tras el declive del siglo XVII y los estragos de la ocupación napoleónica, la institución se reorganizó con la Ley Moyano (1857). A comienzos del siglo XX, Miguel de Unamuno revitalizó su espíritu crítico. Con la llegada de la democracia la USAL inició una expansión que sumó nuevas facultades, centros de investigación y programas de movilidad internacional. En 2018 celebró su VIII



Centenario y hoy acoge a más de 30 000 estudiantes en 26 facultades y escuelas, manteniéndose entre las primeras universidades públicas españolas por docencia, investigación y proyección cultural.

Centro Museo Pedagógico (CeMuPe)

Bienvenido Martín Fraile - Director

El CeMuPe - centro propio de la USAL situado en Zamora -tiene entre sus objetivos la recuperación y conservación del legado educativo de otras épocas, así como la docencia y la investigación en la historia de la educación española. Este centro adopta como línea de trabajo prioritaria la de sentir y pensar la escuela. Sus colecciones de materiales escolares, documentación y exposiciones itinerantes favorecen el diálogo entre pasado y presente, y sirven de apoyo didáctico en proyectos como LLND, donde los objetos escolares históricos han activado la reminiscencia de los mayores.



Residencia Colisée la Vega

Ana Calzón de Paz, Psicóloga sanitaria y psicogerontóloga

Para el desarrollo del proyecto, la USAL contó con la colaboración de la Residencia Colisée La Vega, que es un centro gerontológico de carácter privado que apuesta por la atención centrada en la persona y el bienestar integral. Programas de estimulación cognitiva, terapia ocupacional y participación comunitaria crean un entorno abierto a iniciativas intergeneracionales que refuerzan la autonomía y la autoestima de sus residentes. Su implicación ha sido decisiva para trasladar a la práctica los objetivos del proyecto LLND.



Universidad de Salamanca (USAL)

Juan Manuel Corchado Rodríguez - Rector de la Universidad

This book brings together the school memories of the elderly participants in “Lifelong Learning, Now it is Digital” (LLND), an Erasmus+ project that highlights educational and cultural heritage to promote active aging and digital literacy. In Spain, the initiative has taken shape thanks to the collaboration between the University of Salamanca (USAL) and its Pedagogical Museum Center (CeMuPe), on one hand, and the Colisée La Vega Residence in Salamanca, on the other. The intergenerational encounters and technological training that emerged from the project have restored meaning, self-esteem, and agency to the participating older adults.

The University of Salamanca

*Founded in 1218 by Alfonso IX as a Studium Generale, USAL is the oldest university in Spain and one of the earliest in Europe. In 1255, Pope Alexander IV granted it the *licentia ubique docendi*, giving its degrees universal validity and solidifying its international prestige.*

During the Spanish Golden Age, it achieved great renown thanks to the Salamanca School — with figures such as Francisco de Vitoria, Domingo de Soto, and Fray Luis de León — and became an intellectual center of the Spanish monarchy, particularly in the fields of Law, Medicine, and Theology. Following a period of decline in the 17th century and the devastation caused by the Napoleonic occupation, the institution was reorganized under the Moyano Law (1857). In the early 20th century, Miguel de Unamuno revived its critical spirit. With the advent of democracy, USAL underwent a major expansion, adding new faculties, research centers, and international mobility programs. In 2018, it celebrated its 800th anniversary, and today it hosts over 30,000 students across

26 faculties and schools, remaining one of Spain's leading public universities in teaching, research, and cultural outreach.

Pedagogical Museum Center (CeMuPe)

Bienvenido Martín Fraile - Director

Its own center located in Zamora — which is dedicated to recovering and preserving the educational legacy of past eras, as well as teaching and researching the history of Spanish education. The center's guiding principle is to "feel and think the school." Its collections of school materials, historical documentation, and traveling exhibitions foster dialogue between past and present and serve as didactic support in projects like LLND, where historical school objects have triggered reminiscence among older adults.

Colisée La Vega Residence

Ana Calzón de Paz, Clinical Psychologist and Psychogerontologist

To carry out the project, USAL partnered with the Colisée La Vega Residence, a private gerontological center committed to person-centered care and holistic well-being. Programs in cognitive stimulation, occupational therapy, and community participation create an environment open to intergenerational initiatives that strengthen the autonomy and self-esteem of its residents. Its involvement has been crucial in putting the objectives of the LLND project into practice.

**Centro di formazione e cultura EduVita
Lecce, Italia**

Hanna Urbanovich, Co-founder of EduVita

Abbiamo fondato EduVita nel 2019, a Lecce, nel Sud Italia, con la visione di uno spazio in cui le generazioni potessero incontrarsi, imparare le une dalle altre e crescere insieme.



Crediamo che l'apprendimento non si fermi mai. Per questo, ci concentriamo in particolare sulle opportunità di apprendimento permanente per le persone adulte over 50. Organizziamo attività che promuovono le competenze digitali, l'apprendimento linguistico e lo scambio interculturale.

Allo stesso tempo, lavoriamo per valorizzare e rafforzare le competenze degli educatori di adulti. Sviluppiamo e condividiamo metodologie per aiutarli a diventare più efficaci nel loro lavoro con persone adulte e senior.

Se c'è qualcosa che definisce davvero EduVita, è il nostro impegno per il dialogo intergenerazionale. Portiamo insieme giovani e adulti in esperienze in cui ciascuno può imparare dall'altro. In questi momenti, cresce la comprensione reciproca, cadono le barriere e nascono nuovi modi di vivere e di pensare.

Anche il nostro nome racconta una storia: il centro EduVita è dedicato ad Antonio L. Verri, scrittore e operatore culturale originario del Salento. La sua vita e il suo lavoro ci ricordano ogni giorno il valore dei ponti culturali – tra generazioni, tra luoghi, tra idee.

In questo progetto, siamo orgogliosi di far parte di una rete che crede nel potere trasformativo dell'educazione. www.eduvita.it

EduVita Training and Cultural Centre - Lecce, Italy
Hanna Urbanovich, Co-founder of EduVita

We founded EduVita in 2019, in Lecce, Southern Italy, as a space where generations could meet, learn from each other, and grow together.

We believe that learning never stops. That's why we especially focus on lifelong learning opportunities for adult people aged over 50 years old. We organise activities that support digital literacy, language learning, and intercultural exchange..

At the same time, we work to empower adult educators. We develop and share the methodologies to help them become more effective in their work with adult and senior learners.

But if there's one thing that defines EduVita, it's our commitment to intergenerational dialogue. We bring together young people and older adults in experiences where each learns from the other. In these moments, mutual understanding grows, barriers fall, and new ways of living and thinking emerge.

Our name also carries a story: EduVita is dedicated to Antonio L. Verri, an inspiring writer and cultural figure from Salento. His life and work remind us every day of the value of cultural bridges - between generations, between places, between ideas.

In this project, we are proud to be part of a network that believes in the transformative power of education. www.eduvita.it

Instituto Politécnico de Bragança
Carlos Teixeira - Diretor da Escola Su-
perior de Educação

A Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, consciente do seu papel no âmbito da intervenção social e na construção de comunidades de partilha de experiências com vista a uma sociedade verdadeiramente inclusiva, participou com muito empenho e enorme prazer no projeto “Life Learning Now Is Digital”, que a Santa Casa da Misericórdia de Bragança coordenou e que teve a participação de parceiros internacionais, nomeadamente a Universidade de Salamanca e a Fundação EduVita, em Itália.



Num mundo que, recuperando o trabalho do sociólogo Zygmunt Bauman, se caracteriza por uma crescente liquidez em todas as dimensões da vida humana, com particular ênfase na esfera da vida social, promover um projeto que coloca como um dos seus eixos fundamentais a valorização da memória é de uma relevância assinalável. Não há dúvidas acerca do papel desempenhado pela memória no que se refere à formação da identidade pessoal, social e cultural, bem como no âmbito do bem-estar, da regulação emocional e da capacidade de participação cívica. António Damásio, em *O livro da consciência*, postula que “a memória é o responsável pela colocação incessante do eu num aqui e agora evanescente, entre um passado plenamente vivido e um futuro antecipado, em movimento perpétuo entre o ontem que passou e o amanhã que é apenas uma possibilidade” (Damásio, 2010: 363). Em boa hora, este projeto iniciou (estou certo que o trabalho há de ter continuidade) uma feliz e necessária recolha da memória escolar, permitindo-nos, através dessa mais profunda consciência do passado, construir novos caminhos educativos num mundo indiscutivelmente marcado por processos de digitalização. Igualmente

assinalável é o foco do projeto na aprendizagem digital e no reforço das competências digitais dos participantes mais velhos. Assim se promove o envelhecimento ativo, dotando-os de ferramentas para serem verdadeiramente os atores da partilha das suas histórias de vida.

Reconhecendo a relevância do trabalho realizado, aqui expresso o meu profundo agradecimento a todos os participantes no projeto, a todas e todos quanto nele se envolveram e para ele contribuíram porque é na plena assunção da singularidade irrepetível de cada ser humano que melhor reconhecemos e servimos o Outro. Um agradecimento muito especial à Santa Casa da Misericórdia de Bragança (SCMB), pela coordenação, e a toda a equipa da Escola Superior de Educação do IPB, pelo fantástico trabalho nesta que é uma das dimensões fundamentais da nossa ação: a participação cívica na comunidade e a co-construção de conhecimento com múltiplos parceiros da região e do mundo.

Polytechnic Institute of Bragança

Carlos Teixeira - Director of the School of Education

The School of Education of the Polytechnic Institute of Bragança, fully aware of its role in social intervention and in building communities that share experiences toward a truly inclusive society, participated with great commitment and enthusiasm in the project “Life Learning Now Is Digital”, coordinated by Santa Casa da Misericórdia de Bragança and involving international partners, namely the University of Salamanca and the EduVita Foundation in Italy.

In a world increasingly marked by what sociologist Zygmunt Bauman described as liquidity in all dimensions of human life — especially in the realm of social life —promoting a project that places the valorization of memory at its core is of remarkable relevance. There is no doubt about the crucial role memory plays in the

formation of personal, social, and cultural identity, as well as in well-being, emotional regulation, and civic participation. António Damásio, in The Feeling of What Happens, states that “memory is responsible for the incessant placement of the self in an evanescent here and now, between a fully lived past and an anticipated future, in perpetual movement between the yesterday that has passed and the tomorrow that is only a possibility” (Damásio, 2010: 363).

This project, quite timely (and I trust the work will continue), has begun a valuable and necessary collection of school memories, allowing us, through a deeper awareness of the past, to build new educational paths in a world undeniably shaped by digitalization processes. Equally noteworthy is the project’s focus on digital learning and on strengthening the digital skills of older participants. In doing so, it promotes active aging, providing them with the tools to become true agents in sharing their life stories.

Recognizing the significance of the work carried out, I express my deep gratitude to all the participants in the project and to everyone who was involved and contributed to it. It is through the full recognition of each human being’s unique and unrepeatable singularity that we best acknowledge and serve the Other. A special thanks to Santa Casa da Misericórdia de Bragança (SCMB) for their coordination, and to the entire team from the School of Education at IPB, for the fantastic work in what is one of the fundamental dimensions of our mission: civic participation in the community and the co-construction of knowledge with multiple partners from the region and the world.

The project *Life Learning, Now is Digital* was born with the aim of promoting digital skills in the context of active ageing, combining the appreciation of intangible cultural heritage with the memories and life experiences of its participants.

Over two years of intense transnational collaboration, this initiative took shape through concrete actions that enhanced digital literacy, celebrated collective memory, and strengthened intergenerational and intercultural bonds.

The activities developed — from digital literacy sessions to exhibitions based on life testimonies — not only fostered participants' autonomy but also dignified their personal journeys, with a special focus on childhood memories and primary school experiences.

Three institutions played a key role in this journey: Santa Casa da Misericórdia in Portugal, the University of Salamanca in partnership with Residencia Colisée La Vega in Spain, and EduVita in Italy. These spaces became true centres of dialogue, sharing, and mutual learning.

The exchanges between Bragança and Salamanca, as well as the technical meeting held in Italy, highlighted the strength of collaborative networks in creating innovative and inclusive responses, promoting lifelong learning that respects, embraces, and values human and cultural diversity.

This book, as a repository of memories and reflections, stands as a living testimony to a joint process of knowledge-building, where participants moved from being mere recipients to becoming protagonists of their own experience and learning.

O projeto Life Learning, Now is Digital nasceu com o propósito de promover competências digitais no contexto do envelhecimento ativo, aliando a valorização do património cultural imaterial às memórias e vivências dos seus participantes.

Ao longo de dois anos de intensa colaboração transnacional, esta iniciativa materializou-se em ações concretas que reforçaram a literacia digital, celebraram a memória coletiva e fortaleceram os laços intergeracionais e interculturais.

As atividades desenvolvidas, desde sessões de alfabetização digital até exposições construídas a partir de testemunhos de vida, não só fomentaram a autonomia dos participantes, como também dignificaram os seus percursos pessoais, com especial enfoque nas recordações de infância e na experiência da escola primária.

Três instituições desempenharam um papel fundamental neste percurso: a Santa Casa da Misericórdia de Bragança, em Portugal, a Universidade de Salamanca, em parceria com a Residencia Colisé La Veja, em Espanha e a EduVita, em Itália. Estes espaços tornaram-se verdadeiros centros de diálogo, partilha e aprendizagem mútua.

Os intercâmbios entre Bragança e Salamanca, bem como o encontro técnico realizado em Itália, evidenciaram a força das redes colaborativas na criação de respostas inovadoras e inclusivas, promovendo uma aprendizagem ao longo da vida que respeita, acolhe e valoriza a diversidade humana e cultural.

Este livro, enquanto repositório de memórias e reflexões, constitui-se como o testemunho vivo de um processo de construção conjunta de conhecimento, em que os participantes deixaram de ser meros beneficiários para se tornarem protagonistas da sua própria experiência e aprendizagem.

El proyecto *Life Learning, Now is Digital* nació con el propósito de promover competencias digitales en el contexto del envejecimiento activo, uniendo la valorización del patrimonio cultural inmaterial con los recuerdos y vivencias de sus participantes.

A lo largo de dos años de intensa colaboración transnacional, esta iniciativa se materializó en acciones concretas que reforzaron la alfabetización digital, celebraron la memoria colectiva y fortalecieron los lazos intergeneracionales e interculturales.

Las actividades desarrolladas — desde sesiones de alfabetización digital hasta exposiciones construidas a partir de testimonios de vida — no solo fomentaron la autonomía de los participantes, sino que también dignificaron sus trayectorias personales, con especial enfoque en los recuerdos de infancia y en la experiencia de la escuela primaria.

Tres instituciones desempeñaron un papel fundamental en este camino: la Santa Casa da Misericórdia, en Portugal; la Universidad de Salamanca, en colaboración con la Residencia Colisée La Vega, en España; y EduVita, en Italia. Estos espacios se convirtieron en verdaderos centros de diálogo, intercambio y aprendizaje mutuo.

Los intercambios entre Braganza y Salamanca, así como el encuentro técnico celebrado en Italia, evidenciaron la fuerza de las redes colaborativas en la creación de respuestas innovadoras e inclusivas, promoviendo un aprendizaje a lo largo de la vida que respeta, acoge y valora la diversidad humana y cultural. Este libro, como repositorio de memorias y reflexiones, constituye un testimonio vivo de un proceso de construcción conjunta de conocimiento, en el que los participantes dejaron de ser meros beneficiarios para convertirse en protagonistas de su propia experiencia y aprendizaje.

Il progetto Life Learning, Now is Digital è nato con l'obiettivo di promuovere le competenze digitali nel contesto dell'invecchiamento attivo, unendo la valorizzazione del patrimonio culturale immateriale ai ricordi e ai vissuti dei partecipanti.

Nel corso di due anni di intensa collaborazione transnazionale, l'iniziativa si è concretizzata in azioni tangibili che hanno rafforzato l'alfabetizzazione digitale, celebrato la memoria collettiva e consolidato i legami intergenerazionali e interculturali.

Le attività sviluppate — dalle sessioni di alfabetizzazione digitale alle esposizioni costruite a partire da testimonianze di vita — non solo hanno promosso l'autonomia dei partecipanti, ma hanno anche valorizzato i loro percorsi personali, con particolare attenzione ai ricordi d'infanzia e all'esperienza della scuola primaria.

Tre istituzioni hanno svolto un ruolo fondamentale in questo percorso: la Santa Casa da Misericórdia in Portogallo, l'Università di Salamanca in collaborazione con la Residenza Colisée La Vega in Spagna, ed EduVita in Italia. Questi spazi sono diventati veri centri di dialogo, condivisione e apprendimento reciproco.

Gli scambi tra Bragança e Salamanca, così come l'incontro tecnico tenutosi in Italia, hanno evidenziato la forza delle reti collaborative nella creazione di risposte innovative e inclusive, promuovendo un apprendimento permanente che rispetta, accoglie e valorizza la diversità umana e culturale.

Questo libro, quale contenitore di memorie e riflessioni, rappresenta la testimonianza viva di un processo di costruzione condivisa della conoscenza, in cui i partecipanti sono passati dall'essere semplici beneficiari a veri protagonisti della propria esperienza e del proprio apprendimento.

II - Project Information

Informações do Projeto - Información del Proyecto - Informazioni sul Progetto



Name: Life Learning, Now Is Digital

Nome – Nombre – Nome

Project Coordinator: Santa Casa da Misericórdia de Bragança

Coordenador do Projeto – Coordinador del Proyecto – Coordinatore del Progetto

Identifier: 2023-1-PT01-K210-ADU-000160504

Identificação – Identificación – Identificazione

Start date: 1 de Setembro 2023

Data de início – Fecha de Inicio – Data di Inizio

End date: 31 de Agosto de 2025

Data de fim – Fecha de Finalización – Data di Fine

EC Contribution: 60.000€

Financiamento EU – Financiación de la EU – Finanziamento EU

Partners: Universidad de Salamanca (ESP), EduVita APS(IT), Instituto Politécnico de Bragança(PT)

Parceiros – Socios – Partner

Project summary

General objective:

To promote digital skills through active ageing and the preservation of cultural heritage.

Specific objectives:

Fostering digital skills among seniors and people with special needs through active ageing activities.

Preserving and sharing local and regional memories, narratives and history of education.

Contributing to social inclusion through participation in the digital world wide web and international projects.

Resumo do Projeto

Objetivo geral:

Promover competências digitais através do envelhecimento ativo e da preservação do património cultural.

Objetivos específicos:

Fomentar as competências digitais entre os seniores e pessoas com necessidades especiais através de atividades de envelhecimento ativo.

Preservar e partilhar memórias locais e regionais, narrativas e história da educação.

Contribuir para a inclusão social através da participação na rede mundial digital e em projetos internacionais.

Resumen del proyecto

Objetivo general:

Promover las competencias digitales a través del envejecimiento activo y la preservación del patrimonio cultural.

Objetivos específicos:

Fomentar las habilidades digitales entre personas mayores y personas con necesidades especiales mediante actividades de envejecimiento activo.

Preservar y compartir memorias locales y regionales, narrativas e historias relacionadas con la educación.

Contribuir a la inclusión social mediante la participación en el mundo digital y en proyectos internacionales.

Sintesi del progetto

Obiettivo generale:

Promuovere le competenze digitali attraverso l'invecchiamento attivo e la salvaguardia del patrimonio culturale.

Obiettivi specifici:

Promuovere le competenze digitali tra le persone anziane e con bisogni speciali attraverso attività di invecchiamento attivo.

Preservare e condividere memorie locali e regionali, narrazioni e storie legate all'istruzione.

Contribuire all'inclusione sociale tramite la partecipazione al mondo digitale e a progetti internazionali.

II - Main activities

Principais atividades - Actividades Principales - Attività Principali



Project Presentation

Apresentação do projeto - Presentación del Proyecto - Presentazione del Progetto



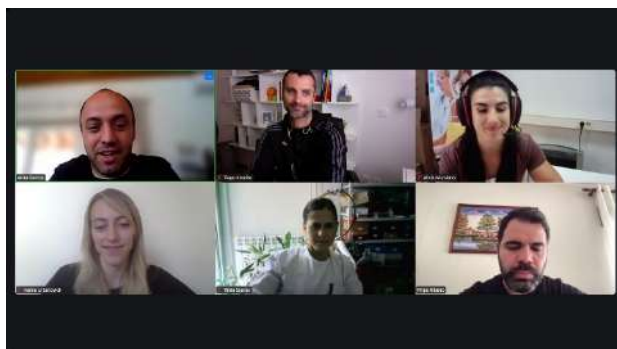
Bragança, 02/02/2024

Meetings

Reuniões – Reuniones - Riunioni



Lecce – 14/10/2024



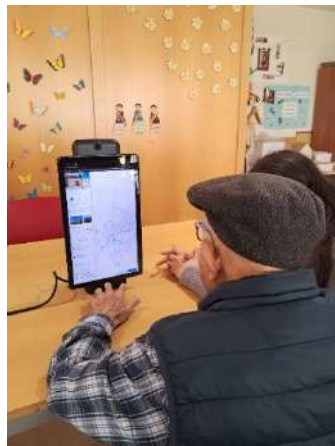
Bragança/Salamanca/Lecce – 23/05/2025

Digital Competencies Program

Programa de Competências Digitais - Programa de Competencias Digitales
Programma di Competenze Digitali



Lecce - 02/05/2025



Salamanca - 06/05/2025



Bragança - 24/01/2025

Visit Groups

Intercâmbio entre participantes - Intercambio entre Participantes
Scambio tra Partecipanti



Lecce – 15/10/2024



Bragança – 18/09/2024

Exhibitions

Exposições – Exposiciones – Mostre



Bragança

18/09/2024



Salamanca

09/06/2025



Lecce
16/07/2025

School Objects

Objetos da Escola – Objetos de la Escuela – Oggetti Scolastici



School board

Quadro da escola – Consejo escolar
Consiglio scolastico



Slate board

Quadro de ardósia – Pizarrín
Lavagnetta di ardesia



School satchel

Mala escolar – Maletín – Cartella



Brazier

Braseiro – Brasero – Braciere

News and Communication Channels

Notícias e Canais de Comunicação – Noticias y Canales de Comunicación
Notizie e Canali di Comunicazione



“Mensagem de Bragança”
08/02/2024



“União das Misericórdias” 10/02/2024



“La Opinión, El Correo de Zamora”

Blog Laboratorio EDUSAL-LAB





<https://www.youtube.com/@LLND-p8r>

https://www.instagram.com/llnd_lifelearning_eu/



<https://scm-braganca.pt/life-learnig-now-is-digital/>



<https://gipep.usal.es/2025/07/01/presentacion-de-las-actividades-del-proyecto-erasmus-lifelong-learning-now-it-is-digital-llnd/>

III - Stories and Memories

Histórias e Memórias



Santa Casa da Misericórdia de Bragança

Luísa Assunção Isidoro, natural de Meixedo, onde nasceu em 1929, viveu uma infância simples e marcada pelo trabalho. Frequentou a escola primária apenas até à 2.^a classe, pois teve de interromper os estudos muito cedo. Embora os irmãos tenham tido oportunidade de estudar mais, Luísa começou a trabalhar nas lides do campo ainda muito nova. Sabe ler e escrever, apesar de, atualmente a sua visão já não ser a mesma. Recorda com carinho a professora, chamada Natividade, que era de Rabal. Na escola gostava de todas as matérias, mas não teve tempo de as aproveitar como queria, já que saiu cedo para ir viver com os avós. Desde então, dividia os dias entre o trabalho agrícola e as tarefas da casa.



Conheceu o seu marido nos tradicionais bailes das aldeias, quando tinha cerca de 25 anos, e casou-se aos 29. Dessa união nasceram dois filhos: uma filha e um filho, que são o seu grande orgulho. Lembra-se de como os tempos de antigamente eram duros e de como teria gostado de aprender mais na escola. No entanto, sente-se grata pela vida que teve, pelas dificuldades superadas e pela família que construiu.

Atualmente, vive na Estrutura Residencial da Santa Casa da Misericórdia de Bragança onde gosta muito de estar, de participar nas atividades e de conviver com os outros residentes. Com a idade, reconhece que já não é fácil aprender a mexer nos computadores, mas entusiasma-se com os jogos e com a descoberta de coisas novas. Mantém o espírito curioso e ativo, valorizando cada pequeno momento.



Luísa Isidoro was born in 1929 in Meixedo. She had a simple childhood marked by hard work, leaving school after the 2nd grade to help her grandparents with farming and housework. Though her siblings studied longer, Luísa began working young. She can read and write, though her vision has declined. She fondly remembers her kind teacher, Natividade, from Rabal. At age 25, she met her husband at village dances and married at 29, having a daughter and a son. Despite life's hardships, she feels grateful for her family and the life she built. Now living in a care home in Bragança, she enjoys activities, socializing, and even trying games on the computer, staying curious and engaged with the world around her.

Lealdina da Costa Pinho nasceu em São Roque, no concelho de Oliveira de Aze-
méis, no ano de 1947. Cresceu numa família
numerosa, com mais sete irmãos. Atualmen-
te, reside no Lar da Santa Casa da Misericór-
dia de Bragança, para estar mais próxima da
filha, que vive nesta cidade.

Saiu da escola cedo para trabalhar como
gaspeadeira, costurando peças de calçado.



Para conseguir o primeiro emprego disse uma pequena menti-
ra: afirmou que sabia fazer sapatos, mesmo sem nunca ter feito
nenhum. Durante anos, percorreu quilómetros a pé até uma fábrica
no Couto, em São João da Madeira. Saía de casa ainda de noite,
mas fazia-o com gosto, pois amava o que fazia.

Com o tempo, e com a ajuda das colegas, tornou-se numa ex-
celente profissional. Mais tarde passou a trabalhar em casa com o
marido: ela gaspeava e ele pregava.

Frequentou a escola primária de São Roque até ao 3.º ano.
Sabe ler e escrever, embora a escola tenha deixado memórias

agridoces, nomeadamente a professora. Recorda que gostava muito de aprender, mas a professora era severa e, quando chegava atrasada, era castigada com a régua de madeira.

Ainda assim, era inteligente e aprendia depressa. Era uma das melhores a fazer letras e números e ia muitas vezes ao quadro. Lembra-se com carinho do recreio, onde brincava à macaca e adorava estar ao ar livre. Era feliz na escola, apesar de ter de cuidar dos sobrinhos e não ter tempo para estudar como gostaria. Sente que, com mais oportunidades, poderia ter tido um futuro diferente.



Lealdina da Costa Pinho was born in São Roque, Oliveira de Azeméis, and grew up with seven siblings. She now lives in a care home in Bragança, near her daughter. She left school early to work as a shoe stitcher. To get her first job, she pretended to know how to make shoes but quickly learned and became skilled.

She later worked from home with her husband—she stitched, he nailed. Lealdina studied up to the 3rd grade and can read and write. She loved learning but remembers her strict teacher who punished late arrivals. Despite that, she was bright and loved playing outside during recess. Though life was hard, she recalls school fondly and believes she could've achieved more with better opportunities.

Francisco Aníbal Aboim

nasceu em 1946, em Vinhais, onde passou a sua infância e juventude. Desde cedo mostrou-se ativo e empreendedor. Durante as férias escolares ajudava na barbearia do tio, onde cortava cabelos e fazia a barba aos clientes. Ganhou gosto pela arte de barbeiro e chegou a receber várias propostas de trabalho nessa área,



inclusivamente de Paris (França). No entanto, nunca quis seguir esse caminho nem deixar o seu país por esse motivo.

Após essa fase, cumpriu o serviço militar, tendo-se voluntariado para os Comandos. Representou Portugal em Angola, uma experiência que marcaria profundamente a sua vida. Foi em Angola que encontrou o seu segundo lar: lá casou e constituiu família. Esta etapa foi decisiva, moldando não só o seu percurso pessoal, mas também o profissional.

Francisco frequentou a antiga escola de Vinhais até à 4.^a classe. Mais tarde, continuou os estudos na escola agrícola, onde se formou como regente agrícola. Esta formação deu-lhe os conhecimentos e as competências necessárias para se dedicar ao setor da agricultura, uma área que o apaixonava. Aprender a trabalhar com a terra tornou-se parte essencial da sua identidade.

Com um percurso de vida marcado pelo trabalho, pela coragem e pelas escolhas conscientes, Francisco Aboim é exemplo de dedicação, tanto à sua terra natal como às novas raízes que criou em Angola.

Está atualmente na Estrutura Residencial Para Idosos Santa Isabel, da Santa Casa da Misericórdia de Bragança.



Francisco Aboim was born in 1946 in Vinhais, where he spent his childhood and youth. As a boy, he worked at his uncle's barbershop during school holidays, cutting hair and shaving beards. Though he received job offers, even from Paris, he chose not to pursue that path. He later joined the military, volunteering for the Commandos and serving in Angola, which became his second home. There, he married and started a family. Francisco studied at the local school until the 4th grade and later trained as an agricultural technician. Passionate about farming, he found his purpose working the land. Today, he lives at Santa Isabel Residential Home in Bragança, a man marked by courage, hard work, and deep roots in two lands.

Ester da Cunha Rego nasceu em 1938, na Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, sendo uma ‘alfacinha’ de gema. Trabalhou durante grande parte da sua vida como auxiliar de banco ou ação médica nas urgências de vários hospitais da capital, nomeadamente em Almada, Santa Marta e São José. Foi uma profissão exigente, mas da qual guarda boas memórias.



Conheceu o marido em Lisboa e, por amor, mudou-se para Bragança, mais precisamente para a aldeia de Rio Frio, terra natal dele. No entanto, considera essa mudança como o maior erro da sua vida, pois deixou para trás toda a sua vida construída em Lisboa.

Por cá, continuou a sua vocação de cuidar, tendo trabalhado com crianças e idosos, dedicando-se sempre aos outros com empenho.

O seu percurso escolar foi vivido num colégio interno de meninas em Sintra. Após concluir a escola primária, fez a admissão ao liceu e completou o ensino secundário. Confessa que, nessa altura, era muito indisciplinada e, por isso, estava muitas vezes de castigo. Recorda-se de roubar maçãs nos pomares, açúcar na cozinha e de não cumprir tarefas como lavar a loiça. O colégio seguia um regime muito rígido. As meninas, por exemplo, não podiam andar aos pares, apenas em grupos de três, para evitar que combinassem fugir. A sua adolescência foi vivida sempre nesse colégio, até aos 18 anos, num ambiente de regras apertadas e pouca liberdade.



Ester da Cunha Rego was born in 1949 in Lisbon. She worked as a medical assistant in hospital emergency departments in Almada, Santa Marta, and São José. After meeting her husband, she moved to Rio Frio, near Bragança, his hometown. She considers this move a mistake, as her life was in Lisbon. In Bragança, she worked with children and the elderly.

She studied at a strict girls' boarding school in Sintra, where she completed primary and secondary education. Ester often got into trouble, stealing apples and sugar or avoiding chores. The school enforced strict rules; girls had to walk in groups of three to prevent escapes. She remained at the school until she was 18.

Sofia Antónia é um exemplo de força e dedicação. Nasceu em 1932 na aldeia de Santa Cruz, no concelho de Vinhais, e teve quatro filhos, que criou sozinha após a morte prematura do marido, quando ainda eram pequenos.



A sua vida foi inteiramente dedicada ao trabalho no campo, de onde tirava o sustento para alimentar a família e garantir o essencial. Além das tarefas agrícolas, cuidava de um rebanho de ovelhas, que muitas vezes lhe servia como moeda de troca para obter outros bens e alimentos. Com engenho e habilidade, fazia a roupa dela e dos filhos, aproveitando o que a terra e os animais lhe proporcionavam.

Casou-se aos 26 anos e considera o casamento o momento mais feliz da sua vida, embora esse tempo de felicidade tenha sido muito breve.

Nunca saiu da aldeia, pois a sua vida decorreu sempre ali, entre o campo e a família. Com 92 anos, repete frequentemente: "Agora não se trabalha, antes sim", lembrando os tempos em que

o esforço físico era diário e pesado. Nunca teve oportunidade de ir à escola.

Nem ela nem os seus nove irmãos estudaram, pois desde cedo tiveram de ajudar os pais nas lides do campo. Os utensílios que mais guarda na memória são a roca, o fuso, o tear de lãs e todo o material necessário para o processo de fabrico do linho, símbolos de um tempo em que tudo era feito com as próprias mãos. A vida de Sofia Antónia é um testemunho de resistência, trabalho árduo e amor incondicional pela família.



Sofia Antónia, born in 1932 in the village of Santa Cruz, Vinhais, is a symbol of strength and dedication. She raised four children alone after her husband's early death. Her life was devoted to farming, which provided food and essentials for her family. She also kept sheep, often using them for barter, and made clothes for herself and her children. Married at 26, she considers her wedding the happiest moment of her life, though brief. She never attended school, as she and her nine siblings had to help in the fields. At 92, she often says, "People don't work now like we used to." She fondly remembers traditional tools like the spindle, distaff, and loom - symbols of a life built with hard work and love.

Berta Augusta Pires nasceu em 1930, na aldeia de Gondesende, no concelho de Bragança. Teve uma infância simples e ligada à vida rural.

Frequentou a escola até ao 3.º ano, confessando que, na altura, se considerava um pouco preguiçosa. Só mais tarde, já adulta, concluiu o 4.º ano de escolaridade.

Numa visita recente à sua terra natal, Berta mostrou com emoção, a primeira sala



de aula onde estudou. Uma divisão improvisada numa casa particular, já que ainda não existia escola construída na aldeia. Apesar da simplicidade, recorda aquele espaço com grande carinho: era um ambiente cheio de crianças e muito acolhedor. A professora chamava-se Domicilia e era muito carinhosa com os alunos, sendo conhecida como a “boazinha” da aldeia.

Após sair da escola, começou a trabalhar no campo, como era habitual na época. Além disso, desenvolveu gosto e habilidade para trabalhos manuais, em especial a arte de fazer cestas de verga, que produzia com dedicação. Mais tarde, depois de casar, passou também a fazer queijos, aproveitando o leite dos animais que criava.

Berta sempre foi uma mulher ativa e participativa na sua comunidade. Dinamizava as festas da aldeia, cuidava da igreja e chegou a desempenhar funções na junta de freguesia, onde era vista como uma figura de referência e dedicação.



Berta Pires was born in 1930 in Gondesende, a village in the municipality of Bragança. She attended school until the 3rd grade, later completing the 4th grade as an adult. Her first classroom was in a private home, as the village didn't yet have a school building. She fondly remembers the warm and lively atmosphere, and especially her kind teacher, Domicilia, known as “the nice one.” After leaving school, Berta worked in the fields and developed a talent for weaving wicker baskets. After marrying, she also began making cheese from the milk of her animals. A very active member of her community, she organized local festivities, cared for the village church, and served on the parish council.

Jorge Manuel da Silva Marques nasceu a 10 de março de 1961, na cidade de Bragança. Cresceu com duas irmãs mais novas e desde cedo demonstrou uma grande paixão: o futebol. Começou a jogar aos 12 anos, no Clube Académico de Bragança, como guarda-redes. Após concluir a formação, integrou a equipa sénior do Grupo Desportivo de Bragança, na III divisão nacional. Apesar de ter recebido convites de outros clubes para continuar a carreira desportiva, Jorge optou por seguir uma vida profissional mais estável, tornando-se guarda prisional.



Iniciou a sua carreira como guarda prisional em Sintra, passando por várias instituições prisionais ao longo dos anos: Tires, Macau (onde foi formador de guardas), Custóias, Paços de Ferreira, Santa Cruz do Bispo, Izeda e, por fim, Bragança. Ao longo desse percurso, foi sempre reconhecido pela sua dedicação, profissionalismo e sentido de responsabilidade.

É pai de uma filha e avô de dois netos, por quem nutre um carinho imenso. Reformou-se aos 59 anos, preparado para aproveitar a tranquilidade da vida após décadas de trabalho. No entanto, pouco tempo depois, sofreu um grave acidente de viação num local que lhe era familiar, por onde passava todos os dias. O acidente deixou-lhe sequelas físicas que ainda hoje o afetam. Desde então, tem estado em recuperação na Santa Casa da Misericórdia de Bragança, onde mantém o otimismo e a força de vontade de recuperar por completo a sua mobilidade e autonomia.

Os seus passatempos preferidos incluem jogar no tablet, fazer pesquisas na Internet e jogar às cartas, atividades que o mantêm mentalmente ativo e socialmente integrado.

Frequentou a Escola Primária do Toural, em Bragança, onde completou o 4.º ano de escolaridade. Confessa que o que mais

gostava na escola eram os intervalos, momentos que aproveitava para jogar à bola, a sua grande paixão. Conta, com humor, que até se escapava pela janela da sala de aula para dar uns pontapés na bola.

Recorda uma história caricata: "O professor Bi, como era conhecido, andava sempre com uma régua de madeira. Eu era traquina e conhecia bem a régua. Numa manhã de inverno, cheguei mais cedo à escola, fui à gaveta onde ele a guardava e, como havia lareira, pumba... foi-se a régua ao fogo! Anos depois, já fora da escola, contei-lhe a traquinice. Rimo-nos muito."

Jorge continuou os estudos até ao 10.º ano, mas o futebol continuava a ser a sua prioridade. A vida levou-o por outros caminhos, mas a paixão pelo desporto e a sua determinação sempre foram o seu motor.



Jorge Manuel da Silva Marques was born in 1961 in Bragança, Portugal. He attended the Toural Primary School, where he completed the 4th grade. He fondly recalls school breaks, which he used to play football, his biggest passion. Sometimes, he even escaped through the classroom window to kick the ball. One memorable story involves him secretly burning his strict teacher's wooden ruler in the fireplace. Though mischievous, Jorge continued studying until the 10th grade. He later became a prison officer and worked in several locations, including Macau and Bragança. After retiring at 59, a serious car accident left him with physical limitations. He is currently recovering at Santa Casa da Misericórdia de Bragança.

Ângelo Manuel Fernandes nasceu em 1936, na aldeia de Alfaião.

Na sua infância, não teve oportunidade de frequentar a escola, pois desde cedo teve de ajudar os pais no campo, já que o principal sustento da família vinha da agricultura.

Depois de casar, decidiu emigrar para França, em busca de melhores condições de vida para si e para a sua família. No entanto, para conseguir os documentos necessários à emigração, era exigida escolaridade.

Foi então que, já adulto, teve aulas "à pressa" de Português e Matemática, com o objetivo de fazer o exame do 3.º ano. Com um sorriso maroto, conta que foi discretamente ajudado pela professora durante a prova.

No dia seguinte, ao levantar o diploma, foi acompanhado pelo sogro. Numa atitude ousada, este disse ao professor: "Oh professor, ele tanto sabe como diploma da 3.ª como da 4.ª, passe lá o da 4.ª classe." E assim ficou com essa certificação.

Em França, Ângelo trabalhou como carpinteiro e na construção civil, áreas que já conhecia bem desde a juventude, pois aprendera esse ofício na sua aldeia, foi essa a sua verdadeira escola.

Casado e com dois filhos, acabou por regressar a Portugal, pois a esposa nunca se adaptou à vida no estrangeiro. Por cá, continuou ligado à construção, sempre com gosto e dedicação. Considera-se um homem feliz, especialmente por ter trabalhado numa área que o apaixonava: a carpintaria.





Ângelo Fernandes was born in 1936 in the village of Alfaião. As a child, he couldn't attend school because he had to help his parents in the fields. After getting married, he emigrated to France to improve his family's life. To obtain emigration documents, he needed a school certificate, so he took quick lessons in Portuguese and math to pass the 3rd-grade exam, with some help from the supervising teacher. His father-in-law convinced the teacher to issue a 4th-grade diploma. In France, Ângelo worked as a carpenter and in construction, skills he had already learned in his village. He later returned to Portugal when his wife couldn't adapt abroad. He continued working in construction and always felt fulfilled doing what he loved most: carpentry.

Amílcar dos Santos Mouta nasceu em 1942, na aldeia de Agrobom, no concelho de Alfândega da Fé. Desde muito novo esteve ligado ao mundo rural, ajudando a família nas tarefas do campo. Numa visita ao Museu Etnográfico Dr. Belarmino Afonso, da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Amílcar reconheceu com emoção vários utensílios agrícolas que fizeram parte do seu quotidiano. As charruas e o carro de bois são os objetos que mais lhe despertam recordações, símbolos de uma vida de trabalho árduo e dedicação à terra.



Em 1966 foi para a tropa, onde permaneceu durante três anos. Após esse período, regressou à sua aldeia e à agricultura, voltando a cultivar os campos e a cuidar dos animais. Trabalhava muitas vezes "à jeira", ou seja, para outras pessoas, trocando o seu esforço por pagamento em dinheiro ou géneros. Nunca teve a oportunidade de frequentar a escola. Era necessário ajudar em

casa, e o sustento da família falava mais alto. Lamenta não saber ler e escrever, pois gostaria de ter aprendido.

Apesar disso, nos últimos anos, graças à sua fé e à vontade de aprender mais sobre a sua religião, começou a utilizar o computador para ver vídeos e fazer pesquisas. Aprendeu sozinho, com curiosidade e esforço.



Amílcar dos Santos Mouta guarda com carinho as memórias da juventude, e os momentos mais felizes que recorda são aqueles em que a família estava reunida — tempos de união, simplicidade e alegria que ficaram gravados no seu coração.

Amílcar Mouta was born in 1942 in the village of Agrobom, in northern Portugal. He grew up working in agriculture, using traditional tools like ox carts and plows, items he fondly recognized during a visit to the Ethnographic Museum of Bragança. In 1966, he joined the military and served for three years before returning to farming and animal care. He often worked “à jeira,” meaning for others, to help support his household. Amílcar never had the chance to attend school, something he deeply regrets, as he wishes he could read and write. In recent years, his religious interests motivated him to learn how to use a computer to watch videos and search for information. His happiest memories are of times when his family was gathered together.

Zulmira da Piedade dos Inocentes

nasceu em 1935, na aldeia de Portela, no concelho de Bragança. Frequentou a escola primária em Gondesende, uma vez que na sua aldeia não havia escola. Concluiu o 3.º ano de escolaridade, o nível máximo disponível nessa escola. Como ela própria recorda: “Naquele tempo, era raro quem fazia o 4.º ano.”



Guarda boas memórias das aulas de Língua Portuguesa, destacando a sua facilidade em decorar textos, graças à sua excelente memória. A escola funcionava numa casa particular, gentilmente cedida por uma habitante da aldeia, permitindo que as crianças tivessem acesso à educação. Nas paredes, havia fotografias de António de Oliveira Salazar, então ditador de Portugal, e do Marechal Carmona, Presidente da República. Os alunos escreviam com lápis de pedra numa lousa.

Zulmira gostava de estudar e teria desejado continuar, mas o falecimento dos pais obrigou-a a interromper a escola para começar a trabalhar. Exerceu a profissão de empregada doméstica ao longo da vida, passando por Bragança e Lisboa.

Casou-se em 1972 e teve três filhas. Após a reforma, regressou à aldeia de Portela, onde passou a cuidar de familiares.

Entre os seus passatempos preferidos destaca fazer renda, ler e, mais recentemente, participar em atividades digitais, que passou a apreciar graças ao projeto “Lifelearning, Now is digital”. Apesar das dificuldades que enfrentou ao longo da vida, Zulmira afirma que o melhor que teve foram os filhos e a possibilidade de os educar.



Zulmira da Piedade dos Inocentes was born in 1935 in the village of Portela, Bragança. She attended primary school in Gondesende, completing the 3rd grade, the highest level available there. She recalls enjoying Portuguese classes and memorizing texts easily due to her excellent memory. The school operated in a donated private home, with portraits of dictator Salazar and Marshal Carmona on the walls. Pupils used slate and stone pencils. Though she loved studying, she had to leave school after her parents died and worked as a housemaid in Bragança and Lisbon. She married in 1972, had three daughters, and returned to Portela after retirement. Her hobbies include lace-making, reading, and digital activities through the “Life learning, now is digital” project. She values most raising and educating her children.

Manuel Joaquim Domingues

Xavier, mais conhecido por Sr. Chumbo, nasceu em 1938, na aldeia de Milhão, concelho de Bragança. Frequentou a escola da Estacada até ao 4.º ano, prosseguindo os estudos na Escola Industrial e Comercial de



Bragança, onde concluiu o ensino secundário com o curso geral do comércio. Terminou com distinção no exame de aptidão profissional, o que guarda com orgulho. Recorda esses tempos com carinho, sobretudo por terem sido decisivos para a sua vida profissional. As disciplinas de que mais gostava eram Matemática e Francês, áreas em que se destacava.

Após concluir os estudos, começou a trabalhar no comércio local, vendendo material de construção. Foi depois incorporado no serviço militar, onde permaneceu durante quatro anos em Portalegre. Escapou à guerra colonial, pois ficou em Portugal com a missão de formar soldados destinados ao Ultramar. Foi durante esse período que conheceu a mulher da sua vida, num dos bailes populares que frequentava à noite. Casaram-se na década de 1960, em Bragança, cidade onde viveu desde então.

Ao longo da vida, foi comerciante por conta própria, vendendo desde tintas a todos os tipos de materiais de construção. Hoje, apesar das limitações físicas que a idade impõe, mantém-se interessado e ativo, gostando de ver televisão, navegar pelo Facebook e ler os jornais locais.



Manuel Joaquim Domingues Xavier, better known as Mr. Chumbo, was born in 1938 in Milhão, Bragança, Portugal. He studied until the 4th year at the Estacada school, then completed secondary education in commerce at the Industrial and Commercial School of Bragança, graduating with distinction. He fondly remem-

bers school, especially enjoying math and French. After finishing school, he worked in the local construction materials trade. He served four years in the military in Portalegre, training soldiers for the colonial war, which he did not attend. During that time, he met his wife at a local dance and married in the 1960s. A life long independent merchant, he sold everything from paint to construction supplies. Today, he enjoys TV., Facebook, and reading local newspapers.

Ana Rita Afonso nasceu em 1930, na aldeia de Parâmio, concelho de Bragança, e cresceu numa família numerosa com sete irmãos. Frequentou a escola da sua terra natal até ao 2.º ano, mas teve de deixá-la cedo para ajudar o pai nas lides do campo e no cuidado com os animais. Guarda boas memórias desse tempo escolar, especialmente da sua pasta feita de lona, da lousa onde escrevia, e do seu gosto pelas letras. Apesar do pouco tempo de estudo, aprendeu a ler e a escrever — competências que conserva até hoje e que continua a valorizar. Gosta de ler e entreter-se com jogos de palavras, mantendo assim ativa a mente e o gosto pelo saber.



Recorda também com carinho as festas realizadas na escola, que marcavam momentos especiais na sua infância. Após sair da escola, dedicou-se por completo ao trabalho agrícola e à vida doméstica. Teve uma filha e, ao longo dos anos, permaneceu sempre na sua terra, Parâmio.

Atualmente, vive na Estrutura Residencial da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, onde gosta de jogar dominó, realizar trabalhos manuais e, mais recentemente, descobriu o interesse pelas novas tecnologias.

A maior mágoa que carrega é não ter tido a oportunidade de estudar mais. Sente que, com mais educação, teria alcançado outros

caminhos, mas, mesmo assim, mostra-se grata pela vida e pelas aprendizagens que teve.



Ana Rita Afonso was born in 1930 in the village of Parâmio, in the municipality of Bragança. She grew up in a large family with seven siblings. She attended school until the 2nd grade but had to leave early to help her father with farm work and caring for animals. Ana remembers her school days fondly, especially her canvas schoolbag, her slate, and her love for letters. Despite limited schooling, she learned to read and write, skills she still uses and values today. She enjoys reading and word games, keeping her mind active. After leaving school, she devoted herself to agriculture and domestic life. She had a daughter and remained in Parâmio. Now living in a care home, she enjoys playing dominoes, doing crafts, and has recently discovered an interest in new technologies. Her biggest regret is not having studied more.

Maria Teresa Gonçalves nasceu em 1942, na aldeia de Soeira, concelho de Vinhais. Era a irmã mais nova de nove irmãos, numa família numerosa que sempre viveu unida, ajudando-se mutuamente ao longo da vida.

Frequentou a escola primária de Soeira até ao 4.º ano, realizando depois o exame em Bragança. Recorda com carinho a sacola feita pela mãe e pelas irmãs mais velhas, onde levava os livros e o material escolar. Apesar das dificuldades a matemática, gostava da escola e das tradições que se viviam na época.

Uma das mais especiais era a Festa do Galo, celebrada no Carnaval. As crianças percorriam a aldeia com um galo enfeitado e



mascarado, que no final era oferecido à professora como forma de homenagem.

Após concluir a escola, passou a ajudar os pais nas tarefas domésticas, no campo e no cuidado dos animais. Mais tarde, casou-se e foi viver para Bragança, onde começou a trabalhar como vigilante numa escola. Tinha um gosto especial pelo convívio com as crianças, o que lhe trouxe muitas amizades que conserva até hoje. A sua vida manteve-se sempre ligada ao ambiente escolar, mesmo fora da sala de aula.

Guarda com emoção os momentos da infância com os irmãos e os pais. Um dos irmãos tocava bandolim, e os serões eram animados com música, canto e dança.

Lamenta apenas não ter aprendido a escrever no computador enquanto trabalhava na escola, algo que ainda gostaria de ter dominado.



Maria Teresa Gonçalves was born in 1942 in Soeira, Vinhais. She was the youngest of nine siblings. She attended the village primary school until the 4th grade and later took her exam in Bragança. School was a meaningful part of her life, she fondly recalls her hand-made school bag, the lessons, and especially the traditions like the “Festa do Galo” during Carnival, when children paraded a decorated rooster and offered it to the teacher. Although math was challenging, she enjoyed learning and valued her time at school. Later in life, she worked as a school caretaker in Bragança, where her connection to the school environment continued.

She loved interacting with children and formed lasting friendships. Her only regret is not having learned to use a computer while working at the school.

Laurinda Maria do Rosário Bragada

nasceu em 1927, na aldeia de Milhão, concelho de Bragança, e cresceu numa família com seis irmãos. Frequentou a escola primária em Milhão até à 3.^a classe, guardando memórias vivas desse tempo, como as idas às pedreiras da aldeia para recolher pedra e fabricar os próprios lápis. Tinha particular gosto pelos números, especialmente pela tabuada e, nos intervalos, gostava de jogar à macaca com os colegas.



A sua experiência escolar foi interrompida quando uma tia a levou para Lisboa. No entanto, alguns anos depois, regressou a Bragança e, com vontade de aprender, mesmo já em adulta, voltou à escola e concluiu a 4.^a classe. A avó, que era tecedeira, desejava que a tradição familiar da tecelagem continuasse, e Laurinda aprendeu e exerceu esse ofício até ao casamento.

Após casar, passou a cuidar de crianças em casa, uma tarefa que desempenhou com dedicação numa época em que havia poucos infantários. Esse trabalho foi a grande paixão da sua vida e a fonte das suas maiores alegrias. Hoje, Laurinda vive tranquilamente os seus dias, ocupando-se com a leitura e a oração, duas atividades que lhe trazem serenidade e continuam a alimentar o seu gosto pelo conhecimento e pela espiritualidade.



Laurinda Maria do Rosário Bragada was born in 1927 in the village of Milhão, in the municipality of Bragança. She grew up with six siblings and attended primary school until the 3rd grade. She fondly remembers collecting stone from local quarries to make pencils. Laurinda enjoyed numbers, especially the times tables, and played hopscotch during breaks. Her studies were interrupted when

aunts took her to Lisbon, but she returned to Bragança to learn weaving from her grandmother, a family tradition she continued until marriage. Later, she cared for children at home, a role she loved deeply. As an adult, she returned to school to complete the 4th grade. Today, she spends her time reading and praying, finding peace in both.

Manuel António Veiga

nasceu em 1947, em Curopos, Vinhais. Frequentou a escola primária da aldeia até à 4ª classe, tendo feito o exame em Vinhais. Lembra-se da sala de aula, das mesas e da professora ser um pouco severa. Um epi-



sódio marcante foi quando foi injustamente acusado de roubar o lápis da professora, usado para marcar faltas. Uma colega apontou-o como culpado e, sem verificar a verdade, a professora deu-lhe 50 reguadas. Mais tarde, encontrou o lápis dentro de um livro. Nunca esqueceu essa injustiça. Apesar disso, recorda também momentos felizes, como as brincadeiras e os jogos tradicionais da região: a bilharda, o jogo do pião, o da porca e o futebol com bola de trapos. Gostava de decorar serras e livros, especialmente em Geografia. Durante as férias, ajudava os pais no campo.

Quando saiu da escola, passou a tomar conta do rebanho de ovelhas até aos 16 anos e ajudava o pai na carpintaria. Cumpriu o serviço militar na Guerra de África nos anos 70. Trabalhou nos transportes públicos, em Lisboa, emigrando, depois, para a Alemanha, onde viveu 15 anos. Após o falecimento da esposa e já com problemas de saúde, entrou para a estrutura residencial da Santa Casa, onde reside atualmente. Apesar das limitações físicas, mantém-se ativo com as novas tecnologias, explorando a internet, redes sociais, e-mails e dedicando-se à leitura.



Manuel António Veiga was born in 1947 in Curopos, Vinhais. He attended primary school in his village and later took exams in Vinhais. He recalls strict teachers and once being unfairly punished for allegedly stealing a pencil, which was later found. Despite this, he enjoyed traditional games like bilharda, spinning tops, and rag ball football. He loved geography and memorizing mountain ranges. During school breaks, he helped his parents on the farm. He later tended sheep and assisted his father in carpentry. He served in the African War in the 1970s, worked on the railways in Lisbon, and emigrated to Germany for 15 years. After his wife's death and health issues, he moved to a care home, where he remains active online, reading and using social media.

Emília Gomes nasceu a 25 de janeiro de 1966, sendo natural de Bragança, Rua dos Batoques. Frequentou a Escola Primária do Toural até à 4.ª classe, período em que viveu uma infância muito feliz. Guarda com carinho as memórias das colegas e da professora, recordando os momentos em que iam juntas para a escola e os recreios passados a brincar ao “cuxi pé”, à “macaca” e ao “esconde-esconde”. São tempos que ainda hoje recorda com saudade.



Após o ensino primário, prosseguiu os estudos na Escola Preparatória da Sé, onde completou o 5.º e o 6.º ano. Mais tarde, ingressou no Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, onde concluiu o 12.º ano. Sempre demonstrou gosto pelos estudos, sendo uma aluna dedicada e empenhada.

Terminando o ensino secundário, trabalhou durante nove meses na Administração Regional de Saúde, desempenhando funções administrativas na área da saúde. Posteriormente, matricu-

lou-se no Instituto Politécnico de Bragança, no curso de Matemática e Ciências. No entanto, por motivos de saúde, não conseguiu concluir a formação, tendo sido hospitalizada.

Emília sempre ajudou a mãe nas tarefas domésticas, gostando particularmente de ir às compras e de passear. Uma das suas grandes paixões é a culinária, sendo o seu bolo de manteiga uma das especialidades mais apreciadas por quem a conhece.

Há cerca de 12 anos começou a frequentar o Centro de Educação Especial, onde continua a aprender, a desenvolver competências e a conviver com os colegas e os profissionais que a acompanham com dedicação.



Emília Gomes was born on January 25, 1966, in Bragança. She had a happy childhood, attending Toural Primary School and later studying until the 12th grade at Emídio Garcia School. Dedicated to her studies, she worked in health administration before enrolling at the Polytechnic Institute of Bragança. Health issues interrupted her education. Passionate about cooking, especially her famous butter cake, she has been attending the Special Education Center for over 12 years, where she continues learning and enjoying daily life.

Marisa Borges nasceu a 10 de junho de 1978 e é natural de Bragança. Iniciou o seu percurso escolar na Escola E.B.1 da Mãe D'Água, que frequentou até à 4.ª classe. Apesar de raramente faltar às aulas, não era considerada uma aluna muito aplicada, tendo como momento preferido o recreio. Nessa altura, brincava com os colegas “à macaca”,



ao “esconde-esconde”, ao “elástico” e a outros jogos populares da infância. Recorda com saudade essa fase da vida em que se sentia muito feliz.

Uma das suas memórias mais marcantes da escola foi o dia em que uma colega atravessou a rede do recinto escolar e Marisa, aproveitando um momento de distração da assistente operacional, decidiu segui-la.

Em casa, ajudava a mãe nas tarefas domésticas. Mais tarde, prosseguiu os estudos na Escola Preparatória Paulo Quintela, onde completou o 5.º e o 6.º ano de escolaridade. A disciplina de que mais gostava era Educação Física, com especial interesse pela ginástica e pelo futebol. Por outro lado, Matemática e Inglês eram as disciplinas que considerava mais difíceis.

Posteriormente, frequentou o ensino noturno na Escola Abade de Baçal até ao 9.º ano, que não chegou a concluir. Optou por realizar um curso de jardinagem, que lhe deu equivalência ao 9.º ano. Sentia-se particularmente motivada nas aulas práticas, onde aprendeu a fazer canteiros, plantar e regar. Realizou um estágio no Santo Condestável e, depois dessa experiência, candidatou-se à um emprego na Câmara Municipal de Bragança. Chegou a ser entrevistada, mas não foi selecionada para a vaga.

Há praticamente 12 anos que frequenta o Centro de Educação Especial, onde desempenhou funções durante vários anos na lavandaria, colaborando na lavagem, secagem, dobra e organização da roupa. Gosta de estar no Centro, onde é acarinhada e apoiada, mas mantém o desejo de um dia poder trabalhar no exterior e realizar novos projetos pessoais.



Marisa Borges Born on June 10, 1978, in Bragança and started school at Mãe d'Água Primary. She enjoyed recess games more than studying. After finishing the 4th grade, she continued at Paulo Quintela School, favoring Physical Education. She later completed a gar-

dening course and interned at Santo Condestável. Des-pite not being hired, she remained motivated. For nearly 12 years, she has aten-ted the Special Education Center, where she worked in the laundry and still dreams of working outside one day.

Adérito Rodrigues nasceu a 5 de novembro de 1980 e é natural de Bragança. Desde os 8 anos vive e estuda no Centro de Educação Especial (CEE), instituição que considera o seu lar há mais de 36 anos.

Foi no CEE que realizou o 1.º ciclo do ensino básico, tendo aulas de Português, Matemática e Meio Físico. Nessa fase, convivia com muitos colegas e passava os recreios a brincar, jogando à apanhada, futebol e outras atividades que tornavam os dias animados e cheios de alegria.

Guarda na memória alguns episódios marcantes, como o dia em que chegou atrasado à sala de aula e foi castigado, experiência que o marcou e que o ensinou a ser pontual dali em diante. Recorda também uma tentativa de fuga do Centro, que terminou rapidamente ao ser apanhado por um motorista. Sempre demonstrou interesse por atividades manuais, com especial gosto pelo trabalho com barro, e destacava-se pelo entusiasmo nas aulas de Matemática.

Durante o 2.º ciclo, foi selecionado para integrar uma equipa de futsal com mais seis colegas. Participaram num torneio em Lisboa, onde dormiram num quartel. Foi uma experiência inesquecível e muito divertida para ele.

Embora vivesse no Centro durante a semana, aos fins de semana ia para casa da mãe, onde também vivia o irmão. Nessa altura, ajudava nas tarefas domésticas e no cuidado dos jardins.



Em 2019, frequentou um curso de jardinagem em Macedo de Cavaleiros. Apesar de ter terminado mais cedo do que o previsto devido à pandemia da Covid-19, foi uma experiência enriquecedora. Uma das histórias mais curiosas do seu percurso no Centro foi o dia em que fugiu para um galinheiro, levando todos a procurá-lo e acabou por ser encontrado pela antiga diretora.

Adérito sente-se bem no Centro de Educação Especial, onde vive há mais de três décadas e construiu laços fortes com a comunidade que o acompanha.



Adérito Rodrigues was born on November 5, 1980, in Bragança. He has lived and studied at the Special Education Center since age 8. Fond of math and sports, he once traveled to Lisbon to play futsal. He enjoyed working with clay and helping in his mother's garden. In 2019, he completed a gardening course, but the pandemic cut it short. Known for his mischief, including hiding in a chicken coop, he now considers the Center his lifelong home, where he feels safe and supported.

Emília Bastião nasceu no dia 2 de julho de 1968, na pequena aldeia de Gebelim, no concelho de Alfândega da Fé. É filha de uma família numerosa, tendo nove irmãos. Frequentou a Escola Primária de Gebelim até à 2.^a classe. Tinha grande apreço pela professora, que também demonstrava carinho por ela. Era uma aluna bem-comportada, embora tivesse pouca inclinação para os estudos, sentindo que as matérias escolares eram muito difíceis de compreender.



Na escola, as atividades que mais lhe agradavam eram pintar e desenhar. Também gostava de brincar com os colegas, especialmente a jogar ao pião. No final da 2.^a classe, viu-se obrigada a abandonar a escola para cuidar da mãe, que se encontrava doente. Desde então, passou a desempenhar várias tarefas domésticas, com destaque para a cozinha, atividade que sempre apreciou.

Colaborava ainda nos trabalhos agrícolas, como cavar batatas, arrancar ervas e partir lenha. Lembra-se de ter carregado muitos feixes de lenha à cabeça, para acender o lume. Participava também na preparação do fumeiro e destacava-se na confeção de um doce tradicional, as rosquilhas, cuja receita ainda hoje conhece de cor.

Mais tarde, retomou os estudos por um breve período, em horário noturno, na localidade de Soeima.

Após o falecimento dos pais, foi convidada pelo irmão a mudar-se para Bragança e passar a residir no Centro de Educação Especial. Aceitou o convite e vive no Centro há já vários anos e, embora regresse poucas vezes à terra natal, sente muitas saudades de Gebelim, que guarda com carinho na memória.



Emília Bastião was born on July 2, 1968, in Gebelim, Alfândega da Fé. She left school after 2nd grade to care for her ill mother. Despite her learning struggles, she enjoyed painting and drawing. She helped with farming and household chores and was known for her delicious rosquilhas. She briefly returned to school in Soeima and later moved to the Special Education Center in Bragança after her parents passed. Emília still longs to visit Gebelim, a place full of childhood memories.

António Fernandes nasceu a 9 de maio de 1976 e é natural de Mogadouro. Frequentou a Escola Primária daquela localidade até à 4.^a classe, período durante o qual foi um aluno razoável, demonstrando gosto pela escola. Teve dois professores ao longo do ensino primário. A disciplina em que sentia mais dificuldades era Matemática, enquanto Português era a sua preferida.



Nos recreios divertia-se com diversas brincadeiras, como jogar à bola, ao pé-coxinho, saltar à corda e andar nos baloiços do pátio.

Após concluir a 4.^a classe, começou a trabalhar com o pai e os irmãos mais velhos na serralharia da família. Executavam trabalhos como ferraduras para cavalos, portas de alumínio, janelas e grades. Mais tarde, decidiu continuar os estudos e matriculou-se no liceu de Mogadouro, onde frequentou o 5.º ano em regime noturno, conciliando os estudos com o trabalho diurno na serralharia.

Foi chamado à inspeção militar no Porto, mas, devido a um problema de saúde, foi considerado inapto para o serviço. Regressou então a Mogadouro e continuou a trabalhar até à reforma do pai. Com a aposentação, os irmãos optaram por fechar a empresa e emigraram para França. António permaneceu em Mogadouro, onde, infelizmente, passou por uma fase difícil e cometeu alguns erros dos quais se arrepende profundamente.

Foi nessa altura que os pais consideraram ser melhor ele mudar-se para o Centro de Educação Especial (CEE) em Bragança. Reside no CEE há mais de 25 anos. Nos primeiros tempos, regressava com frequência a Mogadouro aos fins de semana, no mês de agosto e nas férias. Atualmente, essas visitas são mais raras, mas continua a sentir muitas saudades da sua terra natal e mantém o desejo de a poder visitar mais vezes.



António Fernandes, born on May 9, 1976, in Mogadouro, studied until 4th grade and later worked in his family's metal workshop. He briefly resumed studies at night school but didn't complete them. After the workshop closed, he struggled with personal issues and moved to the Special Education Center in Bragança. He has lived there for over 25 years. Though he rarely visits Mogadouro now, he misses his hometown and the life he once had with family and work.

Fernando Pereira nasceu a 15 de setembro de 1965, em Givors, França, uma cidade localizada a cerca de 50 km de Lyon. Realizou todo o seu percurso escolar em Lyon, tendo concluído o 12.º ano no Colégio Bellecombe. Durante a juventude, era um jovem introvertido, frequentemente encontrado na biblioteca, onde cultivava o gosto pela pesquisa sobre os mais diversos temas. Esse hábito levou-o a descobrir a sua vocação para a Psicologia Clínica.



Após concluir o ensino secundário, ingressou no LycéeduParc, onde estudou Psicologia Clínica durante três anos. Paralelamente aos estudos, desenvolveu outra das suas grandes paixões: a pastelaria. Trabalhou como ajudante de pasteleiro na pastelaria “Pee-cheeMignon”, onde aprendeu muito com colegas experientes que o ensinaram técnicas valiosas e o ajudaram a crescer profissionalmente.

Na década de 1990, depois de refletir profundamente sobre o rumo da sua vida, decidiu regressar a Portugal. A decisão foi difícil, pois sentia-se dividido entre continuar em França ou regressar às suas raízes. O regresso ao país não foi simples, por motivos burocráticos e políticos não lhe foram atribuídas equivalências escola-

res além do 6.º ano. Apesar de ter tentado resolver a situação junto do Consulado, não obteve resultados satisfatórios. Ainda assim, não desistiu. Recomeçou os estudos a partir do 7.º ano na Escola Emídio Garcia, em Bragança, onde concluiu novamente o 12.º ano.

Concluída esta etapa, iniciou o seu percurso profissional. Começou por trabalhar como pasteleiro, função que exerceu durante cerca de dois anos. Mais tarde, trabalhou num café, servindo à mesa, durante mais de três anos. Posteriormente, aventurou-se no setor empresarial ao associar-se a outra pessoa para abrir uma pastelaria nos arredores de Bragança. O negócio teve um bom início, mas devido a contratempos, a sociedade foi dissolvida e a pastelaria encerrada.

O seu percurso profissional culminou com a sua passagem pelo Hotel São Lázaro, em Bragança. Há cerca de 12 anos, por decisão própria, ingressou no Centro de Educação Especial (CEE), onde permanece até hoje. Sempre que tem oportunidade, regressa à sua casa, situada na aldeia de Nogueira, lugar pelo qual mantém grande afeto.



Fernando Pereira was born on September 15, 1965, in Givors, France. A quiet student, he discovered a passion for clinical psychology and also worked as a pastry assistant. After returning to Portugal in the 1990s, he faced challenges with school equivalency and restarted his studies in Bragança. He later worked in cafés and co-owned a pastry shop. After closing the business, he joined the Hotel São Lázaro. For the past 12 years, he has lived at the Special Education Center, still visiting his home in Nogueira.

Maria de Fátima Gonçalves nasceu no dia 20 de novembro de 1958, na cidade de Bragança. Cresceu rodeada por sete irmãos e viveu toda a infância na aldeia de Rabal, no concelho de Bragança. Iniciou o seu percurso escolar aos 6 anos, na escola primária da aldeia. No entanto, rapidamente percebeu



que não estava a aprender como esperava, uma vez que a professora se ausentava com frequência para ir ao café, deixando os alunos sem orientação. Sentindo que a sua permanência na escola era pouco proveitosa, pediu aos pais para abandonar os estudos.

Apesar disso, guarda boas memórias dos momentos de recreio, onde brincava com os colegas ao “esconde-esconde”, à “macaca”, à “cabra-cega”, à “apanhada” e ao “jogo do lenço”. Quando as professoras não estavam presentes, era comum os alunos irem brincar para o recreio até serem chamados de volta. Esse tempo ficou também marcado por alguns conflitos com as docentes, que, segundo Maria de Fátima, sentiam alguma vergonha dos alunos.

Depois de sair da escola, começou a ajudar os pais nos trabalhos do campo. Cuidava das vinhas, ajudava no feno, na cegada e na plantação de batatas. Havia um espírito de entreajuda com os vizinhos, que colaboravam entre si. Em casa, partilhava com a mãe as tarefas domésticas, como arrumar a casa e lavar roupa. Foi um tempo de grandes dificuldades: viviam sem eletricidade, iluminados apenas por candeias, e a água era transportada da fonte. Ainda assim, nunca passaram fome.

Um dos aspetos mais felizes da sua juventude foram os bailes populares da aldeia, momentos de grande alegria partilhados com os irmãos. Foi também num desses bailes que conheceu o rapaz com quem viria a namorar. Aos 32 anos, tornou-se mãe. Devido a

complicações durante a gravidez, foi internada no Hospital de Santo António, no Porto. Tanto ela como o filho passaram por um longo período hospitalar. Após a recuperação, regressaram à aldeia, onde retomou os trabalhos agrícolas.

Mais tarde, viveu em Macedo de Cavaleiros numa família de acolhimento e, posteriormente, em Braga. Longe da restante família, procurou apoio junto da irmã e da madrinha do filho. Com a ajuda delas, encontraram o Centro de Educação Especial, onde já estão há mais de 10 anos. Maria de Fátima sente-se feliz por ter o filho consigo e por nunca mais se terem separado. Visita frequentemente a irmã em Bragança, onde passam fins de semana e celebram festas em família, mantendo viva a ligação às suas raízes.



Maria de Fátima Gonçalves was born on November 20, 1958, in Bragança and grew up in Rabal. Disappointed by poor schooling, she left early to help her family with farming and housework. She later met her partner at village dances and had a son at 32. After years in rural life, she moved to Macedo de Cavaleiros and then to Braga. Eventually, she and her son found support at the Special Education Center, where they've lived for over 10 years, enjoying time with family during holidays.

Sandra Morais nasceu a 13 de janeiro de 1977, em Vila Flor. Cresceu numa família numerosa com sete irmãos e frequentou a escola primária em Seixo de Manhoses, onde estudou até à 4.^a classe. Sempre demonstrou gosto pela escola, com especial apreço pela disciplina de Português. Nos intervalos, divertia-se com os colegas em brincadeiras como a ma-



caca, o jogo do prego (em que chegou a magoar-se com um ferro no dedo, uma das muitas travessuras da infância), berlinde e saltar à corda. Os aniversários na escola eram momentos muito especiais para ela, com bolinhos, sumos e o tão adorado leite escolar.

Ao concluir a escola primária, tencionava continuar os estudos na Escola Preparatória de Vila Flor. No entanto, acabou por se mudar para França com um dos irmãos, onde cuidou de uma sobrinha durante cerca de três anos. As saudades dos pais falaram mais alto e Sandra regressou a Portugal. De volta, retomou os estudos, frequentando em regime noturno o 5.º e 6.º anos, também em Seixo de Manhoses.

Começou a trabalhar nas vindimas para produtores ingleses e também na apanha da azeitona. Mais tarde, assumiu um papel essencial em casa, ao cuidar dos pais idosos. Surgiu-lhe a oportunidade de trabalhar nas vindimas na Suíça mas, por vontade da família, em especial dos pais, optou por permanecer em Portugal.

Após o falecimento do pai, uma das irmãs convidou-a para trabalhar no restaurante Sol da Noite, em Vila Flor. Ali desempenhou funções de atendimento à mesa e serviço no bar, experiência que recorda com saudade. Mais tarde, com o agravamento do estado de saúde da mãe, deixou o restaurante para se dedicar novamente aos cuidados familiares.

Com a morte da mãe, passou por um período difícil, agravado pelo regresso de um irmão vindo de França. Há cerca de 19 anos, ingressou no Centro de Educação Especial, onde permanece até hoje. A adaptação foi desafiante, mas ao longo do tempo conseguiu recuperar o equilíbrio e construir uma nova rotina. Atualmente, trabalha na lavandaria da Santa Casa da Misericórdia, onde se sente útil e valorizada, apreciando o ambiente de trabalho e o convívio com os colegas.

Sempre que tem oportunidade, Sandra regressa a Seixo de Manhoses para visitar a família e manter viva a ligação às suas origens.



Sandra Moraes born on January 13, 1977, in Vila Flor and enjoyed school and Portuguese class. She spent time in France caring for a niece before returning to Portugal and continuing her studies at night. She worked in agriculture and later at a restaurant. After caring for her sick parents, she faced family difficulties and moved to the Special Education Center, where she has lived for 19 years. Sandra now works at the Santa Casa da Misericórdia laundry and visits her hometown whenever possible.

Odete dos Santos Benites nasceu a 25 de maio de 1951, na aldeia de **Portelo**, no concelho de Bragança, um lugar que guarda com muito carinho e onde viveu momentos felizes da sua infância. Cresceu numa família numerosa, com sete irmãos, embora alguns já tenham falecido.

O percurso escolar de Odete foi marcado por grandes dificuldades. Nunca teve gosto pelos estudos e enfrentou problemas de aprendizagem desde cedo, agravados por um episódio de meningite que sofreu ainda antes de completar um ano de idade, e que lhe deixou sequelas significativas. Na escola, sentiu-se por vezes maltratada por professoras e incompreendida, o que contribuiu para que a sua experiência escolar não fosse feliz. Chegou mesmo a ser avaliada por uma junta médica, com o objetivo de poder sair da escola mais cedo. Ainda assim, conseguiu aprender algumas letras e, embora



na infância não soubesse escrever o próprio nome, hoje orgulha-se de já o conseguir fazer.

Apesar das dificuldades, Odete recorda com ternura os momentos de recreio, onde se divertia com os colegas a brincar ao jogo da roda e a descer as barreiras próximas da escola. Esses instantes de brincadeira foram dos poucos momentos de alegria durante o tempo escolar.

Terminada a escola, mesmo com as suas limitações de saúde, trabalhou intensamente. Em casa, cuidava das tarefas domésticas, ajudava na agricultura e tratava dos animais. A sua família vivia da terra e também do trabalho na serra, onde os pais se dedicavam à produção de carvão. Havia ainda uma taberna na aldeia, gerida sobretudo pelas irmãs, já que Odete, por motivos de saúde, passava por vezes longos períodos de repouso, chegando a ficar até quinze dias na cama. Ainda assim, ouviu muitas histórias contadas pelos homens que frequentavam a taberna, histórias de que hoje guarda apenas fragmentos e que prefere, talvez, não recordar em pormenor.

Mais tarde, Odete ingressou no Centro de Educação Especial de Bragança, onde viveu com uma das suas irmãs, já falecida. Desde então, permanece no Centro, onde construiu uma nova etapa da sua vida, marcada por afeto, estabilidade e continuidade.



Odete Benites was born on May 25, 1951, in Portelo, Bragança. Childhood meningitis left her with health issues that made school difficult. Despite mistreatment at school, she learned basic literacy skills. Odete helped with farm work and house chores, while her family ran a small tavern. Later, she moved to the Special Education Center with her sister, who has since passed away. Odete now considers the Center her home and lives a peaceful life filled with cherished memories of her village.

Liseta de Fátima Baptista nasceu a 9 de setembro de 1954 na aldeia de Failde, concelho de Bragança. Foi para Angola ainda bebé, onde cresceu e estudou. Voltou para Portugal em julho de 1975, para a aldeia de Carrazedo, Bragança. Passados dois meses foi morar para Bragança, até hoje. Era um apartamento, onde vivia com os seus pais, com os quatro irmãos e com a avó materna. Quando voltou a Portugal, foi um choque muito grande, a cultura era totalmente diferente, era tudo mais “atrasado” do que em Angola.



O seu percurso escolar foi feito em Angola, onde fez os vários ciclos de ensino e se formou como professora primária no antigo magistério. Após alguns anos de exercício como professora fez um Curso de Estudos Superiores Especializados (CESE) - Ensino do Precoce do Francês no Primeiro Ciclo.

Da escola primária não tem boas recordações, pois a professora era muito exigente e batia-lhe com frequência. Contudo, lembra que era feliz no recreio, onde brincava com os seus amigos. Recorda com saudade as professoras de Inglês e de Francês do 9.º ano.

Todo o seu percurso de vida adulta foi dedicado ao ensino, onde se sentiu realizada como pessoa. Tratava os seus alunos como se fossem seus “filhos”, com muito carinho. Como nunca foi mãe, dedicou a sua vida aos seus alunos, e diz que se sentia realizada, pois estes ocupavam um lugar especial no seu coração. O que a fez sempre muito feliz.

Refere que gostava, um dia, de ser lembrada como uma pessoa boa, altruísta e sempre disposta a ajudar os outros.



Liseta de Fátima Baptista was born on September 9th, 1954, in the village of Failde, in the municipality of Bragança. She went to Angola when she was still a baby, where she grew up and studied. She returned to Portugal in July 1975, to the village of Carrazedo, Bragança. After two months, she moved to Bragança, where she lives to this day.

Her entire adult life was dedicated to teaching, where she felt fulfilled as a person. She treated her students as if they were her “children”, with great affection. Since she was never a mother, she dedicated her life to her students, and says that she felt fulfilled, as they held a special place in her heart. She says that she would like to one day be remembered as a good, altruistic person who was always willing to help others.

Maria Beatriz da Silva nasceu a 18 de Março de 1955 na aldeia de Mogrão, Arcas, pertencente ao concelho de Macedo de Cavaleiros. Filha de agricultores, cresceu num mundo rural juntamente com os seus sete irmãos. Frequentou a escola primária desta aldeia numa turma pequena de dez alunos onde o caderno ainda não existia. Tinha uma lousa e um lápis de pedra para escrever.



Durante a sua vida adulta viveu em vários lugares, onde exerceu atividades profissionais distintas. Em Paris, França foi empregada doméstica e mais tarde governanta de uma casa. Mais tarde trabalhou como auxiliar infantil num jardim de infância e ainda como auxiliar num lar de idosos. Voltou para Portugal e tornou-se numa cuidadora numa família de acolhimento, para pessoas idosas, durante 13 anos na localidade de Ervedosa, pertencente ao concelho de Vinhais.

O seu percurso escolar foi apenas de quatro anos, na escola fez amigos, dos quais ainda tem boas recordações e mantém con-

tacto com a maioria. Lembra os momentos de brincadeira no recreio, onde corriam livremente e jogavam à “macaca” e saltavam à corda, entre outras brincadeiras.

Na sala de aula, gostava de aprender, pois acreditava que era essencial saber ler e escrever bem para poder singrar na vida, embora a matemática fosse um desafio e não tivesse grande gosto por essa disciplina. Todo o seu percurso de vida foi dedicado aos outros, desde o cuidado com os filhos até às atividades profissionais, sempre ligadas à área do cuidar, das crianças aos mais velhos. Em síntese, diz que gostaria de um dia ser lembrada como alguém que fez o melhor pelos filhos, para que pudessem ser pessoas de sucesso: “Dar o meu melhor pelos meus filhos!”



Maria Beatriz da Silva was born on 18th March 1955 in the village of Mogrão, Arcas, in the municipality of Macedo de Cavaleiros. The daughter of farmers, she grew up in a rural environment with her seven siblings. She attended primary school in this village in a small class of ten students where notebooks did not yet exist, and she had a blackboard and a stone pencil to write with.

Her school career lasted only 4 years. She made friends at school, most of whom she still has fond memories of and keeps in touch with. She remembers the moments of playing in the playground, where they would run around freely and play hopscotch and jump rope, among other games. In the classroom, she enjoyed learning, because she thought she had to be able to read and write well in order to succeed in life. Mathematics, on the other hand, was a challenge, and she didn't really like this subject. Her entire life path was dedicated to helping others, from taking care of her children to her professional activities, which were always in the area of caring for children and the elderly. In short, she tells us that she would like to one day be remembered as someone who did her best so that her children could become successful people. “To do my best for my children!”

Maria Judite nasceu a 3 de fevereiro de 1932 em Baião. Onde viveu até à idade adulta. Após o casamento foi morar para a cidade do Porto com o seu marido onde permaneceu durante a sua vida adulta e construiu a sua família.



Nunca foi à escola, refere que eram tempos difíceis e os seus pais não tiveram possibilidade de a deixar estudar. Desde muito pequena que realizava as tarefas e lides da casa enquanto os pais iam trabalhar para o campo. Entre as tarefas domésticas tinha tempo para brincar com os seus irmãos, em casa e na rua, onde corriam livremente e faziam muitas traquinices.

Tomava conta dos seus irmãos mais novos. O seu irmão foi para a escola, mas a sua irmã não pôde ir para a escola. Diz que gostava de ter tido a mesma oportunidade que o seu irmão e de ter frequentado a escola e que o seu avô lhe dizia que se tivesse dinheiro a mandava para um colégio estudar, pelo menos para aprender a ler e escrever. Naquele tempo era frequente dar mais oportunidade aos rapazes de frequentarem a escola e as meninas tinham de aprender a ser boas donas de casa. Depois de se casar teve dois filhos, quando estes eram pequenos ficou em casa a tomar conta deles e a cuidar da casa. Quando eles foram para a escola começou a trabalhar como empregada doméstica na casa de um importante político português. Fala com muito orgulho do seu trabalho. Diz que fazia tudo com muito gosto e que gostava de ser perfeccionista nas suas tarefas. Cozinhava, passava a ferro as suas roupas, limpava a casa e ainda cuidava das crianças do casal. Conta que foram dias felizes e que a tratavam com muito respeito.



Maria Judite was born on February 3th, 1932 in Baião, where she lived until she was an adult. After getting married, she moved to the city of Porto with her husband, where she remained throughout her adult life and raised her family. She never went to school. She mentions that times were hard and her parents could not let her study. From a very young age, she did the housework and chores while her parents went to work in the fields. Between household chores, she had time to play with her brothers, at home and on the street, where they ran around freely and got into a lot of mischief. He took care of his younger brothers. Her brother went to school, but her sister was also unable to go to school. She says that she would have liked to have had the same opportunity as her brother and to have gone to school. Her grandfather told her that if he had money, he would send her to school to study, at least to learn to read and write.

António José Medeiros nasceu a 1 de junho de 1955 na cidade de Bragança. No lugar onde nasceu era onde faziam a feira, era aonde vinha o circo e faziam a festa do Santo António, onde viveu com os seus pais e com os seus oito irmãos.

Frequentou a escola até ao 4.º ano de escolaridade, na escola primária das Beatas e na escola primária da Estacada. A sua disciplina preferida era o Português. A sua professora era uma pessoa meiga e deixou-lhe boas recordações.

Era uma criança muito traquina e gostava mais de brincar do que de estar na escola. Ali jogava à bola mas, muitas vezes, faltava às aulas pois fugia, juntamente com os seus amigos, até ao rio para brincarem. Os seus pais não gostavam nada que ele fugisse da escola e ficavam muito zangados com ele. Colocavam-no de castigo e, por vezes, o seu pai tomava medidas mais severas e



batia-lhe com o cinto. Mas nem assim o demovia a voltar a escapar-se da escola para brincar.

Refere que o fazia porque as aulas eram aborrecidas e o método de ensino era rigoroso e austero. As crianças estavam divididas, os rapazes numa sala e as meninas noutra e nunca se cruzavam. Diz que se o ensino fosse mais flexível, naquela altura, que talvez tivesse mais interesse em estar na escola, mas também diz que se fosse como nos dias de hoje também era difícil, pois as crianças aprendem muitas coisas e têm muitas disciplinas que as deixam saturadas. Acha que terem de usar computadores torna tudo mais complicado do que no seu tempo de estudante, pois os livros eram mais fáceis de entender.

Uma vez que não queria estudar, começou a trabalhar muito jovem na construção civil. Mais tarde trabalhou numa pastelaria na confeção dos bolos. Emigrou para Espanha onde viveu mais de 20 anos e teve quatro filhos. Em Espanha trabalhou em Madrid, na construção civil, e em Logroño na agricultura. Reformou-se aos 65 anos por se encontrar doente e voltou para Bragança, Portugal.

Gostava de um dia mais tarde ser recordado como sendo amigo do amigo.



Antonio José Medeiros was born on June 1st, 1955, in the city of Bragança. The place where he was born was where the fair was held, where the circus came and where the Saint Anthony's Day celebrations were held. He lived there with his parents and eight siblings. He attended school until the 4th grade, at the Beatas primary school and the Estacada primary school. His favorite subject was Portuguese.

His teacher was a sweet person and left him with fond memories. He was a very mischievous child and liked playing more than being at school. At school he played soccer, but often he didn't go to school, he would run away with his friends to the river to play. His parents didn't like him running away from school at all and would get very angry with him. They

would punish him and sometimes his father would take more severe measures and beat him with a belt. But even that didn't stop him from running away from school to play. He mentions that he did this because the classes were boring and the teaching method was strict and austere. The children were divided, the boys in one room and the girls in another and they never crossed paths. He says that if the teaching had been more flexible, at that time, he might have been more interested in being in school. He would like to be remembered one day as a friend of a friend.

José Rocha Pinto nasceu a 31 de Outubro de 1971 na aldeia de Brunhoso, concelho de Mogadouro. Uma pequena aldeia rural onde viveu com os seus pais e com os seus cinco irmãos.



Frequentou a escola até ao 4.º ano de escolaridade, na escola primária da sua aldeia. Para ele, a escola foi um local de aprendizagem e comunicação. As suas disciplinas preferidas eram o Português, Expressão Artística e a Matemática. Já a disciplina de educação física não o atraía tanto. Gostaria de ter estudado mais, mas os seus pais não tinham condições para que isso fosse possível. A sua professora era uma pessoa boa e os alunos gostavam muito dela. Recorda com carinho alguns dos seus colegas de escola, com quem mantém contacto, como o Toninho, a Sofia, a Fátima e o Paulo. Lembra ainda as brincadeiras que tinham no recreio com as quais se divertiam muito.

Na sua vida teve várias profissões, desde o trabalho na agricultura, na construção civil e como pastor de ovelhas. Viveu em várias cidades em Portugal: Mogadouro, Mirandela e Bragança. Também viveu em Zamora, Espanha, sempre em busca de uma vida melhor.

Já em adulto teve vontade de voltar a estudar, frequentou um curso profissional, de equivalência ao 9.º ano, de cozinha e pastelaria com a intenção de melhorar as suas competências académicas. Mas ainda não realizou o seu sonho de completar o 12.º ano de escolaridade, por motivos de doença. Por isso teve de se reformar precocemente.

Gostaria de um dia mais tarde ser recordado como sendo uma pessoa que se preocupa e que gosta de ajudar os outros.



José Rocha Pinto was born on October 31st, 1971, in the village of Brunhoso, in the municipality of Mogadouro. A small rural village where he lived with his parents and five siblings. He attended school until the 4th grade, at the village's primary school. For him, school was a place of learning and communication. His favorite subjects were Portuguese, artistic expression and mathematics, but physical education did not appeal to him as much. He would have liked to study more, but his parents could not afford to make that possible. His teacher was a good person and the students loved her very much. As an adult, he wanted to go back to school and took a vocational course, equivalent to the 9th grade, in cooking and confectionery with the intention of improving his academic skills.

Duarte Manuel Dias nasceu a 3 de dezembro de 1962 na aldeia de Vale de Asnes, concelho de Mirandela. Uma pequena aldeia rural onde cresceu e viveu com os seus pais e com os seus cinco irmãos, até que emigrou para França.



Frequentou a escola da aldeia até ao 4.º ano de escolaridade. Diz que gostava muito de Matemática, mas a História não o con-

vencia. O seu material escolar eram os manuais de Português e de História e uma pedra de lousa onde apontava os seus registos com um lápis de pedra. Conta que quando partia a pedra de lousa ou o “lápis”, era muito complicado pois como os pais tinham poucas possibilidades financeiras, não lhe podiam comprar materiais novos. Com os colegas e amigos brincava no recreio da escola e também nas ruas da aldeia. As brincadeiras eram diversas, mas a que mais gostava era de jogar às escondidas, de correr e de jogar à “arranca cevada” (nome que davam ao jogo do eixo). Refere que gostava de ter estudado mais, mas os seus pais não conseguiam suportar os seus estudos. Com seis anos já ajudava os progenitores nas tarefas agrícolas depois de sair da escola. As suas tarefas passavam por andar com os “machos” a lavrar as terras. Diz que a charrua era maior do que ele e que não era nada fácil segurar nela. Não tinha muito tempo para andar a passear, os seus passeios eram nas deslocações entre a sua casa e os campos agrícolas onde tinha que trabalhar. Diz: “Eram tempos muito difíceis”, com um ar compenetrado.

Gostaria de um dia ser lembrado como um homem trabalhador, educado e honesto.



Duarte Manuel Dias was born on December 3th, 1962, in the village of Vale de Asnes, in the municipality of Mirandela. He grew up in a small rural town where he lived with his parents and five siblings until he emigrated to France. He attended the village school until the 4th grade. His school supplies consisted of Portuguese and history textbooks and a chalkboard on which he would record his notes with a stone pencil. He says that when he broke the chalkboard, or "pencil," it was very difficult, as his parents, having limited resources, found it difficult to buy new ones. He played with his classmates and friends not only on the school playground but also in the streets of the village. The games were varied, but my favorite were hide-and-seek, running, and

"pulling barley" (the name they gave to the axis game). He would like to one day be remembered as a hard-working, polite and honest man.

José Joaquim Fonseca Nogueira

Barbosa, nasceu a 28 de março de 1955 na aldeia de Cumieira, concelho de Santa Marta de Penaguião. Na sua primeira infância viveu em várias localidades, por necessidade profissional do seu pai. Fixou-se em São João da Madeira, onde cresceu juntamente com a sua irmã. Conta que cresceu com muito carinho dos seus pais, embora o pai fosse um bocado autoritário. Em contrapartida, a sua mãe era uma mulher bondosa e meiga.



Lembra que na escola primária a sala tinha mesas individuais e que os meninos estavam num lado da escola e as meninas no outro e que nunca se cruzavam, separados por um muro. Por vezes, os mais atrevidos saltavam o muro para ir ter com as miúdas, mas as consequências eram bastante severas. O seu material escolar era uma lousa de xisto e um marcador do mesmo material. Brincavam muito na rua, no recreio da escola o que, segundo ele, fazia com que vivessem mais as relações interpessoais do que as crianças dos dias de hoje. Conta que pelo facto de viverem numa grande repressão se tornavam mais rebeldes e, quando podiam, faziam muitas asneiras, mesmo sabendo que depois seriam castigados pelos seus atos.

Na escola industrial frequentou o Curso Complementar de Eletrotecnia, fez um estágio nesta área em Lisboa. Depois foi para Torres Novas fazer o Curso de Automatismos de Centrais Telefónicas e, para aperfeiçoar a sua formação, foi para o Porto fazer o Curso de Centrais Telefónicas Digitais. Começou a trabalhar como Técnico de Telecomunicações até se reformar. Durante a sua vida

profissional manteve-se sempre atualizado, frequentando várias formações para poder acompanhar a evolução tecnológica das telecomunicações.

“Gostava de ser lembrado como uma pessoa boa e honesta”.



José Joaquim Brabosa was born on March 28th, 1955, in the village of Cumieira, Santa Marta de Penaguião. During his early childhood, he lived in various locations due to his father's professional needs. He settled in São João da Madeira, where he grew up with his sister. In elementary school, the classroom had individual desks, and that the boys were on one side of the school and the girls on the other, never crossing paths, separated by a wall.

Their school supplies were a slate blackboard and a marker made of the same material. They played a lot in the street and on the school playground, and he says they experienced more interpersonal relationships than children today. He says that because they lived under such severe repression, they became more rebellious and did a lot of stupid things.

He worked as a telecommunications Technician until his retirement. Throughout his professional life, he always kept up to date, attending various training courses to keep up with the technological developments in telecommunications.

"I would like to be remembered as a kind and honest person."

III - Stories and memories

Historias y Memorias



Universidade de Salamanca

Residencia Colisée La Vega

María Teresa Luque ha vivido prácticamente toda su vida en Córdoba, ciudad que recuerda con profundo cariño y donde ha desarrollado tanto su vida personal como profesional. Su infancia fue feliz y activa, llena de paseos en bicicleta, juegos con su mejor amiga y tardes interminables dedicadas a las muñecas, su juguete favorito. Le encantaba vestirlas, acostarlas, cuidarlas... quizás una primera señal de la vocación que más adelante marcaría su vida.



Creció en una familia de tres hermanos: dos hermanas y un hermano, Rafael. Aunque cada uno asistía a colegios distintos — su hermano iba a un centro masculino—, María Teresa recuerda cómo iban y venían al colegio con independencia, sin necesidad de que los padres los acompañaran. “Con nuestra cartera colgada y a caminar”, cuenta con orgullo. Desde pequeños aprendieron a valerse por sí mismos, una enseñanza que ella valora profundamente, ya que le proporcionó la seguridad y la autonomía que más tarde marcarían su trayectoria profesional.

Después de sus estudios, María Teresa decidió seguir formándose y se convirtió en ayudante técnico sanitario. Con los años, gracias a su dedicación, su carácter firme y su entrega al cuidado de los pacientes, ascendió hasta convertirse en la Supervisora General de la Ciudad Sanitaria Reina Sofía. Su responsabilidad era inmensa: recorría hasta 43 quirófanos, supervisándolos, tanto de día como de noche.

Pero más allá de la logística y la autoridad del cargo, lo que más la marcó fue el trato humano. Ese vínculo con los pacientes, esa forma de sanar también desde la ternura y el juego, es lo que más valora de su carrera. Sus compañeras la respetaban, sus jefes la admiraban, y todos confiaban en su criterio: “Lo que diga

María Teresa”, decían, conscientes de su capacidad de liderazgo y entrega.

Con especial cariño, rememora su etapa escolar como un tiempo lleno de vivencias sencillas pero formativas. Recuerda los días en que se escapaban corriendo al recreo, los juegos en el patio, los pequeños secretos compartidos con sus compañeras de clase y el ambiente de respeto que se respiraba. Aunque no todos los días eran fáciles, aprendió a esforzarse y a confiar en sus capacidades, algo que más adelante le resultó clave.

Los juegos de la infancia, como el “truco”, los acertijos o “el gallito”, también ocupan un lugar especial en su memoria. Ella cree que, aunque los tiempos cambien, muchos niños siguen disfrutando de esos juegos sencillos pero llenos de alegría. Eran días de correr, reír y vivir con intensidad cada momento. Esa energía y ese espíritu siguen muy vivos en ella, en su forma de recordar, de contar, y de valorar lo vivido.



María Teresa Luque has spent most of her life in Córdoba, where she built both her personal and professional path. Her childhood was filled with games, bike rides, and caring for her dolls—a first sign of her calling. She grew up learning independence, which shaped her strong character. After studying, she became a healthcare assistant and rose to be General Supervisor at Reina Sofía Hospital, overseeing up to 43 operating rooms. Her greatest legacy lies in her human touch—caring for patients with kindness and dedication. She fondly remembers her school days, full of joy, simple games, and valuable life lessons.

Alfonso del Real Llorente nació el 3 de mayo de 1932 en Valverde de Majano, un pequeño pueblo de Segovia. Creció en un entorno rural, en una época en la que la vida estaba marcada por el trabajo en el campo y las responsabilidades familiares. Desde muy pequeño, comprendió que la educación era un privilegio al que no todos podían acceder plenamente. Su paso por la escuela fue breve, pues siendo el hijo mayor de la familia, tuvo que ayudar en casa y en el campo, realizando tareas como la siega y la trilla.



Con el tiempo, Alfonso dejó su pueblo y comenzó a trabajar en Telefónica, recorriendo distintos pueblos para instalar líneas telefónicas. Tras varios años en Ávila, se trasladó a Salamanca, donde formó su familia. Tuvo dos hijos y, con los años, llegó a disfrutar la compañía de su nieto.

A pesar de los años transcurridos, Alfonso sigue recordando con cariño su infancia y sus años escolares, aunque estos fueran breves. Aunque su educación estuvo marcada por las dificultades de la época y la necesidad de trabajar desde muy joven, sus vivencias en la escuela y sus travesuras siguen siendo parte de su historia vital que ahora nos cuenta. Para él, la escuela representó tanto aprendizaje como sacrificio, reflejando una época en la que la educación era un lujo al que no todos podían acceder plenamente.

A pesar de su corta estancia en la escuela, Alfonso recuerda con claridad aquellos días. Se considera afortunado porque tenía facilidad para aprender y, según sus propias palabras, fue “el segundo más listo” de la clase. Sin embargo, más que las lecciones, lo que realmente disfrutaba era jugar a la pelota con sus compañeros. El recreo era su momento favorito del día, y en aquellos instantes de juego encontraba la verdadera alegría de su infancia.

Uno de los recuerdos más curiosos que conserva de su etapa escolar es el de su maestro, un hombre andaluz con costumbres peculiares. En los fríos inviernos de Segovia, el maestro solía envolverse con una alfombra a modo de faja y se paseaba por el aula para mantenerse caliente. Esa imagen, que en su momento le pareció graciosa y extravagante, quedó grabada en su memoria con el paso de los años.

Los mejores recuerdos de Berta en la escuela eran cosiendo en la asignatura de labores y jugando a las tabas, le encantaba utilizar el pizarrín y merendar un trozo de pan y una manzana. Recuerda con mucho cariño sobre todo los huertos que tenía el colegio, donde pasó grandes momentos plantando flores y cardos con sus compañeras.



Alfonso del Real Llorente was born in 1932 in Valverde de Majano, Segovia. Raised in a rural environment, he had to leave school early to help his family with farm work. Later, he worked for Telefónica, traveling to install phone lines. He eventually settled in Salamanca, started a family, and became a grandfather.

Despite his short schooling, Alfonso fondly remembers his teacher, who wore a carpet to stay warm, and playing ball at recess, his favorite part of the day. School was both a joy and a sacrifice. Berta, another student, enjoyed sewing, playing games, using her slate, and planting in the school gardens—experiences she remembers with great affection.

Norberta Tejada Barbero, conocida como Berta, nació el 14 de mayo de 1933 en Garcihernández, un pequeño pueblo cercano a Alba de Tormes, en la provincia de Salamanca. Su infancia transcurrió en un entorno rural marcado por las dificultades de la época, especialmente a raíz de la Guerra Civil Española, que estalló cuando ella era una niña pequeña.



Berta creció en una familia numerosa, con ocho hermanos, donde las responsabilidades domésticas y las labores del campo eran parte del día a día. En muchas ocasiones, su madre la sacaba de la escuela para ayudar en casa, lo que influyó en su formación. Aunque logró adquirir los conocimientos básicos, la escuela no fue un lugar especialmente grato para ella. Recuerda que las matemáticas eran su asignatura menos favorita, pues las cuentas se le hacían especialmente difíciles.

Con el tiempo, Berta dejó su pueblo natal y se trasladó a Salamanca, donde formó su propia familia. Se casó y tuvo cuatro hijos. Con el paso de los años, su familia creció, y hoy cuenta con nietos y bisnietos. A lo largo de los años, ha mantenido vivos sus recuerdos escolares, que reflejan una época de esfuerzo y sacrificio, pero también de enseñanzas valiosas que marcaron su infancia y ahora nos narra.

En la actualidad, Berta sigue recordando su infancia con bastante claridad y nostalgia y, a pesar del paso de los años, su curiosidad y su espíritu de aprendizaje siguen vivos, habiendo descubierto recientemente el uso de la tecnología, como las Tablet, para ejercitar la memoria y el recuerdo.

Los recuerdos de Berta sobre su etapa escolar están llenos de contrastes. Asistía a la Escuela Nacional de Niñas, donde compar-

tía aula con numerosas compañeras. La escasez de recursos y el elevado número de alumnas hacía que la maestra no pudiera atender a todas por igual, por lo que se organizaban en grupos donde las alumnas mayores ayudaban a las más pequeñas. A pesar de estas limitaciones, Berta reconoce que las maestras eran buenas y dedicadas, muchas de ellas procedentes de Ávila o Valladolid. Las condiciones en la escuela también eran duras. Durante los inviernos, el frío era intenso, y para calentarse solo disponían de una estufa y un brasero para la profesora. A pesar de todo, Berta guarda ciertos recuerdos entrañables de su paso por la escuela, aunque su interés por la educación formal nunca fue muy fuerte debido a las exigencias de su vida familiar.

Los mejores recuerdos de Berta en la escuela eran cosiendo en la asignatura de labores y jugando a las tabas, le encantaba utilizar el pizarrín y merendar un trozo de pan y una manzana. Recuerda con mucho cariño sobre todo los huertos que tenía el colegio, donde pasó grandes momentos plantando flores y cardos con sus compañeras.



Norberta Tejada Barbero, known as Berta, was born in 1933 in Garcihernández, Salamanca. Raised in a large family during post-Civil War hardship, she often missed school to help at home. Though school was challenging - especially math - she learned basic skills. Later, she moved to Salamanca, married, and had four children, eventually becoming a grandmother and great-grandmother. Berta recalls her school days with mixed feelings: crowded classrooms, harsh winters, and kind teachers. Her fondest memories include sewing lessons, playing games, using her slate, and planting flowers in the school garden. In recent years, she has embraced technology to keep her mind active.

Carmen de Arcos Hernández nació el 22 de septiembre de 1934 en Guijuelo, un pueblo de Salamanca, aunque su infancia y juventud transcurrieron principalmente en la ciudad de Salamanca. Procedía de una familia numerosa, con siete hermanos, en la que el trabajo y la ayuda mutua eran valores fundamentales. Su infancia, aunque marcada por la sencillez, fue feliz. Recuerda con cariño los juegos en la calle con las vecinas - al clavo, a las casitas, a las muñecas o a las bolas - y las noches de verano en el barrio, cuando la gente se sentaba en la acera para charlar y refrescarse del calor. Para ella, aquellas costumbres sencillas eran fuente de alegría y comunidad, y aún hoy las echa de menos.



Como muchas chicas de su generación, dejó la escuela siendo aún joven para empezar a trabajar. A los 13 años comenzó a ayudar en la confitería familiar, situada en plena calle Rúa, en el centro de Salamanca. Allí trabajaba junto a una de sus hermanas preparando pasteles, fregando y atendiendo al público. Mientras tanto, otras hermanas se ocupaban de tareas más delicadas, como envolver bombones o hacer lazos. Aunque el trabajo era duro, aprendió el valor del esfuerzo y la responsabilidad desde muy temprana edad.

A los 18 años conoció a su futuro marido y se casó a los 21, trasladándose de nuevo a Guijuelo. Los primeros años de matrimonio no fueron fáciles, especialmente por las tensiones con su familia política, pero Carmen enfrentó las dificultades con decisión. Tuvo tres hijos - Alejandro, Inés María y Manuel, y con el tiempo se trasladó de nuevo a Salamanca, donde actualmente vive. Disfruta del cariño de sus hijos y nietos, especialmente de su hijo mayor y de una nieta que la acompaña y cuida.

Carmen comenzó a ir a la escuela siendo muy niña, como era habitual entonces. Asistió a un colegio público del barrio, donde solo había niñas, y tuvo varias maestras que aún recuerda por su nombre: doña Nati, doña Petra y doña Lola. Estas mujeres marcaron su vida, no solo por lo que enseñaban, sino por el respeto y la cercanía con la que trataban a sus alumnas. De hecho, una de ellas, doña Lola, incluso le pidió que cuidara a su hija, lo que Carmen aceptó con gusto, aunque esto provocó un pequeño conflicto con la directora del centro.

En clase, el ambiente era modesto, pero Carmen recuerda una convivencia cordial con sus compañeras. Aunque no llegaron a estudiar contenidos muy complejos, sí aprendieron lo esencial. Carmen recuerda que no le enseñaron a dividir, pero sí a sumar, restar y multiplicar. A pesar de estas limitaciones académicas, guarda buen recuerdo de aquella época. Eran tiempos difíciles, pero se valoraba mucho el poder aprender lo básico y compartir con otras niñas.

Hoy Carmen recuerda su infancia y juventud con una mezcla de nostalgia y orgullo. Aunque vivió en tiempos de escasez, destaca la importancia que tuvieron la escuela, el trabajo temprano y la familia en su vida.



Carmen de Arcos Hernández was born in 1934 in Guijuelo but grew up in Salamanca. Raised in a large, hardworking family, her childhood was modest yet happy, filled with street games and community life. She left school young to work in the family pastry shop at age 13. At 21, she married and faced early marital challenges but raised three children and later returned to Salamanca, where she now lives surrounded by family. Carmen attended an all-girls public school and fondly remembers her kind and respectful teachers. Though she only learned basic math, school left a positive im-

pression. Today, she looks back on her youth with nostalgia and pride, valuing the lessons of work, school, and family.

Emilia Hernández Sánchez nació en Salamanca el 22 de noviembre de 1936 y, a día de hoy, aún recuerda con cariño sus años escolares, una etapa llena de esfuerzo, aprendizaje y experiencias que marcaron su vida. Creció en un hogar sencillo, junto a sus padres y cinco hermanos. Su padre trabajaba en una empresa dedicada a la fabricación de piezas para coches y que solía traerles productos básicos como leche condensada, proporcionada por la empresa, una práctica habitual en aquellos tiempos de escasez.



Desde pequeña, asistió al colegio de las Carmelitas, donde las monjas no solo impartían conocimientos académicos, sino que también les enseñaban a bordar y coser, habilidades que Emilia aprovechó a lo largo de su vida laboral. Se convirtió en modista para poder aportar al hogar y ganarse la vida mientras criaba a sus seis hijos.

La educación en su hogar también fue fundamental. Su padre le inculcó el amor por la lectura, pues creía firmemente que los libros eran la clave para ordenar la mente. Por ello, Emilia aprovechaba cualquier oportunidad para leer y aprender, convirtiendo sus estudios en una prioridad, lo que luego transmitió a sus hijos, siempre dándoles el mismo consejo: estudiar mucho para alcanzar vuestras metas.

Por último, Emilia recuerda con satisfacción que ha sido testigo de cómo su familia ha seguido el camino del esfuerzo académico, un legado que también intenta transmitir a sus nietos, quienes, según ella, ya demuestran gran inteligencia y pasión por aprender.

Sintiéndose orgullosa y afortunada de haber sido una mujer que siempre luchó por el bienestar y el futuro de su familia.

Para Emilia, la escuela fue un lugar de aprendizaje, pero también de convivencia y crecimiento personal. Recuerda con mucho cariño las actividades fuera del horario escolar, como regar los tiestos del colegio durante las vacaciones de verano. Esta tarea sencilla le permitió sentirse parte activa de su entorno escolar, creando recuerdos felices y afianzando su sentido de comunidad con sus compañeras y profesoras.

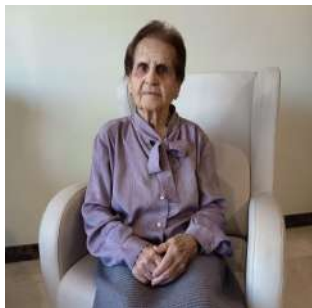
Además de las monjas, Emilia recuerda con especial aprecio a un maestro que, aunque no recuerda su nombre, dejó una profunda huella en ella por su dedicación y capacidad para enseñar. También recuerda que el material escolar se transportaba en carteras hechas por las mismas monjas y que, gracias a su paso por la escuela, aprendió a escribir a máquina, una habilidad que resultó muy útil en su vida adulta.

Emilia disfrutaba especialmente de la asignatura de historia y de utilizar el bastidor, recuerda con alegría jugar al Pati y cómo merendaba leche.



Emilia Hernández Sánchez was born in Salamanca in 1936 and fondly recalls her school years as a time of learning and personal growth. Raised in a modest home with five siblings, she attended a Carmelite school where nuns taught both academics and practical skills like sewing, which later helped her work as a dress-maker while raising six children. Encouraged by her father to read, Emilia developed a deep love for learning, a value she passed on to her children and grandchildren. She remembers with joy school activities like watering plants in summer, learning to type, and playing games like Pati. School, for Emilia, was not only a place of education but also of community and cherished memories.

Estefanía García Mayoral nació el 26 de junio de 1931 en San Pedro del Valle, un pequeño pueblo de la provincia de Salamanca, muy cerca de Zarapicos. Creció junto a su familia en un entorno rural, marcado por la sencillez y la cercanía con la naturaleza. Desde niña, fue una muchacha inquieta, “un terremoto”, como decía su padre, que no dudaba en trepar árboles o en moverse con libertad por su pueblo. Fue a la escuela del pueblo desde temprana edad.



A pesar de que el camino era largo y había que recorrerlo andando, guarda muy buenos recuerdos de esa etapa. Compartió su infancia con una hermana mayor y con el recuerdo de otra hermana que falleció a los siete años, un hecho que dejó una huella importante en la familia. Estefanía admite que no era muy estudiosa, aunque sí formal y obediente. Lo que más le gustaba eran las labores: marcar, bordar, coser. Disfrutaba mucho más con esas tareas prácticas que con los libros.

En casa también dedicaba tiempo a ayudar, especialmente porque su madre estaba enferma y requería cuidados constantes. Ya adulta, se casó y vivió en distintos pueblos - como Golpejas - antes de establecerse definitivamente en Salamanca, donde reside desde hace más de treinta años. Tuvo cuatro hijos - tres varones y una hija - y su vida se centró en criarlos. Aunque no trabajó fuera de casa, su entorno familiar siempre estuvo vinculado al mundo del comercio, especialmente a la frutería familiar, donde trabajaban su marido, y sus hijos. A lo largo de los años, ha visto a sus hijos y nietos crecer, trabajar y formarse. Algunos de ellos siguieron caminos académicos, otros optaron por el trabajo en el negocio familiar. Recuerda con especial ternura una anécdota de su hijo mayor, que

se tiró de un balcón “con cuidado” sin hacerse daño, un reflejo claro del espíritu inquieto que parece haber heredado de ella.

Estefanía asistía con su hermana mayor y otros niños y niñas del pueblo, todos en el mismo espacio, aunque divididos por grupos. Su paso por la escuela fue tranquilo. Solo recuerda haber sido castigada una vez, por jugar a la pelota en un día en que no se permitía, castigo que se limitó a tener que hacer deberes durante el recreo. Recuerda especialmente a su maestro, un hombre de Valdecarros, al que describe como muy trabajador e inteligente. En el aula, las jornadas finalizaban rezando el rosario, un hábito que ella recuerda con naturalidad. Los juegos infantiles, como la comba o subirse a los árboles, formaban parte de su día a día, aunque su padre, preocupado por su ímpetu, nunca quiso comprarle una bicicleta. “Pide lo que quieras, menos una bici”, le decía entre risas. Estefanía creció en una familia trabajadora, sin lujos pero sin necesidad de salir a servir ni depender de otros.

Su vida, sencilla y dedicada, está tejida de recuerdos de escuela, de juegos en el campo, de meriendas con sus compañeras al finalizar el curso y de una infancia vivida con libertad y cariño. Una vida que, a sus 94 años, sigue recordando con lucidez y afecto.



Estefanía García Mayoral was born in 1931 in San Pedro del Valle, Salamanca. Raised in a rural setting, she was a lively child who loved climbing trees and exploring nature. She walked to school with her sister and classmates, enjoying practical tasks like sewing more than studying. Though not academically inclined, she was respectful and responsible, especially as she helped care for her sick mother. Estefanía later married, raised four children, and settled in Salamanca. She fondly remembers her schoolteacher, childhood games, and a simple, loving home life. Now 94, she looks back on her youth with clarity and warmth, proud of her family and the life she built.

Exaltación Delgado García, nació el 30 de julio de 1933, en Espino de los Doctores, una finca perteneciente al municipio de Villarmayor, en la provincia de Salamanca. Sus primeros años de vida transcurrieron en un entorno rural, rodeada de campos y trabajo agrícola, esa finca no solo fue su lugar de nacimiento, sino también su hogar durante toda su infancia y juventud, hasta que se casó y se trasladó a Salamanca, donde ha vivido desde entonces.



Fue la mayor de las hijas en una familia de seis hermanos. Recuerda su infancia como una época feliz y sencilla, marcada por la vida en el campo y el ambiente familiar, a pesar de haber crecido sin su madre biológica. Su padre, el encargado de la finca, fue una figura clave en su vida, y aunque tuvo que convivir con su madrastra, a quien no guardaba mucho aprecio. Exaltación destaca su infancia como una etapa sin problemas, serena y plena.

Desde muy joven, mostró interés por el mundo de la costura. Con apenas unos años, decidió aprender corte y confección en un taller del pueblo de Tirados de la Vega, a cuatro kilómetros de su finca. Cada día caminaba sola esa distancia - ida y vuelta - cruzando prados para acortar el camino. Allí aprendió con una modista de Segovia que, tras casarse con un vecino del pueblo, se convirtió en maestra de muchas jóvenes de la zona.

Con el tiempo, Exaltación llegó a confeccionar incluso trajes de novia, demostrando su destreza con la aguja y su pasión por la costura. Se casó con 23 años y tuvo cuatro hijos —dos varones y dos mujeres - y más adelante, nietos y bisnietos que son hoy su gran orgullo. A pesar de las dificultades, Exaltación valora su vida con optimismo. Su historia está llena de esfuerzo, ternura, sencillez y memoria. Una vida vivida entre hilos y telares, caminatas ha-

cia la escuela, valores transmitidos sin ruido, y recuerdos que, aún hoy, a sus más de 90 años, evoca con lucidez y emoción.

Su etapa escolar se desarrolló en Villarmayor, a tres kilómetros de su hogar. Como muchas niñas de la época, acudía a clase a pie, lloviera o hiciera sol. Recuerda con claridad el inicio de cada jornada escolar, marcado por el canto obligatorio del “Cara al sol”, con la mano sobre el hombro del compañero de delante, en largas filas separadas por sexo. Aunque al principio compartían aulas niños y niñas, pronto fueron segregados, cada grupo con su propia escuela, juegos y aprendizajes diferenciados. La escuela fue un lugar de contrastes para Exaltación. Por un lado, le encantaban las matemáticas y el catecismo, y destacaba especialmente en la tabla de multiplicar, que recitaba con soltura frente al encerado, mientras sus compañeros la escuchaban admirados. Por otro lado, también recuerda los castigos, algunos duros y humillantes: estar de rodillas durante toda la clase, cargar con libros con el brazo en alto o incluso quedarse sin comer hasta la reapertura de la escuela por la tarde. Sin embargo, asegura que ella fue una alumna aplicada y obediente, por lo que evitó la mayoría de estas sanciones. Los juegos escolares eran sencillos pero muy valorados: la comba, el corro... eso sí, siempre por separado, ya que estaba estrictamente prohibido que niños y niñas jugaran o hablaran entre sí. Incluso fuera del horario escolar, si se la veía charlando con un chico, la noticia llegaba rápidamente a oídos de su padre.



Exaltación Delgado García was born in 1933 on a rural estate in Villarmayor, Salamanca. The eldest of six siblings, she grew up surrounded by fields and family, despite the absence of her biological mother. Passionate about sewing from a young age, she walked daily to Tirados de la Vega to learn dressmaking, eventually creating wedding gowns. She married at 23, had four children, and now cherishes her grandchildren and great-grandchildren. Her school

years in Villarmayor were marked by long walks, gender segregation, and strict discipline, though she excelled in math and catechism. Today, she recalls her life with pride—a story of effort, simplicity, and enduring values.

Felicidad Díaz López Osa, conocida como Feli, nació en Madrid el 24 de mayo de 1949. Desde pequeña, su vida estuvo marcada por los constantes cambios de residencia debido al trabajo de su padre, lo que la llevó a vivir en lugares como El Puerto de Santa María, Zamora y Benavente, antes de establecerse finalmente en Madrid y más tarde en Salamanca. Su paso por la escuela estuvo muy influido por las circunstancias de la época y por la mentalidad tradicional de su entorno familiar.



A los 13 años tuvo que dejar la escuela. Más adelante intentó continuar con clases de cultura general y mecanografía, pero su padre no lo permitió. “Tú no estás hecha para estudiar”, le decía. Ese fue solo el primero de muchos límites impuestos que ella se empeñó en desafiar. Trabajó desde joven y hasta llegó a tener su propio negocio, aunque también fue obligada a cerrarlo. Durante un tiempo vivió en Alemania, en Düsseldorf, trabajando en una fábrica de lanas. Soñaba con mudarse a Berlín o Colonia, pero los trámites se lo impidieron. Regresó a España por Navidad y ya no pudo volver: su padre decidió por ella, diciendo que su madre la necesitaba cerca.

Con el tiempo, se casó, pero su matrimonio terminó en divorcio. El proceso fue largo y complicado, en una época en la que la ley no lo ponía fácil. Como mujer divorciada y madre soltera, se enfrentó al machismo institucional y a muchos prejuicios. Sufrió discriminación como mujer divorciada y madre soltera, pero nunca se dio por vencida. Su mayor triunfo fue criar a su hija con amor,

conciencia y fortaleza. En ella volcó sus ideales de libertad, educación e igualdad, dándole lo que a ella le fue negado.

Hoy, ya jubilada, Felicidad mira atrás con orgullo. Su historia no es solo la de una mujer que sobrevivió a las imposiciones sociales, sino la de alguien que nunca dejó de luchar por ser libre. En cada decisión, enfrentamiento y renuncia, dejó claro que su vida le pertenece solo a ella.

Feli estudió en una escuela improvisada en Madrid, montada en una casa común, donde incluso el laboratorio era la cocina. Recuerda con mucha claridad a su profesor, Don Javier, famoso por su forma tan particular de enseñar. Mientras los alumnos copiaban lecciones, él descansaba con los ojos cerrados, asegurando que solo estaba “descansando la vista”. Los castigos físicos eran habituales: desde golpes en la mano - a veces con sal o tocino para aumentar el dolor - hasta arrodillarse en las esquinas del aula.

Su hermano, conocido por sus travesuras, fue parte constante de su experiencia escolar. Muchas veces, Feli acababa castigada junto a él, incluso cuando no había hecho nada. Bastaba con que el maestro oyera el apellido “López Osa” para señalarla, sin comprobar quién era realmente el culpable.



Felicidad Díaz López Osa, known as Feli, was born in Madrid in 1949. Her childhood was marked by frequent moves due to her father's job, living in several cities before settling in Salamanca. She had to leave school at 13, and later attempts to continue studying were blocked by her father. Despite many obstacles, including closing her own business and living briefly in Germany, Feli remained determined. After a difficult divorce, she raised her daughter alone, instilling values of freedom and education. She recalls harsh punishments and a unique teacher in a makeshift school. Now retired, Feli looks back with pride on a life defined by resilience and independence.

Fernanda Pascual, más conocida como Cloti, nació en el pequeño pueblo de Moralina de Sayago, en la provincia de Zamora, en el seno de una familia de agricultores. Llegó al mundo en circunstancias difíciles - casi sin vida-, pero como ella misma recuerda con una sonrisa, “me empezaron las ganas de resucitar”. Esa fuerza interior marcaría toda su vida.



Hija única, creció muy unida a sus padres, quienes se dedicaban a trabajar en el campo. Su padre, además de agricultor, fue alcalde del pueblo durante varios años, y junto a su madre, inculcaron en Fernanda un profundo sentido del deber, la responsabilidad y el compromiso con la educación.

Su vida profesional como maestra la llevó por varios pueblos de la provincia de Zamora. Inició su carrera en la zona de Tábara y más adelante fue destinada a Villadepera, donde conoció al que sería su esposo, también maestro. Juntos compartieron vocación, destino y familia. Posteriormente, fueron trasladados a Bermillo de Sayago, donde permanecieron catorce años, hasta su jubilación.

La maternidad llegó como una bendición. Fernanda y su esposo tuvieron dos hijos, a quienes supieron transmitir el valor del esfuerzo y la importancia del conocimiento. Ya establecidos en Salamanca, adquirieron un piso para facilitar los estudios de sus hijos, a quienes acompañaban cada fin de semana, ayudándoles con la casa y llevándoles comida.

Su hijo, Jesús Garrote, es hoy director del colegio San José de Calasanz en Salamanca, un centro con más de 800 alumnos y 100 educadores, reconocido por su labor educativa y social. Su hija, por su parte, se formó en Historia del Arte y actualmente trabaja en

una biblioteca pública en Madrid. Ambos son motivo de inmenso orgullo para Fernanda.

A lo largo de su vida, Fernanda ha combinado su papel de educadora con una entrega constante a los suyos. Cuidó de sus padres, de sus abuelos y de otros familiares, siempre desde el cariño y la responsabilidad. También guarda con ternura los recuerdos de su infancia ayudando en las tareas del campo, como la trilla, y jugando en los patios de la escuela.

A pesar de vivir en un entorno rural, sus padres decidieron brindarle la oportunidad de estudiar, algo poco habitual entonces, especialmente para una niña.

Fue un sacerdote amigo de la familia quien la preparó para ingresar al colegio de la Santísima Trinidad en Zamora, donde estudió interna durante varios años. Allí cursó el bachillerato completo y, tras finalizar sus estudios, comenzó a prepararse para las oposiciones al magisterio.



Fernanda Pascual, known as Clotí, was born in the small farming village of Moralina de Sayago, Zamora. Almost stillborn, her strong will to live marked her entire life. An only child, she grew up closely bonded with her parents, who instilled in her a deep sense of duty and the importance of education. Fernanda became a teacher and worked in several towns, meeting her husband—also a teacher—along the way. They had two children, Jesús and his sister, both successful professionals today. Despite her rural upbringing, her parents ensured she could study, a rare opportunity for girls then. She studied at a boarding school in Zamora and prepared for teaching exams. Fernanda dedicated her life to education and family, caring for relatives and cherishing memories of her childhood.

Hilario García Bosque nació el 10 de septiembre de 1923 en Bohoyo, un pequeño pueblo de la provincia de Ávila. Desde muy joven estuvo ligado a la vida rural y al trabajo en el campo, ayudando a sus padres en las tareas ganaderas y agrícolas. Aunque acudió a la escuela hasta los 14 años, sus estudios estuvieron marcados por la necesidad de compaginar la educación con las labores familiares. Por las mañanas asistía a clase y por las tardes se ocupaba del ganado.



Fuera de la escuela, su vida transcurrió entre la transhumancia con el ganado y, más adelante, su largo desempeño como cartero. Durante 43 años recorrió hasta 60 kilómetros diarios repartiendo cartas por varios pueblos. A los 33 años se casó, después de haber resistido las presiones de casarse joven. Según él, prefería disfrutar de la vida antes de asentarse, "me gustaba tocar el culo a las mujeres", nos cuenta entre risas.

Vivió la mayor parte de su vida en Bohoyo, aunque también residió en lugares como Madrigal de la Vera y otras zonas de Extremadura. Ya jubilado, se trasladó a una residencia en Salamanca junto a su esposa, siguiendo la recomendación de sus hijos, que consideraban que ya no podían vivir solos sin ayuda.

En su etapa final, ya jubilado, se trasladó a una residencia en Salamanca junto a su esposa, por recomendación de sus hijos. Aunque había vivido la mayor parte de su vida en Boyo, también pasó tiempo en lugares como Madrigal de la Vera y diferentes zonas de Extremadura debido a su trabajo ganadero y postal.

Hoy, ya mayor, se mira a sí mismo con una mezcla de orgullo y realismo. "Hubo ratos buenos y ratos malos, como en todo", dice. Habla de su vida con serenidad, y hasta con una sonrisa pícara al

recordar su juventud rebelde. Y con esa sabiduría sencilla y directa, resume toda una vida.

Pese a las dificultades, Hilario recuerda con cariño su etapa escolar. Disfrutaba especialmente de los números, aunque también le gustaba leer y escribir. Cuenta que se le daba bien, y que tenía buenos recuerdos del ambiente en la escuela. Los niños y las niñas jugaban separados, pero a veces compartían momentos en el patio. Las clases se impartían en un entorno sencillo, reconoce que los chicos de la escuela eran todos muy peleones, incluido él, se pegaban el día entero peleando unos con los otros. Respecto a los maestros, eran de todo tipo; de uno en particular, Vitaliano, se acuerda especialmente, ya que según recuerda, parecía más hecho para el ejército que para la enseñanza.

Entre los juegos más comunes estaban el "guá", la morra y las canicas, pero sobre todo disfrutaba jugando a la peonza y a los cartones (con cajas de cerillas). También recuerda con cariño mendar manzanas, ya que en su pueblo había muchas y muy buenas.



Hilario García Bosque was born on September 10, 1923, in Bohoyo, a small village in Ávila. From a young age, he balanced school with farm work, helping with livestock and crops. After leaving school at 14, he worked for 43 years as a mail carrier, often walking up to 60 km a day. He married at 33, having enjoyed a rebellious youth. He lived mostly in Bohoyo but also spent time in Madrigal de la Vera and Extremadura. In retirement, he moved with his wife to a care home in Salamanca. Hilario fondly recalls school, especially enjoying math, reading, and writing. He remembers a strict teacher named Vitaliano and playing games like spinning tops and marbles. He treasures memories of childhood apple snacks and the lively schoolyard fights.

Juan Antonio Mateos Loro nació el 24 de marzo de 1944 en Fuenteliante, un pequeño pueblo de Salamanca. Su primera escuela fue la del pueblo, una sola aula donde se juntaban niños y niñas de todas las edades, aunque bien separados: los chicos a un lado, las chicas al otro. La rutina empezaba cada mañana con el canto del “Cara al sol”. Más que ideología, él considera que para los niños de entonces era simplemente parte del día a día. Recuerda que en aquellos años no se hablaba de política ni en casa ni en la escuela y que así era difícil entender algunas dinámicas de aquellos tiempos. A los once años, se trasladó al seminario de Ciudad Rodrigo. El cambio fue importante, pero no le resultó del todo extraño: la disciplina, el orden y el ambiente de respeto eran parecidos a los que ya conocía.



Pronto empezó a trabajar en la construcción y, con solo 21 años, ya era encargado de obra, dirigiendo a más de 130 personas, algo poco común para alguien tan joven. Más adelante, decidió seguir formándose y cursó estudios de electricidad a través de la Promoción Profesional Obrera. Gracias a eso, accedió a un puesto en una central hidroeléctrica, donde trabajó muchos años como operador, con entrega y responsabilidad. Con el tiempo formó su propia familia. Aunque sus hijos viven lejos - uno en Ávila, otra en Santander -, se siente profundamente orgulloso de ellos. Han tenido acceso a estudios superiores y hoy trabajan en puestos estables y de responsabilidad.

Juan Antonio, hoy, sigue compartiendo historias y aprendizajes con la gente joven de la residencia. Para él, una de las cosas que importan en la vida son el esfuerzo, el respeto y no dejar nunca de aprender.

Juan Antonio tiene nítidos recuerdos de su paso por la escuela, especialmente de Doña Araceli, la única maestra del colegio, la cual era muy estricta pero respetada, con una voz que imponía. Enseñaba a todos los niveles al mismo tiempo, combinando paciencia con autoridad. Juan Antonio recuerda con entusiasmo los pupitres de madera con tapa abatible y tintero, donde más de una vez acababan los dedos manchados de tinta. Tampoco se olvida de los castigos que llegaban cuando uno hablaba sin permiso o no sabía la lección. También recuerda cómo a veces el maestro se enfadaba y le reñía por mirar alguna chica ya que la escuela a la que iba era mixta.

Aun así, guarda con especial cariño algunos recuerdos de aquella primera etapa escolar, sobre todo los juegos con canicas durante el recreo, así como un pequeño avión de chapa que le regalaron sus padres, al que se le daba cuerda para comenzar a jugar.

Juan Antonio recuerda que en las calles cuando era pequeño no había asfalto, y tenía que usar zapatillas de goma para poder jugar y poder pisar todos los charcos que se formaban.



***Juan Antonio Mateos Loro** was born on March 24, 1944, in Fuenteliante, a small village in Salamanca. His early schooling was in a single-room school where boys and girls were separated, and days began with the singing of “Cara al sol,” a routine more than political for the children. At eleven, he moved to a seminary in Ciudad Rodrigo, a disciplined environment similar to what he knew. By 21, he was a construction foreman managing over 130 workers. Later, he studied electricity through worker training and worked many years as a hydroelectric plant operator. Proud of his children’s academic and career success, Juan Antonio values effort, respect, and lifelong learning. He fondly recalls strict teacher Doña Araceli, wooden desks with ink pots, and childhood games like marbles and a wind-up tin airplane. He also remembers playing in unpaved streets wearing rubber shoes to splash in puddles.*

Ludivina Barrientos Herrero nació el 12 de junio de 1937 en el seno de una familia dedicada a la ganadería, lo que hizo que durante su infancia viviera en distintos lugares de la sierra y de la región de Salamanca. Desde pequeña, Ludivina se acostumbró a la vida rural, en un ambiente marcado por las estaciones: veranos en la zona de La Armuña y los inviernos en una finca cercana a Frades, un pequeño pueblo ubicado en plena sierra.



Su etapa escolar comenzó alrededor de 1946 o 1947, en un contexto difícil, pues todavía se vivían las secuelas de la Guerra Civil española. La escuela de Frades se encontraba en un edificio sencillo y austero, ubicado justo encima de una cárcel, lo que generaba un ambiente algo inquietante para los niños y niñas que asistían a clases. A pesar de ello, Ludivina recuerda con cariño tanto los momentos felices con sus amigas como las dificultades que enfrentaron.

Además de su vida escolar, Ludivina comparte entrañables recuerdos familiares, como los trayectos diarios a pie con sus hermanos para asistir a la escuela, o el recuerdo de un vendedor ambulante, “el tío Borrega”, que les traía fruta y vino y que más tarde descubriría que era el padre de una compañera. Profesionalmente, se dedicó a la costura desde muy joven. Desde los cinco años ya confeccionaba muñecos con retales de tela, y con el tiempo perfeccionó su habilidad hasta convertirla en su oficio. Siempre tuvo una pasión especial por las labores, y sentía gran orgullo al aprender cualquier técnica nueva por su cuenta.

Durante sus años escolares, Ludivina fue una niña muy inquieta y charlatana, lo que le llevó a ser castigada en más de una ocasión, incluso un día fue privada de la comida por no quedarse en

silencio. Sin embargo, también disfrutaba de los juegos con sus compañeros y compañeras en el patio de la escuela, aunque con cierto temor a algunas tradiciones locales, como la amenaza de meterla en la fuente.

La escuela estaba dividida por sexo: los niños asistían a una clase con el maestro, y las niñas con la maestra, que en ese pueblo provenía de una familia dedicada a la enseñanza desde hacía generaciones. La organización en el aula se hacía por niveles de aprendizaje, con pupitres de dos en dos.

En el día a día escolar no comenzaban con rituales, pero sí al final de la jornada se cantaba una canción patriótica llamada “Cara al sol”, que marcaba el cierre de las clases. Ludivina recuerda con especial cariño el vínculo con sus maestros y la relación cercana con la maestra, amiga de la familia, y su hermana Tere, quien le enseñó a coser, habilidad que más tarde se convirtió en su ocupación profesional.

Su mejor recuerdo de la escuela es precisamente ese contraste entre lo bueno y lo malo que vivió, y cómo esos años formativos le dejaron enseñanzas y amistades duradera.



Ludivina Barrientos Herrero was born on June 12, 1937, into a livestock farming family, which meant her childhood was spent moving around the Salamanca mountains and region. She spent summers in La Armuña and winters near Frades, a small village in the mountains. She started school around 1946 in a simple, austere building above a jail, which made the atmosphere a bit unsettling. Despite this, Ludivina recalls happy times with friends and challenges faced. She walked daily with her siblings to school and remembers a traveling vendor called “Tío Borrega,” who later turned out to be a classmate’s father.

From age five, Ludivina loved sewing, making dolls from fabric scraps, and later turning it into her profession. She was a lively, talkative child and sometimes punished for being noisy, even once being deprived

of food. School was gender-segregated, with boys taught by a male teacher and girls by a female teacher from a teaching family. The day ended with singing the patriotic song "Cara al sol." Ludivina cherishes the close bonds with her teachers and lifelong friendships, reflecting on school as a mix of good and bad experiences that shaped her.

Magali Emma Acosta Mesa nació el 2 de enero de 1945 en Guanabacoa, un distrito de La Habana, Cuba. Vivió su infancia y juventud en esa ciudad, y más tarde se mudó al barrio de El Vedado, que recuerda con cariño.

En 1971 emigró a España junto a su marido y su hijo. Vivieron primero en Madrid, y luego se establecieron en Salamanca, donde su hijo había estudiado y deseaba volver.

Su vida en España se desarrolló entre estudios, trabajo y familia. En Cuba había estudiado secretariado comercial y trabajó durante diez años como administrativa en una empresa farmacéutica, surgida de la fusión de varios laboratorios. También colaboró con su marido, quien trabajaba en una editorial argentina en Madrid, haciendo correcciones y ayudando con publicaciones. Con la llegada de internet, se mantuvo activa aprendiendo sobre nuevas tecnologías, incluso explorando programación básica.

Hoy, con 80 años, Magali vive en Salamanca y sigue recordando con claridad los momentos clave de su vida. Para ella, la educación, la memoria y la conexión con los demás son pilares fundamentales. A través de su testimonio, se hace evidente cómo los recuerdos escolares pueden perdurar toda una vida, cruzando incluso océanos y décadas.

Para Magali, los recuerdos más felices de su vida están en la escuela. Comenzó a los tres años y medio, y su primera imagen



escolar es muy vívida: un aula con niños jugando en una caja de arena y un piano al fondo.

Estudió en un colegio de más de 600 niñas, donde no existían los castigos físicos y se respiraba un ambiente de respeto y alegría. Recuerda especialmente la asignatura de dibujo lineal. jugar a “Yakis” y merendar chocolate. Las clases eran de gran calidad, y las maestras, muchas de ellas monjas, dejaban huella. Aún recuerda a su profesora de pintura, que fue despedida inesperadamente, algo que impactó a todas por su calidad humana y profesional.

Uno de sus recuerdos favoritos era la fiesta de final de curso. Le encantaban todas las actividades que se realizaban ese día, especialmente unos juegos en los que a través de sus cuerpos componían figuras y palabras. Ese día disfrutaba con sus compañeras bailando y cantando con la banda de música que venía a tocar.

No guarda ningún recuerdo negativo de esa etapa, al contrario: considera que fue la mejor época de su vida. Entre las anécdotas más sorprendentes de su vida, destaca una coincidencia inesperada: al llegar a España y alquilar un piso, descubrió que la casera era una antigua compañera de su colegio cubano. Años después, seguía recordando su nombre y se reconocieron mutuamente, una de esas casualidades que dejan huella.



Magali Emma Acosta Mesa was born on January 2, 1945, in Guanabacoa, a district of Havana, Cuba. She grew up in Havana and later lived in the neighborhood of El Vedado, which she remembers fondly. In 1971, she emigrated to Spain with her husband and son, first living in Madrid and then settling in Salamanca. In Cuba, she studied commercial secretarial work and worked for ten years as an administrative assistant at a pharmaceutical company. In Spain, she helped

her husband with editorial work and kept learning new technologies, even exploring basic programming.

Magali's happiest memories come from school, which she began at three and a half years old. She recalls a large school of over 600 girls, with no physical punishments and a joyful atmosphere. She especially loved drawing classes and school celebrations with music and games. A vivid memory is the unexpected dismissal of her beloved painting teacher, which deeply affected the students.

A remarkable coincidence in her life was discovering that her landlord in Spain was a former classmate from Cuba. For Magali, education and human connections are the pillars of a meaningful life, and her school memories remain a treasured part of her story.

María Criado Prieto nació el 16 de enero de 1948 en Lumbrales, provincia de Salamanca, un pueblo muy querido por ella. Allí pasó toda su vida, sin mudarse nunca a otro lugar. Su infancia fue tranquila y feliz, marcada por la libertad de jugar en las calles del pueblo junto a los vecinos. Durante sus primeros diez años fue hija única, y más adelante, cuando nació su hermana menor, María ya era mayor y la llevaba con cariño a todos sitios. Lamentablemente, su hermana falleció muy joven, en un trágico accidente en un río cercano.



Sus padres también vivieron siempre en Lumbrales. Su padre trabajaba como obrero y su madre era ama de casa. María creció en un entorno familiar humilde pero lleno de afecto.

Acudió a la escuela en su propio pueblo hasta los 14 años, de la que guarda buenos recuerdos de varios de sus maestros, que fueron cambiando a lo largo de los años.

Tras dejar la escuela, comenzó a trabajar “sirviendo” en la casa de una maestra del pueblo. Aunque no había sido su profesora, María la recuerda con respeto y cariño. Desde entonces, su vida transcurrió en Lumbrales, dedicada al trabajo y a su familia.

De su niñez conserva con especial cariño los juegos populares de la época, especialmente el *calderón*, un juego que consistía en dibujar cuadros en el suelo, lanzar una teja y saltar sobre ellos. A pesar de los años, María mantiene amistades en el pueblo y valora mucho el ambiente de su tierra.

De las actividades recientes, destaca con entusiasmo su participación en las propuestas por la Universidad y la visita al museo de la escuela que realizó el año pasado con sus compañeros de la residencia, una experiencia que le dejó un recuerdo muy grato.

A quienes le preguntan por consejos para la juventud, María les anima a vivir la vida lo mejor que puedan, un mensaje sencillo pero lleno de sabiduría.

María recuerda perfectamente el edificio de su escuela, con su estructura en forma de arco. Iba a escuela caminando, a veces sola y otras con alguna compañera, cargando su cabás lleno de cuadernos, cartillas y más adelante, la enciclopedia. El ambiente escolar era sencillo pero entrañable, con clases mixtas donde los alumnos se ayudaban mutuamente.

Rememora con cariño el uso de la pizarra y la tiza, así como el aprendizaje con cartillas y dictados diarios. A menudo recitaban en voz alta y hacían ejercicios de memoria. Sobre todo, disfrutaba con todas las materias y tareas relacionadas con la lectura y las cuentas. También recuerda momentos divertidos en el recreo, donde se reunía con sus compañeras a jugar y compartir meriendas. Recuerda especialmente con cariño jugar a la comba, las tabas y el escondite; así como merendar bocadillos de tortilla francesa.



María Criado Prieto was born on January 16, 1948, in Lumbrales, a small town in Salamanca province that she has always called home. Her childhood was peaceful and joyful, filled with freedom to play in the village streets alongside neighbors. She was an only child for the first ten years, later lovingly caring for her younger sister, who sadly passed away young in a tragic accident.

María attended school in Lumbrales until age 14, where she fondly recalls her various teachers and the simple yet warm school environment. After leaving school, she worked as a housekeeper for a local teacher she respected deeply. She cherishes memories of popular childhood games like “calderón,” and still treasures lifelong friendships in her community.

Recently, María enjoyed visiting a school museum with friends from her residence, a happy and meaningful experience. When asked for advice to young people, she encourages them to live life fully, sharing her simple but wise outlook.

María del Carmen Hernández

Gutiérrez nació en El Cubo del Vino, en Zamora, aunque apenas a los quince días de vida su familia se trasladó a Salamanca. Desde entonces, ha vivido en la capital salmantina, ciudad que siente como propia y que la ha visto crecer, formar una familia y envejecer con plenitud. “Como si fuera charra de toda la vida”, dice con orgullo.



Recuerda su infancia con mucho cariño, especialmente su paso por el colegio de las Salesianas, en el Paseo de Canalejas. Jugaba en el patio del colegio a la comba y otros juegos, y participaba en las obras de teatro escolares, una actividad que disfrutaba enormemente. En casa también vivió una infancia feliz: era la única hija que sobrevivió tras la pérdida de tres hermanos antes de su nacimiento, lo que hizo que su llegada fuera especialmente cele-

brada. “Era como una aparición”, recuerda con emoción. Fue una niña muy querida tanto por sus padres como más tarde por su marido.

Se casó con un óptico muy conocido en la ciudad, dueño de la Óptica Ballesteros, y tuvieron tres hijos: dos varones y una hija. Sus hijos estudiaron en diferentes colegios, los chicos en los Maristas y la niña en las Trinitarias, porque siempre buscó ofrecerles una buena educación. Todos han estudiado y trabajado: su hija, catedrática de Historia del Arte, es directora del diario *El Español* en Salamanca y ha participado en actos oficiales como la visita de la Reina Letizia. Así, con orgullo por lo vivido y gratitud por lo compartido, Mari Carmen resume su vida con sencillez y alegría.

Creció y vivió frente al colegio, en la Alamedilla. Disfrutó de una vida cómoda y tranquila, sin privaciones: “me crié como una reina”, afirma.

Cuando se le pregunta por recuerdos de su infancia, no puede elegir solo uno: las clases, los juegos con su hermana, los paseos por la Alamedilla... todo está presente con nitidez en su memoria. También guarda muchos buenos recuerdos de su etapa de casada, una vida que califica como “estupenda”.

El colegio ocupa un lugar especial en su memoria. Allí no solo estudió, sino que también vivió algunas de las experiencias más alegres de su niñez. Recuerda con nitidez los ensayos de teatro, los juegos en el recreo, y el ambiente alegre del patio del colegio. Tenían incluso su propio escenario, donde interpretaban pequeñas obras para el resto del alumnado. También recuerda con ternura cómo cruzaba la calle desde su casa, en la Alamedilla, justo enfrente del colegio. Era una vida sencilla, cercana y segura, donde la escuela no solo era un lugar de aprendizaje, sino también de alegría y comunidad.



María del Carmen Hernández Gutiérrez was born in El Cubo del Vino, Zamora, but moved to Salamanca with her family just days after her birth. She has lived in Salamanca ever since, a city she proudly calls home. Her childhood memories center on her time at the Salesianas school on Paseo de Canalejas, where she loved playing games like skipping rope and acting in school plays.

María was the only surviving child after the loss of three siblings before her birth, making her arrival deeply cherished. She married a well-known optician in the city, and they raised three children, all of whom pursued education and successful careers.

Growing up in Alamedilla, right across from her school, María enjoyed a comfortable and joyful childhood. She fondly remembers the lively schoolyard, the theater rehearsals, and the close-knit community. Her life reflects simplicity, gratitude, and pride in family and roots.

Ramona Rosingana Gutiérrez nació el 18 de febrero de 1934 en San Esteban de la Sierra, un pequeño pueblo de la provincia de Salamanca donde creció en un entorno humilde y familiar. Desde niña, vivió rodeada del cariño de sus padres, aunque su infancia estuvo marcada por las dificultades de la época. Su educación comenzó a los seis años, en una escuela donde el aprendizaje se basaba en la disciplina y la memorización. Como era costumbre, las clases eran impartidas por una única maestra para todas las alumnas, en un ambiente estricto donde el respeto y la obediencia eran valores fundamentales.



Sin embargo, su educación se vio truncada tras el fallecimiento de su madre. Este hecho marcó un punto de inflexión en su vida, ya que tuvo que abandonar la escuela para asumir responsabilidades en el hogar. Como la mayor de dos hermanas, colaboró

con su padre en las tareas diarias, aunque su vida transcurrió principalmente en casa, como ama de casa. Recuerda que en algunas ocasiones llevaba la comida a la viña, pero la mayor parte del tiempo se dedicaba a las labores del hogar en casa.

A los 25 años, Ramona se casó y comenzó una nueva etapa junto a su esposo. Debido al empleo de su marido, la familia se trasladó en varias ocasiones, viviendo en Sequeros, Peñaranda y, finalmente, Salamanca, donde se establecieron definitivamente. Durante estos años, se dedicó plenamente al cuidado de su hogar y de sus hijos, a quienes siempre inculcó la importancia del esfuerzo y la educación, un privilegio que ella no pudo disfrutar, pero que consideraba esencial para el futuro de su familia.

Hoy, con 91 años, Ramona recuerda con resignación, humor y gratitud su paso por la escuela. Su historia refleja la realidad de muchas mujeres de su generación, para quienes la educación fue un privilegio muy reducido y efímero, pero significativo en sus vidas. A pesar de las adversidades, construyó un camino basado en el sacrificio, la dedicación y el amor por su familia.

Uno de los recuerdos más marcados de la etapa escolar de Ramona está relacionado con su maestra, Rosario, a quien describe como una persona rigurosa y de carácter fuerte. Ramona recuerda como la maestra imponía disciplina con castigos físicos, utilizando una regla para golpear las manos de las alumnas cuando hablaban en clase o cometían errores. A pesar de la dureza de esta educación, rememora con nostalgia los momentos de complicidad con sus compañeras, con quienes compartía risas y aprendizaje.

Ramona disfrutaba especialmente en la clase de matemáticas, donde le encantaba utilizar la pizarra y el pizarrín. No obstante, todavía disfrutaba más de poder jugar con todas sus compañeras a juegos como la comba, doña manolita y el truquele y de merendar pan con chocolate.



Ramona Rosingana Gutiérrez was born in 1934 in the small village of San Esteban de la Sierra, Salamanca. She grew up in a humble family and started school at six, where discipline and memorization were strict, led by a single stern teacher named Rosario. After her mother passed away, Ramona had to leave school early to help care for her family as the eldest of two sisters.

She married at 25 and moved several times due to her husband's job, finally settling in Salamanca. Though she didn't have much formal education herself, Ramona always valued learning and encouraged her children to study hard.

Despite tough school days with physical punishments, she fondly remembers math classes, playing games like jump rope with friends, and sharing snacks of bread and chocolate. At 91, she reflects on a life shaped by sacrifice, love, and resilience.

Rosalía Calvo González nació el 18 de julio de 1946 en Barruecopardo, un pequeño pueblo de la provincia de Salamanca que la vio crecer hasta su adolescencia. Hija de una familia trabajadora, recuerda con claridad cómo, de niña, ayudaba en casa y se encargaba de llevarle la comida a su padre, que trabajaba en la mina. Desde joven combinó los estudios con las responsabilidades domésticas, y aunque le costaban las matemáticas - tenía que contar con los dedos -, aprendió con esfuerzo, pues en el colegio las exigencias eran estrictas: si no se hacían bien las cosas, venían los castigos.



A los 14 años se trasladó a Salamanca, donde vivió con unos tíos que tenían una peluquería. Allí colaboraba con las tareas del hogar y también ayudaba a lavar cabezas en el negocio familiar. Fue en Salamanca donde conoció al que sería su marido, con 18

años, paseando por la calle Toro. Lo recuerda con mucho cariño y con tristeza, porque aún le cuesta creer que ya no está.

Rosalía crió a sus hijos con dedicación y esfuerzo. Se siente orgullosa de ellos y de sus nietos, que sacan notas estupendas, algo que ella dice no haber conseguido nunca, pero que le llena de alegría. Siempre trabajó en casa, dedicándose a su familia, primero en Barruecopardo y luego en Salamanca.

Hoy, Rosalía se muestra agradecida por la vida que ha tenido. Ha disfrutado de su familia, de su infancia en el pueblo, de los bailes, de su paso por Salamanca y, sobre todo, del amor que encontró en su juventud y que la ha acompañado durante toda su vida. Dice que ha estado muy a gusto contando su historia y que estaría encantada de repetir la experiencia

Recuerda su infancia con ternura, aunque no exenta de dureza. Su día a día se dividía entre el colegio y el hogar. En la escuela, que era solo de niñas, había normas muy estrictas. Tenían una sola maestra para todas las asignaturas y comenzaban la jornada cantando el "Cara al sol", además de rezar al entrar. Si llegaban tarde, hablaban en clase o no hacían bien los deberes, los castigos eran severos: podían pasar tiempo de rodillas o recibir golpes en las manos. Aun así, guarda un buen recuerdo de aquella etapa.

Sus mejores momentos en la escuela estaban fuera de las clases, cuando podía jugar con sus amigas a la comba o a las tabas, o cuando jugaba en casa con su muñeca Nancy, a la que vestía y cuidaba con esmero. De hecho, uno de sus recuerdos más bonitos es saltar a la comba en el recreo, entre risas, con las compañeras. También recuerda con claridad cómo hacían los deberes con esfuerzo: si se confundía al multiplicar, tenía que borrar y rehacer todo, porque en el colegio no se permitían errores, nos dice.



Rosalía Calvo González was born in 1946 in Bar-
ruecopardo, a small village in Salamanca. From a
young age, she balanced school with helping at home,
including bringing food to her father who worked in the
mine. At 14, she moved to Salamanca to live with rela-
tives who ran a hair salon, where she also helped with
chores. There, she met her husband at 18 and later raised her children
with great care.

School was strict: classes for girls only, one teacher for all subjects,
starting the day with the “Cara al sol” anthem and prayers. Punishments
for mistakes or misbehavior were harsh, but Rosalía remembers her
school days fondly, especially playing jump rope with friends and dressing
her beloved doll Nancy.

Though math was tough and mistakes meant redoing work, Rosalía’s
determination and family love shaped a full and grateful life.

María Soledad Gil Gil, conocida como
Sole, nació el 8 de septiembre de 1958 en
Horcajo de las Torres, un pequeño pueblo
de la provincia de Ávila. Pasó allí su infan-
cia hasta los 11 años, edad a la que dejó el
entorno rural para trasladarse a Salamanca,
donde ingresó como interna en el colegio
de monjas “El Amor de Dios”. A pesar de
ser un cambio importante, esa etapa no
dejó buenos recuerdos: la rigidez del sistema, el trato severo de
las religiosas y los castigos frecuentes marcaron su experiencia,
hasta el punto de que nunca quiso volver a pisar aquel lugar.



Ya en Salamanca, la vida de Sole se asentó definitivamente.
Toda su familia se mudó a la ciudad, y aunque durante un tiempo
siguió visitando el pueblo para ver a su abuela, con los años aque-
llas visitas se fueron espaciando hasta casi desaparecer.

En cuanto a su trayectoria profesional, trabajó como maestra de EGB (lo que hoy sería primaria) y también en educación infantil. Empezó en Colmenar Viejo, en la provincia de Madrid, en una plaza interina. Más adelante, volvió a Salamanca y continuó trabajando en la enseñanza en pueblos cercanos, aunque su carrera fue breve, ya que tuvo que dejarla por motivos de salud.

No tuvo hijos, pero construyó una vida tranquila en Salamanca, marcada por su amor por la enseñanza y los recuerdos de una infancia alegre, a pesar de las dificultades que vinieron después. De las actividades recientes que ha realizado, destaca con entusiasmo su participación en las actividades propuestas en este proyecto, el uso de las tablets e internet, así como la visita al museo de la escuela que realizó el año pasado junto a sus compañeros de la residencia, una experiencia que le dejó un recuerdo muy grato.

Sole es una mujer de carácter sereno, con una memoria vívida de los momentos importantes de su vida y una visión clara de lo que la marcó, para bien y para mal.

En su pueblo natal, Sole disfrutó mucho de la escuela. Recuerda con alegría los juegos con sus primos y compañeros: el pilla-pilla, la comba, el pati... Aquellos años se caracterizaron por un ambiente cercano, amistoso y lleno de diversión. En cuanto a sus maestros, hubo de todo: algunos más amables y otros bastante estrictos. Guarda especial cariño, aunque no recuerda sus nombres, a una profesora mayor que les regalaba cuentos, y también a el marido de otra maestra, un veterinario que les daba clase de lengua por las tardes.

A Sole le gustaban especialmente las clases de matemáticas y merendar bocadillos de chocolate y alguna que otra croqueta. Recuerda que antes de entrar a la escuela, tenían que hacer toda una gran fila, poner la mano derecha en el hombro de la compañera y cantar el himno “cara al sol”.



María Soledad Gil Gil, known as Sole, was born in 1958 in Horcajo de las Torres, Ávila. She lived there until age 11, when she moved to Salamanca to attend a strict convent school, “El Amor de Dios,” where harsh discipline left her with difficult memories. Eventually, her whole family settled in Salamanca.

Sole worked briefly as a primary and early childhood teacher in Madrid and Salamanca but left due to health reasons. Though she had no children, she built a calm life and cherished teaching.

Her childhood memories include joyful games like tag and jump rope with cousins, and she fondly recalls a kind older teacher who gave them storybooks. Sole enjoyed math classes and snacks like chocolate sandwiches. School started with singing the “Cara al Sol” anthem, lining up hand on shoulder, a ritual she remembers clearly.

Para cerrar nuestro recorrido por las historias de vida escolar de los verdaderos protagonistas - los residentes que han dado voz y memoria al proyecto -, incluimos ahora una biografía distinta: la de Ana Calzón de Paz, psicóloga y psicogerontóloga de la Residencia Colisée La Vega de Salamanca. Si las páginas anteriores han rescatado recuerdos de infancia, el testimonio de Ana ofrece una mirada interna que simboliza el punto de encuentro entre generaciones, el nexo entre la experiencia vivida por los mayores y la labor de los profesionales que impulsan su bienestar. Con su voz concluye este capítulo, recordándonos que toda memoria necesita un puente —humano y sensible— para seguir creciendo.

Ana Calzón de Paz siempre supo que quería trabajar “con y para las personas”. Nacida en Salamanca a comienzos de los años ochenta, descubrió su vocación mientras cursaba Bachillerato en el instituto Torres Villarroel, donde se apuntó - casi por casualidad - a un seminario de orientación sobre la mente humana. Aquella charla despertó un interés que la llevó a matricularse en Psicología en la Universidad de Salamanca. Graduada con Premio Extraordinario, completó el Máster en Psicología General Sanitaria y un posgrado en Psicogerontología, convencida de que la salud mental de las personas mayores sigue siendo la gran olvidada.



Ese itinerario académico se convirtió pronto en compromiso profesional. Desde 2014 trabaja como psicóloga sanitaria y psicogerontóloga en la Residencia Colisée La Vega de Salamanca, donde acompaña a los mayores en su bienestar cognitivo, emocional y conductual. Ana define su labor como “un triángulo entre escuchar, estimular y dignificar”: escucha historias de vida, diseña planes de estimulación y defiende la autonomía de cada residente.

Su trayectoria dio un salto en 2023 con la llegada a la residencia del proyecto Erasmus+ “Lifelong Learning, Now it is Digital” (LLND), centrado en el envejecimiento activo digital y la memoria educativa. Ana se convirtió en la coordinadora interna y, desde el primer día, vio la iniciativa como un “triple motor” para los residentes: emocional, cognitivo y social. A nivel emocional, relata que muchos residentes pasaban la semana esperando las sesiones de los lunes; “se levantaban motivados, se vestían con ilusión y volvían a sentirse protagonistas”. En el plano cognitivo, las nuevas tecnologías representaron un desafío estimulante: aprender a manejar tabletas o escanear códigos QR no solo reforzó la atención y la memoria de trabajo, sino que derribó el mito de que aprender es

cosa de jóvenes. Socialmente, las actividades intergeneracionales actuaron como un puente: los mayores enseñaban palabras como *pizarrín* o *cabás* a universitarios que, a su vez, les mostraban herramientas digitales. “Para unos significó vencer prejuicios sobre la vejez; para otros, descubrir que su experiencia tiene un valor que el mundo actual sigue necesitando”, explica Ana.

Destaca, además, la reminiscencia como herramienta terapéutica: trabajar con recuerdos de la escuela despertó emociones positivas, reforzó la identidad y elevó la autoestima de personas que, a menudo, se sienten desplazadas de la narrativa social. Las salidas culturales a Zamora y Braganza fueron otro hito: pese a los miedos iniciales, quienes participaron regresaron eufóricos, queriendo ver las fotos “una y otra vez” y contarlo a familiares y compañeros. Para Ana, estos desplazamientos validaron la idea de que la residencia es hogar, pero no frontera: “Salir, compartir y ser vistos fortalece su pertenencia a la comunidad”.

La psicóloga subraya que el mayor logro del proyecto es haber devuelto “sentido vital”: los residentes ya no se perciben como receptores de cuidados, sino como agentes activos capaces de enseñar y aprender. Por eso insiste en que el envejecimiento no es una etapa de pérdida, sino de transformación. En sus clases repite a los estudiantes: «La voz de los mayores enriquece la nuestra; escucharla es aprender lo que aún no hemos vivido». Convencida del poder del encuentro intergeneracional, Ana trabaja para que proyectos como este no sean un mero paréntesis, sino el germen de una cultura residencial abierta, inclusiva y, sobre todo, humana.

Ana Calzón de Paz, born in Salamanca in the early 1980s, is a psychologist and psychogerontologist at Residencia Colisée La Vega. Inspired by a high school seminar, she studied Psychology at the University of Salamanca, graduating with honors, and specialized in psychogerontology. Since 2014, she supports elderly residents' cognitive, emotional,

and behavioral well-being, focusing on listening, stimulating, and dignifying their lives.

In 2023, Ana coordinated the Erasmus+ project “Lifelong Learning, Now it is Digital,” which promotes active digital aging and educational memory. The project boosted residents’ motivation, cognitive skills through technology, and social connections via intergenerational exchanges. Ana emphasizes that aging is not loss but transformation and advocates for recognizing the valuable voice of older adults. Her work aims to build inclusive, humane residential communities where seniors are active participants.

Stories and memories

Storie e Memorie



EduVita

I miei anni di scuol di Addolorata Petrizza

Mi chiamo Addolorata, ma tutti mi chiamano Dora. Ho 77 anni e vengo da Montescaglioso, un piccolo paese vicino Matera, nel Sud Italia.



A volte mi capita di ricordare quando andavo a scuola, circa 65 anni fa! A quei tempi, la scuola si trovava in uno dei monumenti più importanti del mio paese: l'Abbazia di San Michele Arcangelo.

Come simbolo di appartenenza alla classe, indossavamo un colletto bianco con un nastro anch'esso bianco.

Avevamo un'unica maestra: era molto severa, e il rispetto nei suoi confronti era assoluto; altrimenti, arrivava la punizione. Avevamo un solo libro e un solo quaderno: il materiale scolastico era quasi inesistente, anche perché le nostre possibilità economiche erano molto limitate. Scrivevamo con la penna e il calamaio.

Oggi i giovani studenti hanno tutto ciò di cui hanno bisogno, ma spesso sembrano distratti, poco motivati allo studio, soprattutto da quando la tecnologia ha invaso le loro menti.

Io, invece, adoravo andare a scuola e studiare. Ma non ho potuto proseguire gli studi: essendo una ragazza con tanti fratelli e sorelle, dovevo aiutare in casa con le faccende domestiche.

Ora che ho 77 anni, continuo ancora ad ampliare le mie conoscenze e sono molto curiosa di imparare. Infatti leggo molto e mi piace guardare programmi culturali.

Mi mancano davvero tanto i miei anni di scuola!

My school years by Addolorata Petrizza

My name is Addolorata, but everyone calls me Dora. I'm 77 and I'm from Montescaglioso, a small town near Matera, in the South of Italy.

I sometimes remember when I used to go to school, about 65 years ago! At that time, the school was in my town's most remarkable historical site, the Abbazia of San Michele Arcangelo.

As a symbol of class membership, we used to wear a white collar with a white ribbon.

We had only one teacher: she was very strict, and full respect towards her was a must; otherwise, we would be punished. We had one book and one notebook: school materials were not available, also because our economic possibilities were limited. We used to write with a pen and an inkwell.

Nowadays, young students have everything they need, but sometimes they are distracted and unwilling to study, especially since the use of technology has invaded their minds.

I loved going to school and studying, but it hasn't been possible for me to continue my studies because, as a girl with many sisters and brothers, I had to help out with household chores.

As a 77-year-old woman, I continue to expand my knowledge and remain very interested in learning. Infact, I read a lot, and I love watching cultural programs. I do miss my school years!

Quando andare a scuola era un'avventura di Anna Vita Conte

Ho vissuto il periodo della scuola nel paesino in cui sono nata, Lequile. Ogni mattina per andare a scuola dovevo raggiungere Lecce: mi separavano solo pochi chilometri, ma a casa mia non avevamo un'automobile e l'unico modo per raggiungere la scuola in tempo per la prima campanella era la corriera, alta e azzurra, come quelle che ancora si vedono in circolazione.

Era la fine degli anni '70, a casa con le mie due sorelle e mia madre si faceva a gara per prepararsi. Io sono sempre stata un'



inguaribile ritardataria: spesso perdevo l'ultimo autobus disponibile e per andare a scuola, con un po' di incoscienza, facevo l'autostop. Con me c'era Carla, una carissima amica. Abbiamo condiviso tante esperienze insieme: era diventata come una sorella.

Quando salivamo a bordo con qualche sconosciuto, lo guardavamo con sospetto. Io mi sedevo sul sedile posteriore, pronta a intervenire in caso di bisogno. Ricordo che facevamo molte domande per capire chi ci fosse alla guida e trattenevamo a fatica le risate. Una volta ci capitò di accettare un passaggio da un tipo molto strano.

L'auto era maleodorante, ma era tardi per tirarsi indietro. Poggiato sul sedile c'era un piatto con del cibo per cani e lui gesticolava sollevando le mani dal volante. Per fortuna anche quella volta andò bene.

Non ho mai raccontato a mia madre come andassi a scuola tutte le volte che ero in ritardo. Da quando sono diventata mamma anch'io, mi sono resa conta di quanto fossi incosciente all'epoca: erano davvero altri tempi.



***When Going to school was an adventure by
Anna Vita***

I spent my school years in the little town where I was born, Lequile. Every morning, I had to make my way to Lecce for school. It was only a few kilometers away, but since we didn't have a car at home, the only way to get there in time for the first bell was to catch the bus—the tall, blue kind you can still spot on the roads today.

It was the late 1970s. At home, with my two sisters and my mother, mornings were a race to get ready. I've always been hopelessly late; more often than not, I'd miss the last available bus. And so, a bit recklessly, I'd hitchhike to school. My dear friend Carla was always with me. We shared so much together that she became like a sister to me.

When we'd climb into a stranger's car, we'd always eye the driver with suspicion. I would sit in the back seat, alert and ready to act if need-

ed. I remember we'd bombard the driver with questions, trying to figure out who we were dealing with, all while trying to stifle our laughter.

Once, we accepted a ride from a particularly odd man. His car reeked, and on the seat beside him sat a plate of dog food. He gestured wildly while talking, sometimes even taking his hands off the wheel. Thankfully, even then, nothing happened.

I never told my mother how I got to school on those days I missed the bus. Now that I'm a mother myself, I realize just how reckless I was back then. But those were truly different times.

Una lezione di amicizia di Giuseppe Dimastrodonato

Io, Ginetto e Vito, ci siamo conosciuti il primo giorno di scuola media. Siamo stati messi nello stesso banco per caso, ma in poco tempo siamo diventati inseparabili. Ogni mattina ci davamo il buongiorno con una battuta e condividevamo la merenda durante l'intervallo. Sembrava che niente potesse separarci.

Col passare del tempo, però, le cose iniziarono a cambiare. Ginetto cominciò ad appassionarsi al calcio e passava più tempo con i ragazzi della squadra. Vito, invece, si dedicava allo studio e spesso rimaneva in casa. Io mi sentivo escluso, come se il trio si stesse sgretolando. Un giorno, dopo una discussione, ci furono parole pesanti e smettemmo di parlarci.

Per settimane siamo rimasti distanti, ognuno preso dal proprio mondo. Ma quando arrivò il giorno della gita scolastica, qualcosa è cambiata. Durante un'escursione, Vito scivolò e si fece male ad una caviglia. Senza esitare, io e Ginetto siamo corsi ad aiutarlo. Fu in quel momento che capimmo che, nonostante le nostre differenze, la nostra amicizia era ancora forte!



Da quel giorno abbiamo deciso di rispettare gli interessi di ciascuno di noi, ma senza lasciarsi allontanare. La nostra amicizia non era più quella dell'infanzia, ma era cresciuta con noi, diventando ancora più solida. E così, tra i banchi di scuola, imparammo una lezione importante: le vere amicizie resistono al tempo e ai cambiamenti.



***A Lesson in friendship by Giuseppe
Dimastrodonato***

Ginetto, Vito, and I met on the very first day of middle school. By pure chance, we were assigned to the same desk—but it didn't take long for us to become inseparable. Every morning started with a joke and a smile, and at break time, we'd share our snacks as if it were a sacred ritual. It felt like nothing in the world could ever come between us.

But as time passed, things began to change. Ginetto developed a passion for soccer and began spending more time with the boys on the team. Vito, on the other hand, threw himself into his studies and often stayed home to read or revise. I began to feel left out, like the trio that once felt so solid was slowly falling apart. One day, after a heated argument, some harsh words were exchanged, and we stopped talking.

Weeks went by with silence between us, each of us caught up in our own separate lives. Then came the school trip, and something changed. During a hike, Vito slipped and twisted his ankle. Without thinking twice, Ginetto and I rushed over to help him. In that moment, something clicked—we realized that no matter how different we'd become, the bond we shared hadn't disappeared.

From that day on, we made a pact: we would respect each other's interests, but we wouldn't let them pull us apart. Our friendship wasn't the same as it had been in childhood—it had grown with us, becoming deeper and stronger. And so, sitting at those old school desks, we learned one of life's most important lessons: true friendships can stand the test of time and change.

Quel giorno nel corridoio

Questo breve episodio della mia vita scolastica evidenzia quanto è cambiata la scuola in 70 anni e quanto sono cambiati gli adolescenti.

Ero uno studente ginnasiale del Liceo Classico Palmieri di Lecce e, come molti adolescenti, ogni tanto finivo nei guai. Anche se, a dire il vero, non riesco nemmeno a ricordare cosa avessi combinato quel giorno.

Tutto quello che so è che fui cacciato fuori dalla classe, il che significava restare lì nel corridoio, davanti alla porta, ad aspettare in silenzio che la punizione finisse.

Fu lì che incrociai un altro “espulso” come me. Ci scambiammo uno sguardo fatto di colpa condivisa e una punta di divertimento. Ma entrambi sapevamo che il corridoio era vietato. Il preside passava spesso nei corridoi controllando che “non si sentisse volare una mosca”, la disciplina era militaresca! Farsi trovare nel corridoio voleva dire una punizione sicura.

Così, presi dal panico e dalla tipica logica infantile, facemmo la cosa più assurda che ci venne in mente: ci infilammo sotto un banco appoggiato al muro, sperando di diventare invisibili. Naturalmente, non lo eravamo affatto. Il preside ci vide subito – come avrebbe potuto essere altrimenti? Il resto era inevitabile: cinque giorni di sospensione e un incontro imbarazzante tra mio padre e la direzione scolastica.

Quello che mi è rimasto dentro, però, non è tanto la punizione, quanto la sensazione, profonda e indimenticabile, di paura e umiliazione. Fu una delle prime volte in cui capii davvero che la vita richiede coraggio. Cercare di nascondersi dai problemi non fa altro che peggiorarli. Bisogna affrontare le situazioni a testa alta, non



con la paura o con la fuga, ma con maturità e responsabilità. Ma da studenti 14-15 anni negli anni'50 spesso si era ancora bambini.

That day in the hallway

The brief episode of my school life highlights how much school has changed in 70 years and how much adolescents have changed.

I was a student at Liceo Classico Palmieri in Lecce, and like many teenagers, I sometimes got into trouble, though I can't even recall what I did wrong that particular day.

All I remember is being expelled from class, which meant standing in the hallway outside the door, waiting out the punishment in silence.

It was there that I crossed paths with another "expelled" student. We exchanged a look of shared guilt and mild amusement. But we both knew the hallway was off-limits. The school principal often passed through the corridor, checking that "not a fly could be heard flying." The discipline was military! Being found in the corridor meant a sure punishment.

So, in a moment of panic and childish logic, we did the most ridiculous thing we could think of: we crawled under a desk pressed against the wall, hoping to become invisible. Of course, we weren't. The principal spotted us immediately – how could he not? What followed was inevitable: a five-day suspension and a very uncomfortable meeting between my father and the school administration.

What stayed with me wasn't just the punishment, but the feeling, deep and unforgettable, of fear and humiliation. It was one of the first times I truly realized that life demands courage. Trying to hide from problems only makes them worse. You have to face situations head-on, not with fear or avoidance, but with maturity and responsibility. However, a 14-15-year-old student in the 50s was often still a child.

Il coraggio di dire la verità Pierluigi D'Antonio

Lecce, Scuola Media, 1963

La mia insegnante di italiano ci assegnò un tema su un autore italiano da fare come compito. Il giorno successivo, il mio amico, che non aveva fatto il compito, fu chiamato a leggere il tema in classe. Invece di ammettere che non l'aveva fatto, iniziò a leggerlo (o almeno a fare finta di farlo). La sua speranza era di inventarlo sul momento mentre leggeva.



L'insegnante, notando la sua indecisione, lo invitò a leggere più velocemente. Ma lui continuò a leggere una parola ogni cinque minuti. A un certo punto, la maestra gli chiese di darle il quaderno, e lui esitò, cercando di inventare qualche scusa per non farlo.

Alla fine, glielo consegnò, e lei si arrabbiò, punendolo. Non era delusa perché non avesse fatto il compito, ma perché non aveva detto la verità. Quel giorno imparai che il coraggio di dire la verità fa sempre la differenza.



The courage to tell the truth by Pierluigi D'Antonio

Lecce, Middle School, 1963

My Italian teacher assigned us an essay about an Italian author to do as homework. The following day, my friend who hadn't done his homework was asked to read the essay in class. Instead of admitting that he hadn't done it, he started reading it (or pretending to do it). He hoped that he could invent it on the spot, while reading.

The teacher, noticing his indecision, invited him to read it faster. But he continued to read one word every five minutes. At some point, the teacher asked him to give her his notebook, and he hesitated, trying to make up some excuses not to.

In the end, he showed her his notebook, and she got angry, punishing him. She was disappointed, not because he hadn't completed his homework, but because he didn't tell the truth. That day, I learned that the courage to tell the truth always makes a difference.

La mia divisa scolastica di Carmela Di Piero

Mi chiamo Carmela e ho 62 anni. Sono nata nel New Jersey, negli Stati Uniti, ma vivo in Italia da quando avevo 20 anni.

Spesso mi fermo a pensare alla mia vita in America: agli amici, alla famiglia, alle abitudini... ma soprattutto al mio percorso scolastico.



Ho avuto il privilegio di frequentare scuole private salesiane, dall'asilo fino al liceo. È lì che ho ricevuto un'educazione di altissimo livello, sia dal punto di vista scolastico che comportamentale.

Non dimenticherò mai la mia reazione la prima volta che ho indossato la divisa scolastica, soprattutto al liceo. In effetti, ogni volta che sfoglio le vecchie foto, la divisa è ciò che cattura sempre la mia attenzione.

A dire la verità, odiavo l'idea di dover indossare ogni giorno gli stessi vestiti: una gonna lunga dal ginocchio, camicetta bianca, una giacca, calzettoni che sembravano ridicoli, scarpe esageratamente formali, e via dicendo.

Io e le mie amiche ci sentivamo tremendamente a disagio alla fermata dell'autobus con quell'uniforme che attirava gli sguardi di tutti!

Eppure, con il tempo, sono riuscita ad accettarla, soprattutto perché, attraverso la divisa, sentivo di appartenere a una comunità che, giorno dopo giorno, diventava una seconda famiglia. Le Suore Salesiane facevano sempre il possibile per offrirci il meglio: una

scuola ben strutturata e attrezzata, spazi accoglienti e zone dedicate al gioco e alle attività extrascolastiche.

Le regole erano una vera e propria “legge”, ma le suore riuscivano a essere severe e affettuose allo stesso tempo. Pensate che ho perfino imparato a guidare con una suora: ho preso la patente proprio a scuola, a 16 anni.

A volte ci sembrava di vivere in una bolla, un mondo lontano dalla realtà. Solo con il passare degli anni abbiamo capito che tutto ciò era pensato per proteggerci, e per prepararci alla vita.

Se oggi sono la persona che sono, lo devo alla mia famiglia e all’educazione scolastica che ho ricevuto. In fondo, quella “stupida uniforme” non era una punizione... ma un simbolo di appartenenza e rispetto.

My School Uniform by Carmela Di Pierro

My name is Carmela, and I'm 62. I was born in New Jersey (USA), but I've been living in Italy since I was 20.

I often stop and think of my life back in the States: my friends, my family, my habits, but most of all, my education.

I have had the privilege of attending private Salesian schools from Kindergarten to High School. There, I surely received a high-quality education in school subjects and behaviour as well.

I will never forget my reaction when I first wore my school uniform, especially when I attended high school.

In fact, looking through my old photos, my school uniform caught my thoughts. I detested the idea of wearing the same clothes every single day: long knee skirts, white shirts, a jacket, silly knee socks, ridiculous formal shoes, and so on.

My friends and I were embarrassed at the bus stop with this uniform that attracted everyone's attention! However, in the end, I managed to accept it, especially because I felt proud of being part of a community that became my second family.

The Salesian Sisters always tried to offer us the best: a well-structured and equipped institute, comfort zones, and fun spaces for all extracurricular activities.

Rules and regulations were a MUST, but the Salesian Sisters were severe and friendly at the same time. I even learnt to drive with a nun: I obtained my driver's license at school, when I was 16.

Sometimes, we felt locked in a world that had nothing to do with real life. Little did we know that all this was done for our well-being!

If today I am who I am, it's thanks to my family and to the school education I received. After all, my "stupid uniform" wasn't a punishment, but a symbol of membership and respect.

Una Vita tra i Banchi di Silvia Bisognin

Mi chiamo Silvia Bisognin. Sono nata in Argentina, ma da due anni vivo a Lecce. Mio padre era italiano e, come si suol dire, il sangue chiama. È per questo che oggi mi trovo qui, in questa terra che sento un po' come casa. Per me è quasi un gioco: raccontare la mia storia e mostrare come, anche a migliaia di chilometri dall'Italia, la scuola possa avere tante similarità.

Conservo ancora una fotografia che mi sta molto a cuore: io, bambina, con indosso il mio grembiule bianco. Era l'ultimo anno della scuola primaria, che in Argentina finisce a dodici anni. E poi, eccola, un'altra foto, scattata trent'anni dopo. Sono sempre io, diventata insegnante, e ancora con lo stesso tipo di grembiule bianco: un filo che unisce infanzia e vocazione.

Ricordo bene il giorno in cui finimmo la scuola. L'istituto ci regalò un libro per l'estate, un modo gentile per tenerci compagnia durante le vacanze. E quando anni dopo diventai maestra, ripetei



quel gesto: regalai anche io quel libro ai miei alunni, nello stesso giorno speciale della fine dell'anno scolastico.

Parlando di scuola, non posso non raccontare degli oggetti che mi hanno accompagnata fin da piccola. Quando iniziai a scrivere, usavo una penna minuscola, con due punte. Era piccola perché la mia mano era piccola. Una buona penna deve essere proporzionata alla mano del bambino: è così che si impara a scrivere bene, con tranquillità.

Dopo, si passava a un altro tipo di penna, quella che si riempiva d'inchiostro. In Argentina la chiamavamo pinta. Non so come si chiami qui in Italia, ma era una tappa importante, quasi un rito di passaggio.

Poi la vita è andata avanti. Sono diventata direttrice scolastica. I documenti ufficiali, i verbali, le comunicazioni... li compilavo con la mia fidata stilografica. Un altro oggetto simbolico, parte della mia crescita professionale.

Oggi sono in pensione. Ho 66 anni, ma dentro di me resta viva la bambina col grembiule bianco, l'insegnante appassionata, la direttrice responsabile. E ogni oggetto che ho toccato in questa lunga avventura scolastica porta con sé una piccola storia. Una penna, un libro, un grembiule... pezzi di vita, testimoni silenziosi del mio cammino.



A life in the classroom by Silvia Bisognin

My name is Silvia Bisognin. I was born in Argentina, but I've been living in Lecce for the past two years. My father was Italian, and as the saying goes, "blood calls." That's why I'm here now, in this land that feels a little like home. For me, telling my story has become almost like a game, a way to show how, even thousands of kilometres away from Italy, school can still hold so many similarities.

I still keep a photograph that is very dear to me: it shows me as a little girl, wearing my white school smock. It was my final year of primary

school, which in Argentina ends at the age of twelve. And then, here it is, another photo taken thirty years later. It's still me, now a teacher, and once again wearing the same kind of white smock: a thread that ties together childhood and vocation.

I remember well the day we finished school. The school gave us a book to read over the summer, a kind gesture to keep us company during the holidays. And when, years later, I became a teacher, I repeated that tradition: I gave that same book to my students on the last day of the school year, in that same special moment.

When I speak about school, I can't help but mention the objects that have accompanied me since I was a child. When I first started writing, I used a tiny pen with two nibs. It was small because my hand was small. A good pen should match the size of the child's hand, only then can writing come smoothly, calmly.

Later, we moved on to another kind of pen, the kind you filled with ink. In Argentina, we called it pinta. I don't know what it's called here in Italy, but it marked an important stage, almost a rite of passage.

Then life went on. I became a school principal. All the official documents, reports, communications... I prepared them with my trusted fountain pen. Another symbolic object, part of my professional journey.

Today I am retired. I'm 66 years old, but inside me lives the little girl in the white smock, the passionate teacher, the responsible headmistress. And every object I touched during this long school adventure carries with it a little story. A pen, a book, a smock... pieces of life, silent witnesses of my path.

Amicizie tra i banchi di scuola di Patrizia Petrelli

Le mie amicizie sono nate quasi tutte tra i banchi di scuola. Alcune risalgono alla scuola elementare, sono continuate alle medie, poi alle superiori e rimangono le più importanti.

Ho frequentato le scuole a Lecce: le elementari all'Istituto Margherita, le medie al Quinto Ennio e le superiori al liceo classico Palmieri.

Il mio percorso scolastico si colloca negli anni 60 e 70 del 1900.

In mezzo il 1968, l'anno della contestazione, anche a scuola, ma io ero troppo piccola per parteciparvi, avevo solo 10 anni. Certo è che dopo il '68 la scuola è profondamente cambiata. La mia formazione non è stata infatti nozionistica.

Il segreto dell'amicizia nata tra i banchi di scuola sta nell'aver condiviso esperienze positive, soprattutto alle superiori, legate in particolare alla qualità degli insegnamenti. I nostri professori erano nella maggior parte davvero preparati, avevano una cultura immensa, e qualità umane considerevoli.

D'altra parte noi ragazzini eravamo ben disposti ad ascoltarli, consapevoli di stare vivendo un'esperienza formativa di prim'ordine.

Io e i miei compagni di classe ci siamo sempre sentiti dei privilegiati, per aver vissuto e condiviso quegli anni così decisivi per la nostra vita, non solo lavorativa.

Ancora oggi, grazie ai social, in particolare a WhatsApp, ci teniamo in contatto e ci incontriamo periodicamente, facendo festa ed emozionandoci sempre.



Dei nostri professori è ancora in vita la professoressa di lettere del ginnasio, che era all'epoca, cioè agli inizi degli anni 70, giovanissima.

In occasione della Festa della Donna, oltre a farle gli auguri, le abbiamo inviato le foto del nostro incontro dell'8 marzo, ricevendo questa risposta :

“Ho letto il vostro messaggio ieri sera, sul far della mezzanotte, perché prima c'era stato un susseguirsi di impegni; ho contemplato le foto ad una ad una con un senso di affettuosa soddisfazione: come siete cresciuti!(ed io sono invecchiata...)Abbiamo avuto il grande dono di esserci incontrati ed essere riusciti a costruire, nella diversità di persone e ruoli, un rapporto di autentica amicizia.

Vi stringo tutti in un forte abbraccio.”

Cosa aggiungere? Solo l'augurio che le nuove generazioni di studenti sappiano coltivare l'amicizia tra i banchi di scuola.



School Friendships by Patrizia Petrelli

Most of my friendships were born at school. Some date back to elementary school, continued through middle school, and then high school, and they remain the most meaningful relationships in my life.

I studied in Lecce: elementary school at the Margherita Institute, middle school at Quinto Ennio, and then high school at the Palmieri Classical Lyceum.

My school years span the 1960s and 1970s, a time of great social and cultural change.

In the midst of it all came 1968 - the year of protests, even within schools. But I was only ten at the time, too young to take part. Still, it's undeniable that after '68, education changed profoundly. In fact, my schooling was far from rote or mechanical.

The secret to those long-lasting school friendships lies in the quality of the experiences we shared, especially in high school. Much of that was due to the outstanding caliber of our teachers. They were exceptionally well-prepared, deeply cultured, and had remarkable human qualities.

In turn, we were eager to listen and learn. We knew we were part of something special - a truly formative educational experience.

My classmates and I have always felt fortunate to have shared those decisive years, not just in shaping our future careers, but our lives as a whole.

Even today, thanks to social media, especially WhatsApp, we stay in touch. We meet regularly, always celebrating, always moved by the memories we share.

One of our former teachers is still alive: our middle school literature teacher. She was very young back then, in the early 1970s. Just recently, for International Women's Day, we sent her greetings along with photos from our reunion on March 8th. She replied with this touching message:

"I read your message last night, at midnight, after a long day full of commitments. I looked at each photo with a sense of affectionate satisfaction: how much you've grown! (and I've grown old...) We were blessed to have met and to have built, through the diversity of people and roles, a relationship of true friendship. I hold you all in a warm embrace."

What more can I say? Only this: I hope new generations of students will also discover the joy of building lasting friendships during their school years.

Il lavoro che ho sempre sognato di Pietro Locantore

Mi chiamo Piero, ho 69 anni e sono un'insegnante di matematica e fisica in pensione.

Sin da piccolo, ho sempre avuto una grande passione per i numeri. Infatti, la mia materia preferita a scuola era la matematica, che studiavo quasi per divertimento.

Da piccolo sognavo di insegnare matematica, ma a volte mi sembrava una strada lunga e faticosa da percorrere, soprattutto per un ragazzino nato e cresciuto in una



famiglia di campagna, che con la matematica non aveva niente a che fare.

Tuttavia, giorno dopo giorno, problema su problema, equazione dopo equazione, sono riuscito a raggiungere il mio traguardo.

Non dimenticherò mai le prime volte che mi chiamavano alla lavagna: mi tremavano le gambe, ma affrontavo ogni sfida con coraggio, con la speranza che un giorno ci sarei stato io dall'altra parte della cattedra.

Così è stato: con grande orgoglio e soddisfazione, ho conseguito una laurea in matematica e fisica. Ho trascorso la mia vita a trasmettere questa passione ad altri giovani, che mi stimano ancora oggi che ho raggiunto il mio pensionamento.

Dentro di me, sento ancora di essere un prof soddisfatto.

The job I always dreamed of by Pietro Locantore

My name is Piero, I'm 69 years old, and I'm a retired teacher of mathematics and physics.

Ever since I was a child, I've had a deep passion for numbers. Math was always my favorite subject at school; I studied it almost for fun.

When I was young, I dreamed of becoming a math teacher. At times, though, that dream felt distant and difficult to achieve, especially for a boy raised in a family from the countryside that had nothing to do with mathematics.

But little by little, problem after problem, equation after equation, I got there.

I'll never forget those early days when I was called to the blackboard. My legs would shake, but I faced every challenge with determination, holding onto the hope that one day I would stand on the other side of the desk.

And that's exactly what happened. With great pride and satisfaction, I earned a degree in mathematics and physics. I spent my life passing on that passion to young people, many of whom still remember me fondly, even now that I'm retired.

Deep down, I still feel like a proud teacher.

Scuola d'autunno di Rosa Laguardia

Fine anni Sessanta. Un piccolo paese del Sud, dove il tempo sembrava scorrere più lentamente e l'infanzia aveva ancora il sapore dell'essenziale. La scuola cominciava il primo ottobre, quando l'aria si faceva più fresca e le rondini avevano già preso il volo verso i paesi caldi. Le nostre mamme, con il ritmo paziente di chi conosce i cicli della vita, avevano avuto il tempo di preparare tutto. I



grembiuli, appesi alle grucce, erano puliti e stirati con cura, i colletti bianchi inamidati e croccanti, i bottoni ben cuciti, i fiocchi gonfi e simmetrici. Le cartelle, raramente in pelle, erano fatte di cartone pressato color marroncino.

Dentro, l'essenziale: due libri — il libro di lettura e il sussidiario — un quaderno a righe, uno a quadretti e uno per la bella copia. Le pagine erano incorniciate da disegni delicati, piccole cornicette che adornavano i nostri pensieri più belli, i testi poetici che imparavamo a memoria, le frasi che volevano educare il cuore prima ancora che la mente.

Nell'astuccio, sempre lo stesso: 12 pastelli, due penne, una matita, un temperamatite, una gomma e il righello. I primi giorni tutto era in ordine, quasi perfetto. Ma con il passare del tempo, gli angoli dei quaderni cominciavano ad arrotolarsi, le copertine si sporcavano, i fogli si stropicciavano. Ci voleva una certa diligenza per mantenere intatto quel piccolo universo di carta.

La maestra se ne accorgeva subito. Capiva se eri capace di cura, se rispettavai le cose, se avevi ordine dentro e fuori. Il tuo aspetto parlava per te: i capelli ben pettinati, i calzoncini bianchi tirati su, le scarpe lucide, le unghie pulite, le orecchie lavate. Dovevi profumare d'acqua e sapone per conquistare il suo sguardo benevolo.

Se poi eri anche bravissima, potevi diventare capoclasse. La mamma, fiera, ti preparava una coccarda colorata da appuntare al grembiule, sul petto o sul braccio: un distintivo di merito, un simbolo di stima. Da capoclasse, quando la maestra si assentava, prendevi il comando con solennità: tracciavi una linea sulla lavagna e dividevi il mondo in due — buoni e cattivi. Bastava parlare, ridere o alzarsi dal banco per finire dalla parte sbagliata. Alcune capoclasse erano inflessibili, altre più indulgenti: cancellavano i nomi dei cattivi appena prima che la maestra rientrasse. Era un ruolo difficile, un equilibrio sottile tra l'obbedienza e la solidarietà.

Due volte all'anno arrivava la pagella. I voti andavano da 5 a 10. Un 10 ti faceva brillare, un 7 ti teneva al sicuro, un 5 ti metteva in pericolo. Bastava averne troppi per rischiare la bocciatura. Ma in religione, musica e ginnastica anche i più disattenti e sfaccendati raccoglievano un 6 che faceva, però, storcere il naso ai genitori che consideravano queste discipline meno importanti. In condotta, se eri educata e composta, arrivava persino un 9 o un 10. La condotta era sacra: era l'anima con cui abitavi la classe.

La disciplina si manteneva con fermezza. La maestra teneva sulla cattedra una bacchetta di legno, e non era solo simbolo. Le punizioni erano semplici ma umilianti: dietro la lavagna, faccia al muro. Il metodo educativo era autoritario, senza fronzoli. L'insegnante era al centro, custode della conoscenza e della rettitudine. Si imparava a memoria, si obbediva, si cresceva così.

Eppure, a distanza di sessant'anni, nonostante tutto, molti di noi conservano un ricordo dolce di quei giorni, della nostra maestra, dei compagni, dell'odore del refettorio, del bidello, del direttore didattico, di quel tempo in cui bastava poco per sentirsi grandi.

Molti di noi sono cresciuti bene, hanno imparato ad amare lo studio. Io sono una di questi. Ho amato tanto la scuola da volerci restare per sempre. E così ho scelto di diventare un'insegnante,

per poter passare i miei giorni dentro una classe, con i miei studenti. Per crescere ancora, e imparare insieme a loro.



*Voice: Tiziana
Buccarella

Autumn School by Rosa Laguardia

Late 1960s. A small village in southern Italy, where time seemed to move more slowly and childhood still held the flavor of simplicity. School began on the first of October, when the air turned cooler and the swallows had already flown off to warmer lands. Our mothers, with the patient rhythm of those who understand life's cycles, had had time to prepare everything. Our smocks, hanging neatly on hangers, were freshly washed and carefully ironed, white collars starched and crisp, buttons checked, bows fluffed and even. Schoolbags, rarely made of leather, were usually pressed cardboard in a light brown shade.

Inside, only what was necessary: two books – a reading book and the sussidiario (a sort of all-in-one textbook) – a lined notebook, a squared one, and one for neat copy. The pages were framed with little decorative borders, where we wrote our most beautiful and important thoughts, or poetic texts to be memorized.

Our pencil case held crayons, two pens, a pencil, a sharpener, an eraser, and a ruler. Everything was perfect in those early days of school. But as time passed, the corners of books and notebooks would start to bend and smudge. You had to be diligent and orderly to avoid becoming careless. The teacher could immediately tell whether you had a sense of care and respect, and she judged you by it.

Your appearance, too, had to be in order: hair neat, white socks pulled up, shoes clean, fingernails and ears scrubbed. You had to smell of soap and water to win her favor.

And if you were truly excellent, you could become capoclasse, the class leader. For the occasion, your mother would make you a bright ribbon rosette to pin to your chest or arm. The rosette was a mark of distinction, a symbol of earned respect. As capoclasse, when the teacher stepped out, you took charge: you'd go to the blackboard and draw a firm line, dividing the world in two, the good and the naughty. To be naughty,

all it took was to speak, get up, or laugh. Some capoclasse were strict; others more forgiving, secretly erasing names before the teacher returned. It was a delicate role, to please the teacher without alienating your classmates.

Twice a year, the report card would arrive.

Grades ranged from 5 to 10. A 10 made you shine, a 7 kept you safe, and a 5 put you in danger. Having too many 5s could put you at risk of failing the year. But in religion, music, and physical education, even the most distracted and idle students would earn a 6 — though this often made parents frown, as they considered those subjects less important. In conduct, if you were polite and well-behaved, you might even receive a 9 or a 10.

Conduct was sacred: it was the soul with which you inhabited the classroom. Discipline was firmly enforced. The teacher kept a wooden stick on the desk — and it wasn't just symbolic. Punishments were simple, sometimes humiliating standing behind the blackboard with your face to the wall. The teaching model was authoritarian, centred around the teacher, with a strong emphasis on discipline and memorization.

And yet, sixty years later, despite everything, we hold a tender memory of those days. Of our teacher, our classmates, that little school, and all it meant. Many of us grew up well, learned to love studying. I'm one of them.

I loved school so much that I never wanted to leave. That's why I became a teacher, to spend my days in a classroom, growing and learning alongside my students.

Gli anni più belli di Chiara Pellegrini

Non ho dubbi, quando penso al periodo più bello della mia vita, sono certa che sia quello relativo agli anni della scuola elementare, ora chiamata scuola primaria.

Vivevo in un piccolo paese dell'Emilia Romagna, ai confini con Toscana e Marche.

Ancora lo ricordo come il posto più magico del mondo. In inverno accadeva che nevicasse e che il paesaggio sembrasse un presepe.

Ho frequentato lì le mie elementari, la scuola si trovava in un bellissimo enorme edificio nel centro storico del paese, aveva grandi aule dai soffitti alti. Le prime due classi, prima e seconda elementare, si frequentavano al piano terra, mentre per le tre finali si saliva alle aule del primo piano, attraverso scale larghe e signorili.

Erano gli anni settanta, l'anno scolastico iniziava il primo ottobre, noi bambini tornavamo a scuola dopo tanti mesi di gioco e relax, felici di tornare tra i banchi e rivedere i nostri compagni (tuttora presenti nella mia vita, anche da lontano).

La nostra maestra era una valida insegnante, una seria professionista, che ci ha formato in modo completo. Era avanti per i tempi nei quali vivevamo, aveva idee originali: ad esempio ci faceva ascoltare brani di musica classica mentre scrivevamo i temi di italiano in classe. Questo serviva a farci rilassare e concentrare ma anche a farci conoscere la musica classica in età scolare.

Sempre grazie a lei, maestra Ubalda Moroni, alla nostra educazione fisica settimanale, venne affiancato un corso di nuoto nella nuova piscina comunale. Molti miei compagni impararono così a nuotare e alcuni di noi (io compresa) parteciparono a gare a livelli importanti.



Il più bel momento dell'anno scolastico era sicuramente quello natalizio: per parecchi mesi gli alunni di tutte le classi della scuola venivano riuniti nella grande palestra per le prove dei classici canti natalizi, erano momenti speciali, magici per noi bambini.

Lì trovavo anche mio fratello, maggiore di due anni.

La sua classe era interamente composta da ragazzi, mentre l'altra classe, della sua stessa età, solo di ragazze. La sua annata fu l'ultima a non essere inserita in classi miste.

I ragazzi indossavano grembiuli neri con il fiocco azzurro, noi ragazze invece grembiuli bianchi e fiocco rosa.

Eravamo sempre ordinati e puliti, lo testimoniano le foto di classe che abitualmente si facevano il primo giorno di scuola. Erano sicuramente tempi nei quali i sistemi educativi erano più rigidi rispetto a quelli attuali, ma ritengo che questo sia stato positivo per la nostra crescita ed educazione.

Per quanto mi riguarda non cambierei niente di quegli anni, il mio unico rammarico è non poterci tornare ogni tanto, non avere una macchina del tempo che consenta di rivivere gli anni più belli della vita.



The most beautiful years of my life by Chiara Pellegri

I have no doubt, when I think about the most beautiful period of my life, I'm certain it was during my elementary school years, what is now called primary school.

I lived in a small village in Emilia-Romagna, near the borders of Tuscany and Marche. I still remember it as the most magical place in the world. In winter, snow would fall, covering everything in white, and the landscape looked like a living nativity scene.

I attended elementary school right there in the village. The school was housed in a magnificent, large building in the historic center. The classrooms were spacious, with high ceilings. The first and second grades were on the ground floor, while the upper three grades were held in classrooms on the first floor, reached by wide, elegant staircases.

It was the 1970s. The school year started on the first of October. After months of play and summer freedom, we children returned to school happy to be back at our desks, eager to see our classmates again, many of whom are still part of my life today, even from afar.

Our teacher, Maestra Ubalda Moroni, was an outstanding educator, a true professional who gave us a well-rounded education. She was ahead of her time, full of original ideas. For example, when we wrote essays in Italian class, she would play pieces of classical music in the background. It helped us relax and concentrate, but also introduced us to classical music at an early age.

Thanks to her, physical education once a week wasn't our only sporting activity, we also had swimming lessons at the new municipal pool. Many of my classmates learned to swim that way, and some of us (me included) even went on to compete at a fairly high level.

The most wonderful time of the school year was undoubtedly Christmas. For several months leading up to the holiday, all the classes gathered in the big gymnasium to rehearse traditional Christmas songs. Those rehearsals were magical for us children, special moments we looked forward to. That's where I'd also find my older brother, who was two years ahead of me.

His class was made up entirely of boys, while the other class in his year was all girls. His year was the last one before mixed-gender classes were introduced. The boys wore black smocks with blue bows, and we girls wore white smocks with pink bows.

We were always neat and clean, as shown by the class photos we took each year on the first day of school. Those were certainly times when the education system was more rigid than it is today, but I believe that structure was beneficial for our growth and upbringing.

As for me, I wouldn't change a single thing about those years. My only regret is not being able to go back from time to time, not having a time machine to relive the most beautiful years of life.

I suoni della mia scuola di Maria Grazia Petrelli

La sigaretta si consumava veloce tra le dita, il fumo si disperdeva nell'aria fredda del mattino. Eravamo in piedi davanti al portone del liceo, zaini buttati a terra, voci assonnate che si mescolavano al brusio del traffico. Poi, alle 8:20 in punto, il suono della prima campanella. Un richiamo inevitabile. Un ultimo tiro veloce, un'occhiata agli amici e poi via, su per le scale, diretti in classe.



Alle 8:30 la seconda campanella rompeva il breve silenzio che si era creato nei corridoi. Le porte si chiudevano, i professori prendevano posto dietro la cattedra, i registri si aprivano. La paura di essere interrogati era sempre lì, sospesa nell'aria. Si incrociavano sguardi d'intesa, si pregava in silenzio di non sentire il proprio nome.

E poi l'indimenticabile suono stridulo, fastidioso del gessetto sulla lavagna e il fragoroso suono della mano del professore che colpiva con forza la cattedra per richiamare la nostra attenzione, interrompendo di colpo i nostri pensieri distratti.

Ricordo ancora la voce lenta e solenne del professore che si alzava nel declamare i versi di Dante. Essi risuonavano nel silenzio teso dell'aula, così lontani dai nostri sedici anni.

Ma ecco che arrivava la salvezza: la campanella della ricreazione. Gioiosa, liberatoria. L'aula si svuotava in un attimo, il corridoio si riempiva di voci, risate, battute sussurrate e risate scoppiate senza controllo. Nei corridoi e nei cortili si creavano capannelli di studenti che condividevano merendine e confidenze.

Un nuovo suono, quello della campanella che sanciva la fine della ricreazione, ci riportava, nostro malgrado, nuovamente in classe.

Ore 13:30: il suono più atteso di tutti, la campanella della fine delle lezioni. Un suono festoso, il segnale di libertà. Mille passi veloci sulle scale, voci che si accavallavano, amici che si salutavano ridendo facendo progetti per il pomeriggio. Il liceo si svuotava piano, lasciando un'eco di voci che si disperdeva nel cortile.

Ora, guardando indietro, quei suoni mi sembrano la colonna sonora di un'epoca felice che non tornerà. A chi oggi vive gli stessi corridoi, le stesse aule, consiglio di non avere fretta di crescere, di assaporare ogni momento, anche quelli che sembrano insignificanti. Perché un giorno saranno proprio quei suoni a riportarvi indietro, con un sorriso nostalgico e un po' di malinconia.



The sounds of my school by Maria Grazia Petrelli

The cigarette burned quickly between my fingers, smoke dissolving into the cold morning air. We stood in front of the large entrance of our high school, backpacks thrown on the ground, sleepy voices mixed with the hum of traffic. Ten, right at 8:20, the first bell rang. An unavoidable call. One last drag, a glance at friends, and then up the stairs, heading to class.

At 8:30, the second bell shattered the short silence in the hallways. Doors closed, teachers took their seats at the desk, and registers were opened. The fear of being called on was always there, hanging in the air. We exchanged knowing glances, silently praying not to hear our names.

And then the unforgettable, shrill, annoying sound of chalk on the blackboard and the thunderous sound of the teacher's hand hitting the desk hard to get our attention back, suddenly interrupted our distracted thoughts.

I still remember the teacher's slow, solemn voice rising as he recited Dante's verses. They echoed in the tense silence of the classroom, so distant from our sixteen years.

But then came salvation: the recess bell. Joyful, liberating. The classroom emptied instantly, the hallway filled with voices, whispers turning into bursts of laughter. Small groups of students gathered in the hallways and courtyards, sharing snacks and secrets.

A new sound, the bell marking the end of recess, reluctantly brought us back to the classroom.

1:30 p.m.: Finally, the most awaited sound, the end-of-lesson bell. A festive sound, the signal of freedom. A thousand quick footsteps on the stairs, voices overlapping, friends saying goodbye with laughter, making plans for the afternoon. The school slowly emptied, leaving behind an echo of voices fading in the courtyard.

Now, looking back, those sounds feel like the soundtrack of a happy time that will never return. To those who walk those same hallways and classrooms today, I'd suggest: don't rush to grow up. Enjoy every moment, even the ones that seem insignificant. Because one day, it will be those very sounds that take you back, with a nostalgic smile and a touch of melancholy.

Il professore di Italiano di Giovanna Fumarola

Quando ripenso alla scuola il mio ricordo va al mio professore di italiano della scuola media che si è preso cura della mia formazione dagli 11 ai 14 anni.



Aveva un metodo di insegnamento differente dagli altri professori, perché raggruppava i brani da studiare per argomento che svolgeva durante tre o quattro mesi.

Ricordo che in seconda media affrontammo il tema: "L'uomo e il progresso scientifico". All'analisi di ogni testo di letteratura, seguiva una discussione molto interessante tra gli studenti, guidata da lui, che qualche volta ci portava anche a fare una esperienza pratica in un laboratorio o in una fabbrica, dove vedevamo con i nostri occhi una invenzione o un ciclo di produzione che ci facesse meglio capire i progressi fatti nel tempo in un determinato campo. A tale proposito ricordo una visita in una fabbrica di birra.

In terza media affrontammo il tema “Giustizia e ingiustizia”, dove in un determinato contesto storico e geografico emergevano anche questioni di carattere etico e morale di sfruttamento dei più deboli o relative alla funzione delle pene in caso di reato. Leggemo le canzoni degli schiavi neri che lavoravano nei campi di cotone nell’America del Sud o discutemmo di problemi legati all’esercizio della giustizia in campo legale in modo semplice adatti alla nostra età.

Inoltre questo coraggioso professore accompagnò da solo in treno la nostra classe di 30 alunni alle gite scolastiche, una volta a Vienna per tre giorni e un’altra a Parigi. Per molti di noi era la prima volta all’estero e ancora ho viva l’emozione e la gratitudine per la fiducia che questo insegnante riponeva in noi.

Aveva una grande passione per il suo lavoro e riusciva a trasmettere il suo interesse per lo studio e per la cultura. Ci ha insegnato ad essere curiosi e leali, a pensare con spirito critico, ad avere fiducia e rispetto per gli altri. Tutto questo avveniva con semplicità e gioia, coniugando lo studio teorico con la pratica.

Credo che più di ogni altro, questo insegnante ha permesso ad ognuno di noi ragazzi di scoprire e sviluppare le proprie risorse intellettuali ed emotive e la creatività, bagaglio importante che ancora io porto con me.

Mi auguro che le nuove generazioni possano avere la fortuna di coltivare consapevolmente le proprie passioni nel rispetto di sé, degli altri e della cultura di chi ci ha preceduto.

My Italian teacher by Giovanna Fumarola

When I think about school, my memory goes back to my middle school Italian teacher, who took care of my education from the age of 11 to 14.

He had a teaching method different from other professors, because he grouped the pieces to be studied by topic, which he covered over 3 or 4 months.

I remember that in second grade we tackled the topic: "Man and scientific progress". The analysis of each literature text was followed by a very interesting discussion among the students, led by him, who sometimes also led us to do a practical experience in a laboratory or in a factory, where we saw with our own eyes an invention or a production cycle, which would help us better to realize the progress made over time in a specific field. In this regard, I remember a visit to a brewery.

In the third year of middle school, we addressed the topic: "Justice and injustice", where, in a specific historical and geographical context, ethical and moral questions also emerged about the exploitation of the weak or the function of punishment in the event of crime. We read the songs of the black slaves who worked in the cotton fields in South America or we discussed problems related to the exercise of justice in the legal field, in a simple way suitable for our age.

Furthermore, this brave professor accompanied our class of 30 students on school trips by train, once to Vienna for 3 days and once to Paris. For many of us, it was the first time abroad, and I still feel the emotion and gratitude for the trust which this teacher placed in us.

He had a great passion for his work and was able to convey his interest in study and culture. He taught us to be curious and loyal, to think with a critical spirit, and to have trust and respect for others. This happened with simplicity and Joy, combining theoretical study with practice.

I believe that more than any other, this teacher has allowed each of us youth to discover and develop our own intellectual and emotional resources and creativity, important baggage that I still carry with me.

I hope that the new generations will have the fortune to consciously cultivate their passions with respect for themselves, others and the culture of those who came before us.

I miei Prof di Stefania Diana

Non ho molti ricordi della scuola, ma quelli che ricordo con più affetto riguardano il liceo.

Ho iniziato il liceo nel 1983 a Bari. La mia scuola si chiamava Liceo Scientifico Gaetano Salverini, che esiste ancora, si trova sempre nello stesso luogo.



Era un edificio moderno e all'avanguardia per quei tempi, spazioso, con grandi aule inondate da luce naturale attraverso grandi vetrate. C'erano banchi grandi come tavoli, poltroncine e lavagne dotate di illuminazione. All'interno dell'edificio c'erano anche un bar per gli studenti, auditorium, laboratori tecnici, un'enorme palestra attrezzata, spogliatoi con docce, e armadietti come nei film americani.

I nostri professori, però, non somigliavano a quelli della TV! Ricordo in particolare quattro di loro: la prof di italiano, la prof di francese, la prof di filosofia e il professore di matematica e fisica.

Per me, ognuno di loro si caratterizzava per alcune particolarità. La prof di italiano, ricciolina, occhialuta, comunista convinta era sicuramente la mia preferita. Insegnava con metodo "moderno", amava gli autori del '900 e ci insegnava il ragionamento critico; ero molto coinvolta dalle sue lezioni.

La professoressa di francese era originaria del Nord Italia, forse Piemonte. La mia classe era bilingue: più della metà studiava inglese, 8-9 studenti francese. Di lei, ricordo il caffè e la brioche che mangiava durante la lezione e le sue interminabili chiacchiere sul divorzio dal suo ex marito (di cui, secondo me, era ancora innamorata). A me sembrava che non avesse molta voglia di lavorare e questo a volte mi infastidiva un po'. Fortunatamente, ero brava in francese e lo studiavo comunque con piacere.

La più buffa era la professoressa di filosofia. Si chiamava Dorotea, un nome fuori dal comune, proprio come lei. Aveva una comicità involontaria, era ridicola a sua insaputa. Allegra di carattere, svagata, a tratti infantile, spiegava la filosofia con degli esempi che somigliavano più a barzellette. A volte, inventava proverbi e modi di dire, e noi studenti ridevamo tantissimo e scrivevamo tutte le frasi per rileggerle tra di noi e commentarle.

Dopo tante risate, il buio...il professore di matematica e fisica era il terrore dell'intera scuola. Aveva l'aspetto di un Neandertal e, secondo me, anche il cervello. Era un professore vecchio stile, molto severo, austero. Le sue lezioni erano noiose, le interrogazioni degli interrogatori lunghe anche un'ora. Secondo me, si divertiva a torturare gli studenti; a volte, diceva loro parole umilianti. Tutt'oggi non lo ricordo con piacere; ne avevo così paura che ho continuato a sognarlo per molti anni dalla fine della scuola. Non lo consideravo un bravo insegnante: il suo metodo si basava sulla memoria e, a volte, non sapeva risolvere i problemi di fisica.

Gli insegnamenti di questi professori, nel bene e nel male, hanno contribuito a formare la persona adulta che sono oggi. Negli anni ho compreso che dietro la figura del professore c'è una persona con la sua storia e il suo vissuto, che non bisogna giudicare e che non è facile separare la vita privata dal lavoro. Per questo, dico agli studenti di oggi di non cadere in giudizi semplicistici, di imparare a guardare oltre le apparenze perché solo se guardiamo le cose da una prospettiva più ampia abbiamo più probabilità di apprendere qualcosa di nuovo dalla vita.



My teachers, by Stefania Diana

I don't have many memories from school. The ones I remember most fondly are from high school.

I started high school in 1983 in Bari. My school was called "G. Salvemini" and it still exists. It's still in the same place. (It's still there!)

The building was modern and avant-garde for that time. Spacious, with large classrooms lit by glass windows, desks as big as tables, comfortable chairs, and illuminated blackboards. In the building, there was also a cafeteria for the students, an auditorium, science labs, a huge, fully equipped gymnasium, changing rooms with showers and lockers, just like in American films.

But my professors didn't look like the ones on TV! I remember four of them in particular: the Italian teacher, the French teacher, the Maths and Physics teacher, and the P.E. teacher.

For me, each of them was characterized by different peculiarities.

The Italian teacher—curly-haired, wearing glasses, and a staunch communist—was definitely my favorite. She taught using a “modern” method, loved 20th-century authors, and encouraged us to develop critical thinking; I was deeply engaged in her lessons. I felt very involved during her lessons.

The French teacher was originally from Northern Italy, perhaps from Piedmont. My class was bilingual: more than half studied English, while 8 or 9 students studied French. What I remember most about her is the coffee and brioche she would eat during class, and her endless chats about the divorce from her ex-husband (who, in my opinion, she was still in love with). It often seemed to me that she wasn't very eager to work, and that bothered me a bit. Fortunately, I was good at French and enjoyed studying it anyway.

The funniest one was the philosophy teacher. Her name was Doro-tea—a name as unusual as she was. She had an unintentional sense of humor; she was ridiculous without realizing it. Cheerful by nature, a bit absent-minded, at times almost childlike, she explained philosophy using examples that sounded more like jokes. Sometimes she would make up proverbs and sayings, and we students would laugh so hard and write them all down to read and comment on them later among ourselves.

After all the laughter, the darkness... The math and physics teacher was the terror of the entire school. He looked like a Neanderthal—and in my opinion, he had the brain of one too. He was an old-school teacher: very strict, austere. His lessons were boring, and his oral exams felt more like interrogations that could last up to an hour. I always thought he enjoyed torturing students; sometimes, he even used humiliating words to-

ward them. To this day, I don't remember him fondly; I was so afraid of him that I kept dreaming about him for many years after school ended. I never considered him a good teacher: his method relied solely on memorization, and at times, he didn't even know how to solve the physics problems himself.

The lessons I received from these teachers — both good and bad — have helped shape the adult I am today. Over the years, I've come to understand that behind every teacher is a person with their own story and life experience, someone we shouldn't judge too quickly. It's not easy to separate personal life from work. That's why I say to today's students: don't fall into the trap of simplistic judgments. Learn to look beyond appearances—because only by seeing things from a broader perspective can we truly hope to learn something new from life.

Il cubo magico e la mia prima rivoluzione di Anna Rita Bruno

Sono nata nel 1960 in pieno boom economico, un periodo di importanti cambiamenti per il nostro paese, anche sociali e culturali.

Avevo sette anni quando mio padre portò a casa quella che a me sembrava una scatola magica "la televisione". Le prime volte, quando era accesa, andavo a guardare il retro dell'apparecchio, perché non capivo come potesse funzionare. Cercavo di immaginare che sorta di teatrino poteva esserci dentro, da dove venivano fuori le immagini, dal bianco al nero, in varie sfumature di grigi, la voce, la musica, gente che parlava o che cantava?

In casa fino ad allora l'unico attrezzo creativo era stato "la macchina da cucire". Con la macchina da cucire mia madre creava delle cose bellissime. Pezzi di stoffa diventavano vestiti, gonne, camicie per tutta la famiglia.



Negli anni della scuola elementare vivevo in un paese a Sud del Salento, in una zona dell'Italia dove i cambiamenti arrivano un po' in ritardo rispetto al nord. Si cominciava a vedere le auto per strada, ma nessuno pensava di arrivare a scuola in automobile. Abitavo a meno di un km dalla scuola e nonostante la mia giovane età ci andavo da sola.

Stringevo nel pugno la piccola maniglia della cartella di cartone compresso che conteneva il sussidiario, il libro di lettura, il diario, alcuni piccoli quaderni e l'astuccio di stoffa, prodotto dalla fantasia di mia madre e dalla sua macchina da cucire, che conteneva penna, matita e qualche pastello.

Quando si camminava per strada non era difficile riconoscere le persone, se uomini o donne, perché il loro abbigliamento era inconfondibile: gli uomini indossavano i pantaloni e le donne solo gonne o vestiti, lunghi fino al ginocchio.

La mia era una scuola molto grande, era stata appena costruita seguendo le moderne linee architettoniche, con un due atri al piano di sotto e due al piano di sopra. Intorno agli atri c'erano le aule anche queste grandi e molto luminose, ma severamente divise in classi maschili e classi femminili. Quando possibile, nelle classi maschili l'insegnante era un uomo e una donna in quelle femminili.

Il clima piuttosto austero che caratterizzava l'ambiente scolastico veniva rotto nel periodo del carnevale. La scuola veniva coinvolta dal paese per partecipare alle sfilate e alle rappresentazioni carnevalizie.

Così mia madre si trovava coinvolta con la sua macchina da cucire per confezionare travestimenti colorati e spiritosi. Per me fu una vera e propria magia vedere trasformare pezzetti di stoffa luccicante e tulle blu in un vestitino da stellina, che indossai fiera per la sfilata lungo la via del paese.

La trasformazione più importante fu quando mia madre una mattina, per andare a scuola, mi fece indossare un paio di pantaloni cuciti da lei; non era periodo di carnevale e mi sembrò strano indossare qualcosa di così inusuale per una ragazza. Non avevo mai visto una donna indossare i pantaloni neanche nel cubo magico che avevamo in casa. Obbedendo tranquillamente alle stravaganze di mia madre indossai i pantaloni cuciti con un tessuto di lana a quadrettoni che, a suo dire, mi avrebbero tenuta più calda. Mi trovai così al centro dell'attenzione delle mie compagne di classe, sentendomi fiera di rappresentare una grande innovazione, anche senza capirne allora il significato.

Sicuramente sono stata la prima bambina a portare i pantaloni nella mia classe, nella mia scuola, forse anche nel mio piccolo paese.

The magic box and my first revolution by Anna Rita Bruno

I was born in 1960, right in the middle of the economic boom, a time of major change for our country, not only economically, but also socially and culturally.

I was seven years old when my father brought home what to me seemed like a magical box: the television. At first, when it was on, I would sneak behind it because I couldn't understand how it worked. I tried to imagine what kind of little theater could be inside, where the images came from — from black to white, in various shades of grey — the voices, the music... who was speaking, who was playing?

Until then, the only creative tool in our home had been the sewing machine. With it, my mother created beautiful things. Pieces of fabric became dresses, skirts, and shirts for the whole family.

During my elementary school years, I lived in a town in the south of Salento, in a part of Italy where changes arrived a little later than in the north. Cars were beginning to appear on the streets, but no one thought of driving to school. I lived less than a kilometer away, and despite my young age, I walked to school on my own.

I would tightly grip the small handle of my compressed cardboard schoolbag, which held my textbooks, reading book, diary, a few small notebooks, and a pencil case — handmade by my mother with her sewing machine — containing a pen, pencil, and a few colored crayons.

As I walked down the street, it was easy to recognize pedestrians from a distance as either men or women, their clothing made it unmistakable. Men wore trousers, and women only skirts and dresses, usually knee-length at that time.

My school was very large. It had just been built, following modern architectural lines, with two atria downstairs and two upstairs. Around them were the classrooms, also large and very bright, but strictly separated into boys' and girls' classes. Where possible, male teachers taught boys, and female teachers taught girls.

The rather austere atmosphere of the school was lifted during Carnival season. The school was involved in the town's parades and carnival performances.

So my mother found herself sewing delightful, colorful, and playful costumes with her machine. For me, it was truly magical to see shiny fabric scraps and blue tulle turn into a little star costume that I proudly wore in the parade through the town's main street.

But the most important transformation for me happened one morning when my mother, getting me ready for school, had me wear a pair of trousers she had sewn herself. It wasn't Carnival time, and it felt a little strange to wear something so unusual for a girl. I had never seen a woman wear trousers, not even inside the magical box we had at home.

Obediently and without fuss, I wore the trousers — made of checkered wool fabric that, according to her, would keep me warmer — and went to school.

I quickly became the center of attention among my classmates. Deep down, I felt proud to bring this little innovation, even though I didn't fully understand its meaning at the time.

I was surely the first girl to wear trousers in my class, in my school, perhaps even in my small town.

La mia scuola europea di Filomena Marinozzi

Ho avuto la fortuna di frequentare la scuola Europea di Mol fondata nel 1960. In Europa, ce ne sono 13: una in Italia a Varese, due in Belgio (Mol e Brussel), le altre in Germania, Paesi Bassi e Spagna.



Le scuole europee offrono un insegnamento in tutte le lingue ufficiali dell'Unione Europea.

Sin dalla mia tenera età, sono cresciuta a stretto contatto con altri ragazzi di nazionalità diversa dalla mia (tedeschi, francesi, belgi) e non ho mai avuto pregiudizi nei loro confronti. Anzi, mi sono arricchita della bellezza e dei valori delle loro culture. C'era molta solidarietà tra di noi.

La scuola ha trasmesso, attraverso l'insegnamento, un'immagine unitaria dell'Europa, evitando nello studio della storia e della geografia i pregiudizi nazionalistici.

All'inizio, la scuola era nata per accogliere i figli dei funzionari dell'Unione Europea, ma poi hanno iniziato ad accettare anche alunni generici come me, figli di emigrati.

Io facevo 60 km al giorno per andare a scuola, un pulmino ci prendeva, (eravamo una trentina) alle 6 del mattino, e tornavamo alle 5 di sera.

Ma ne è valsa la pena perché ho viaggiato un po' nella mia vita e non c'è stato paese che ho visto che non ho amato, di cui ho apprezzato la cultura grazie all'apertura mentale che la scuola mi ha dato.

Ricordo con affetto il direttore Bernard All che un giorno ci disse: siate sempre orgogliosi del vostro paese d'origine ma diventate europei nello spirito.

Mi sono diplomata nel 1973, 52 anni fa. Questa era la mia scuola. Vorrei dire ai ragazzi di oggi che...il mondo è cambiato, è cambiata anche la scuola, ma il principio è sempre lo stesso.

L'istruzione è un diritto che non tutti hanno. Studiare è una ricchezza e la cultura ci rende liberi, ci permette di avere uno spirito critico, per interagire con altre credenze, superare i divari culturali, e per costruire un mondo migliore.

My european school by Filomena Marinozzi

I was lucky to attend the European School of Mol, founded in 1960. In Europe, there are 13 such schools: one in Italy (Varese), two in Belgium (Mol and Brussels), and others in Germany, the Netherlands, and Spain.

European Schools offer instruction in all the official languages of the European Union.

From a very young age, I grew up in close contact with other children of different nationalities (Germans, French, Belgians), and I never had any prejudice against them. On the contrary, I was enriched by the beauty and values of their cultures. There was a great sense of solidarity among us.

Through its teaching, the school conveyed a unified image of Europe, avoiding nationalistic biases in studying history and geography.

At first, the school was created to welcome the children of European Union officials, but later, they began accepting general students like me, children of emigrants.

I used to travel 60 km a day to attend school. A minibus would pick us up (there were about thirty of us) at 6 in the morning, and we would return at 5 in the evening.

In the end, it was worth it because I have traveled a bit in my life, and there has never been a country I visited that I didn't love or whose culture I didn't appreciate—thanks to the open-mindedness the school gave me.

I fondly remember the headmaster Bernard All, who once told us: Always be proud of your country of origin, but become European in spirit.

I graduated in 1973, 52 years ago. That was my school.

I would like to tell young people today that... the world has changed, and so has school, but the principle remains the same.

Punishments and Rewards by Luigi Di Castri

During my final year of primary school, when I was about ten or eleven years old, I was appointed Head Boy — a very important position, especially in the eyes of a child. I still remember two defining moments from that year: one good, and one not so good.

Let's start with the bad one. During a music lesson, I deliberately sang off-key, loudly and proudly. The punishment? I was kicked out of class and made to stand outside the staff room, right in front of the infamous Blue Wall — what we used to call the Wall of Shame. What a disgrace!

But thankfully, I also have a much happier memory from that same year. It happened during a special celebration to mark the opening of a brand new swimming pool at our school. It was a big deal, and to honour the occasion, a special guest was invited: a famous swimmer who had just crossed the English Channel.

After the guest had swum four lengths in our new pool, the headteacher approached the edge of the pool to applaud him. At that very moment, I had a brilliant idea — I pushed the headteacher into the water! The crowd gasped, shocked. But then came the twist: he had seen it coming. Underneath his clothes, he was already wearing a swimsuit! Still, I was hailed as a hero by everyone.

Looking back, that year was full of lessons and laughter — a year I would never forget.

Il mio primo giorno al liceo

Vorrei raccontarvi un ricordo che porto ancora con me: il mio primo giorno di scuola superiore, al liceo classico "Palmieri" di Lecce.

Ricordo l'emozione, la tensione e quel misto di curiosità e timore che si prova quando si varca la soglia di un nuovo inizio. Entrammo in classe e io, quasi d'istinto,



andai a sedermi nel primo banco. Ma durò poco. La professoressa – quella che ci avrebbe seguito per quasi tutte le materie: latino, greco, italiano, storia e geografia – mi guardò, notò la mia altezza e disse con decisione:

«Tu sei alto, vai a sederti in fondo».

E così mi ritrovai in ultima fila, accanto a un altro ragazzo alto, anche lui spostato per lo stesso motivo. Si chiamava Massimo. Fu una coincidenza fortunata: sedemmo insieme quel giorno e da allora non ci siamo più separati. Fummo compagni di banco e di classe per tutti e cinque gli anni del liceo.

Eravamo molto diversi: io più tranquillo, riflessivo, pacato; lui invece era esuberante, energico, pieno di vita – forse anche perché segnato da un grande dolore, la perdita della madre nel secondo anno, in quinto ginnasio. Quella differenza di carattere, anziché allontanarci, ci unì.

Conservo ancora una foto della nostra classe, scattata nell'estate del 1971. In alto a sinistra si vede la mia testa, e proprio accanto a me c'è Massimo. È una semplice immagine, ma racchiude anni di relazioni, scoperte, avventure. Un periodo indimenticabile, che mi porto dentro ancora oggi.

L'amicizia nata in quei banchi non si è mai interrotta. Dopo cinquant'anni, Massimo ed io siamo ancora in contatto, legati da un filo invisibile che parte da quell'ultimo banco in fondo all'aula, dove tutto ebbe inizio.

My first day of high school

I'd like to share a memory that has stayed with me throughout my life: my first day of high school at the Liceo Classico Palmieri in Lecce.

I remember the emotion, the tension, and that mix of curiosity and fear that you feel when stepping into a new chapter of life. We walked into the classroom, and almost instinctively, I sat down at the front desk. But that didn't last long. The teacher, who would teach us most of our sub-

jects: Latin, Greek, Italian, History, and Geography, looked at me, noticed how tall I was, and firmly said: "You're tall, go sit at the back."

So, I ended up in the last row, next to another tall boy who had been moved for the same reason. His name was Massimo. It turned out to be a stroke of luck: we sat together that day, and from then on, we were inseparable. We were desk mates and classmates for all five years of high school.

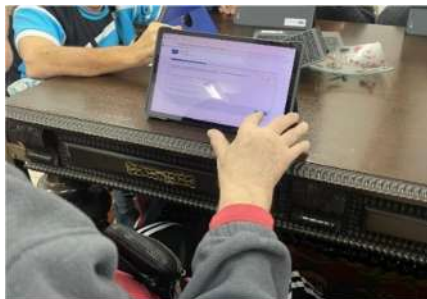
We were very different: I was calm, reflective, peaceful; he was exuberant, energetic, full of life, perhaps also shaped by a deep sorrow, the loss of his mother in our second year. Our different personalities didn't drive us apart; it brought us together.

I still have a photo of our class, taken in the summer of 1971. At the top left, you can see my head, and right next to me is Massimo. It's a simple photo, but it holds years of friendships, discoveries, and adventures. An unforgettable time, one I still carry within me.

The friendship born among those school desks never faded. Fifty years later, Massimo and I are still in touch, bound by an invisible thread that began at that last desk, in the back of the classroom, where it all started.

IV - Final Reflection

Reflexão Final - Reflexión Final - Riflessione Finale



The path taken by the Life Learning, Now is Digital project has proven to be profoundly transformative, both for the participants and for the institutions involved. More than just a process of digital empowerment, this initiative has become a true movement for human, cultural, and social valorization.

Over time, it became clear that digital inclusion in later life goes far beyond the acquisition of technical skills. On the contrary, it serves as a gateway to reclaiming identities, preserving memories, and strengthening the sense of belonging. By giving voice to life stories and recognizing the value of accumulated experience, the project has contributed to a more active, conscious, and inclusive form of citizenship.

Life Learning, Now is Digital thus demonstrates that pedagogical innovation can and should go hand in hand with the appreciation of human heritage. It is an example of good practice that highlights the importance of creating spaces where different generations and cultures meet, learn, and grow together.

More than a project, it stands as living testimony that ageing can be not only active, but also deeply meaningful when supported by inclusive, solidarity-based networks of lifelong learning and mutual respect. A community becomes stronger when it acknowledges that everyone, at any stage of life, has something valuable to share.

O caminho percorrido pelo projeto **Life Learning, Now is Digital** revelou-se profundamente transformador, tanto para os participantes como para as instituições envolvidas. Mais do que um processo de capacitação digital, esta iniciativa afirmou-se como um verdadeiro movimento de valorização humana, cultural e social.

Ao longo do tempo, tornou-se evidente que a inclusão digital na terceira idade não se limita à aquisição de competências técnicas. Pelo contrário, representa uma porta de entrada para o resgate de identidades, a preservação de memórias e o fortalecimento do sentimento de pertença. Ao dar voz às histórias de vida e reconhecer o valor da experiência acumulada, o projeto contribuiu para uma cidadania mais ativa, consciente e inclusiva.

Life Learning, Now is Digital demonstra, assim, que a inovação pedagógica pode e deve andar de mãos dadas com a valorização do património humano. É um exemplo de boas práticas que reforça a importância de criar espaços onde diferentes gerações e culturas se encontram, aprendem e crescem juntas.

Mais do que um projeto, é um testemunho vivo de que o envelhecimento pode ser não apenas ativo, mas também profundamente significativo, quando sustentado por redes solidárias, inclusivas, de aprendizagem contínua e respeito mútuo. Uma comunidade torna-se mais coesa quando reconhece que todos, em qualquer fase da vida, têm algo valioso a partilhar.

El camino recorrido por el proyecto *Life Learning, Now is Digital* ha resultado profundamente transformador, tanto para los participantes como para las instituciones implicadas. Más que un proceso de capacitación digital, esta iniciativa se ha consolidado como un verdadero movimiento de valorización humana, cultural y social.

Con el tiempo, se hizo evidente que la inclusión digital en la tercera edad no se limita a la adquisición de competencias técnicas. Por el contrario, representa una puerta de entrada para la recuperación de identidades, la preservación de memorias y el fortalecimiento del sentido de pertenencia. Al dar voz a las historias de vida y reconocer el valor de la experiencia acumulada, el proyecto ha contribuido a una ciudadanía más activa, consciente e inclusiva.

Life Learning, Now is Digital demuestra así que la innovación pedagógica puede y debe ir de la mano con la valorización del patrimonio humano. Es un ejemplo de buenas prácticas que refuerza la importancia de crear espacios donde distintas generaciones y culturas se encuentren, aprendan y crezcan juntas.

Más que un proyecto, es un testimonio vivo de que el envejecimiento puede ser no solo activo, sino también profundamente significativo cuando está sostenido por redes solidarias e inclusivas, de aprendizaje continuo y respeto mutuo. Una comunidad se vuelve más cohesionada cuando reconoce que todos, en cualquier etapa de la vida, tienen algo valioso que compartir.

Il percorso intrapreso dal progetto *Life Learning, Now is Digital* si è rivelato profondamente trasformativo, sia per i partecipanti che per le istituzioni coinvolte. Più che un semplice processo di alfabetizzazione digitale, questa iniziativa si è affermata come un vero e proprio movimento di valorizzazione umana, culturale e sociale.

Con il tempo, è diventato evidente che l'inclusione digitale nella terza età non si limita all'acquisizione di competenze tecniche. Al contrario, rappresenta una porta d'accesso al recupero dell'identità, alla conservazione della memoria e al rafforzamento del senso di appartenenza. Dando voce alle storie di vita e riconoscendo il valore dell'esperienza accumulata, il progetto ha contribuito a promuovere una cittadinanza più attiva, consapevole e inclusiva.

Life Learning, Now is Digital dimostra quindi che l'innovazione pedagogica può e deve andare di pari passo con la valorizzazione del patrimonio umano. È un esempio di buona pratica che sottolinea l'importanza di creare spazi in cui generazioni e culture diverse si incontrano, imparano e crescono insieme.

Più che un progetto, è una testimonianza vivente del fatto che l'invecchiamento può essere non solo attivo, ma anche profondamente significativo, quando è sostenuto da reti solidali, inclusive, di apprendimento continuo e rispetto reciproco. Una comunità diventa più coesa quando riconosce che tutti, in ogni fase della vita, hanno qualcosa di prezioso da condividere.

Project Team

Equipa do Projeto - Equipo del Proyecto - Squadra del Progetto



Artur Jorge Baptista Santos

Professor na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança (IPB) e investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar em Educação e Desenvolvimento (CITED). Com vasta experiência em cooperação internacional, desempenha funções como consultor em diversos projetos europeus, especialmente nas áreas da educação, inclusão e transformação digital. Foi o mentor, escritor e coordenador geral do presente projeto.



Professor at the School of Education of the Polytechnic Institute of Bragança (IPB) and researcher at the Transdisciplinary Research Centre for Education and Development (CITED). With extensive experience in international cooperation, he serves as a consultant in various European projects, particularly in the fields of education, inclusion, and digital transformation. He was the mentor, author, and general coordinator of the present project

Carlos Tiago Miranda Asseiro - Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Portugal

Professor de Educação Física, Ensino Básico e Ensino Especial na SCMB desde 2009. É coordenador da Equipa de Atividades Ocupacionais na Estrutura Residencial e coordenador do Projeto LLND, além de responsável pelo Gabinete de Comunicação, Eventos e Imagem da instituição. Integra ainda a Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva.



Physical Education, Primary Education, and Special Education Teacher at SCMB since 2009. He serves as Coordinator of the Occupational Activities Team in the Residential Structure and Coordinator of the LLND Project, in addition to being responsible for the institution's Office of Communication, Events, and Image. He is also a member of the Multidisciplinary Team for Inclusive Education Support.

Filipe Gomes Ribeiro - Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Portugal

Professor de Educação Musical na SCMB, musicoterapeuta com experiência com idosos, NEE e dificuldades cognitivas, e Fullstack Web Developer na Oito.ai. No projeto “LLND, interveio diretamente com idosos, concebeu e aplicou sessões formativas, desenvolveu e aplicou metodologias de recolha de dados, apoiou a coordenação, a curadoria da exposição e a redação do livro.



Music Education teacher at Santa Casa da Misericórdia de Bragança, music therapist with experience in working with older adults, special educational needs, and cognitive impairments, and Fullstack Web Developer at Oito.ai. In the “Life Learning Now is Digital” project, he worked directly with older adults, designed and delivered training sessions, developed and implemented data collection methodologies, supported coordination, exhibition curation, and book writing.

Tânia Andreia Ferreira Soares - Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Portugal

Técnica Superior de Animação Sociocultural na Unidade de Cuidados Continuados Integrados da Santa Casa da Misericórdia de Bragança e responsável pela área de informática na instituição. Foi a responsável pelo acompanhamento e orientação dos utentes nesta resposta social, na área da saúde.



Senior Sociocultural Animation Technician at the SCMB's Integrated Continuous Care Units in Portugal, also responsible for the institution's IT area. She was in charge of supporting and guiding the users within this social care service.

Luís Filipe Pires Alves - Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Portugal

Professor de Primeiro Ciclo, com Pós-Graduação em Educação Especial – Domínio Cognitivo Motor. Desempenha funções de Técnico de Educação Especial e Reabilitação Psicomotora, no Centro de Educação Especial. Foi o responsável pelo acompanhamento e orientação dos utentes no referido Centro.



Primary School Teacher, with a Postgraduate Degree in Special Education – Cognitive and Motor Domain. He works as a Special Education and Psychomotor Rehabilitation Specialist at the Special Education Centre. He was responsible for the support and guidance of the users at the mentioned Centre.

António José Rodrigues - Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Portugal

Licenciado em Comunicação Social, com especialização em Jornalismo e Reportagem. Atualmente, é diretor do *Jornal Mensageiro de Bragança* e colabora com a *Agência Lusa* na área do desporto motorizado. No âmbito do projeto LLND, assume a função de coordenador da edição e publicação do livro *"Histórias e Memórias – Uma Vida de Aprendizagens"*.



Holds a degree in Communication Studies, with a specialization in Journalism and Reporting. He is currently the director of the newspaper Jornal Mensageiro de Bragança and collaborates with Agência Lusa in the field of motorsports. As part of the LLND project, he is responsible for coordinating the editing and publication of the book "Stories and memories – A lifetime of learning"

Ana Isabel Paradinha - Santa Casa da Misericórdia de Bragança, Portugal

Licenciada em Contabilidade, desempenha funções como Técnica de Apoio à Gestão Financeira na Santa Casa da Misericórdia de Bragança.

Integra o projeto LLND como responsável pela gestão e organização financeira.

Graduated in Accounting, she works as a Financial Management Support Technician at SCMB. She is part of the LLND project, where she is responsible for financial management and organization.



Antonio Víctor Martín García - Universidad de Salamanca, España

Catedrático de la Universidad de Salamanca, investigador del Grupo “Procesos, Espacios y Prácticas Educativas”, miembro del Instituto de Investigación Biomédica de Salamanca (IBSAL) y referente en gerontecnología, blended-learning y pedagogía social. Director de EDUSAL-LAB y del Máster “Estudios Avanzados de Educación en la Sociedad Global” (2013-2021). Premio Extraordinario de Doctorado, ha sido coordinador del Programa de Doctorado en Educación de Personas Adultas y dirige varios proyectos I+D sobre gerontecnología y blended learning.

Full Professor at the University of Salamanca, researcher in the group “Processes, Spaces and Educational Practices”, member of the Salamanca Institute for Biomedical Research (IBSAL), and a leading expert in gerontechnology, blended learning, and social pedagogy. He is the Director of EDUSAL-LAB and served as Director of the Master’s Degree in “Advanced Studies in Education in the Global Society” (2013–2021). Recipient of the Extraordinary Doctorate Award, he has coordinated the PhD Programme in Adult Education and currently leads several R&D projects focused on gerontechnology and blended learning.



Gabriel Parra Nieto - Universidad de Salamanca, España

Doctor en Educación, licenciado en Pedagogía y diplomado en Magisterio por la Universidad de Salamanca. Profesor Permanente Laboral del Departamento de Teoría e Historia de la Educación y subdirector del Centro Museo Pedagógico (CeMuPe). Es miembro del Grupo Procesos, Espacios y Prácticas Educativas (GIPEP) y del Grupo de Transferencias del Conocimiento Pedagógico en Procesos y Prácticas Socioeducativas (PePPS). Ha ejercido como maestro en distintos niveles educativos y participa en proyectos de innovación docente e investigación sobre historia de la educación y género.



PhD in Education, Bachelor's Degree in Pedagogy, and Diploma in Teaching from the University of Salamanca. He is a Permanent Lecturer in the Department of Theory and History of Education and Deputy Director of the Pedagogical Museum Center (CeMuPe). He is a member of the research group Processes, Spaces and Educational Practices (GIPEP) and of the Knowledge Transfer Group on Pedagogical Processes and Socio-Educational Practices (PePPS). He has worked as a teacher at various educational levels and is involved in teaching innovation and research projects focused on the history of education and gender.

Alicia Murciano Hueso - Universidad de Salamanca, España

Doctora en Educación con Mención Internacional por la Universidad de Salamanca y Premio Extraordinario de Doctorado. Graduada en Sociología y Máster en Formación del Profesorado. Beca de colaboración y contrato predoctoral en el Depto. de Teoría e Historia de la Educación donde actualmente es Profesora Ayudante Doctora. Coordinadora del Programa Interuniversitario de la Experiencia y miembro del Grupo Procesos, Espacios y Prácticas Educativas y del Grupo de Transferencias del Conocimiento Pedagógico en Procesos y Prácticas Socioeducativas. Su



actividad investigadora se centra en la pedagogía social, las personas mayores, la tecnología educativa y el desarrollo socioemocional.

PhD in Education with International Distinction from the University of Salamanca and recipient of the Extraordinary Doctorate Award. She holds a Bachelor's Degree in Sociology and a Master's Degree in Teacher Training. She received a research collaboration grant and held a pre-doctoral contract in the Department of Theory and History of Education, where she currently works as an Assistant Professor. She is the Coordinator of the Interuniversity Experience Program and a member of the research groups Processes, Spaces and Educational Practices and Knowledge Transfer in Pedagogical Processes and Socio-Educational Practices. Her research focuses on social pedagogy, older adults, educational technology, and socio-emotional development.

David Caballero Franco - Universidad de Salamanca, España

Doctor con Mención Internacional por la Universidad de Salamanca y Profesor Permanente Laboral en el Departamento de Teoría e Historia de la Educación. Coordinador del Grado en Educación Social y Director del Título Propio Máster en Educación para la Participación Infantil y Juvenil. Miembro del Grupo Procesos, Espacios y Prácticas Educativas (GIEP) y del Grupo de Transferencias del Conocimiento Pedagógico en Procesos y Prácticas Socioeducativas (PePPS). Sus líneas de investigación abordan la Pedagogía Social, la Educación Familiar y la Participación Comunitaria.



PhD with International Distinction from the University of Salamanca and Permanent Lecturer in the Department of Theory and History of Education. He is the Coordinator of the Degree in Social Education and Director of the University Master's Program in Education for Child and Youth Participation. He is a member of the research groups Processes, Spaces and Educational Practices (GIEP) and Knowledge Transfer in Pedagogical Processes and Socio-Educational Practices (PePPS). His research areas focus on social pedagogy, family education, and community participation.

Bárbara Mariana Gutiérrez Pérez -

Universidad de Salamanca, España

Doctora en Educación con Mención Internacional por la USAL, graduada en Pedagogía y Máster en TIC aplicadas a la educación. Ha obtenido becas competitivas de Colaboración y Contratación Predoctoral concedidas por la Junta de Castilla y León. Actualmente es Profesora Ayudante Doctor y Coordinadora del Prácticum en la titulación del Grado en Educación Social. Miembro del Grupo de Investigación Procesos, Espacios y Prácticas Educativas (GIPEP) y del Grupo de Transferencias del Conocimiento Pedagógico en Procesos y Prácticas Socioeducativas (PePPS). Sus líneas de investigación principales son la enseñanza mediada por tecnologías y la Pedagogía Social, concretamente en el ámbito de la educación de adultos y mayores.



PhD in Education with International Distinction from the University of Salamanca (USAL), graduate in Pedagogy, and holder of a Master's Degree in ICT Applied to Education. She has received competitive Collaboration and Predoctoral Contract grants awarded by the Junta de Castilla y León. Currently, she is an Assistant Professor and Coordinator of the Practicum in the Social Education degree program. She is a member of the research groups Processes, Spaces and Educational Practices (GIPEP) and Knowledge Transfer in Pedagogical Processes and Socio-Educational Practices (PePPS). Her main research interests are technology-mediated teaching and social pedagogy, particularly in the field of adult and elderly education

Hanna Urbanovich. - Eduvita, Italia

Gestione del progetto, coordinamento delle attività educative e della mostra. Co-fondatrice e presidente di EduVita. Laurea magistrale in Pedagogia e Laurea magistrale in Comunicazione Interculturale e Lingue. Coordina progetti formativi europei e locali per studenti senior e educatori di adulti presso EduVita.



Project management, coordination of educational activities and the exhibition organisation. EduVita's co-founder and president. Master's Degree in Pedagogy and Master's Degree in Intercultural Communication and Languages. Coordinates European and local educational projects for senior learners and adult educators at EduVita.

Damiano Stefano Verri. - Eduvita, Italia

Sviluppo grafico per la mostra, ideazione del corso digitale e analisi dei bisogni.

Co-fondatrice e vicepresidente di EduVita. Insegnante ed esa Docente senior di corsi digitali. Insegnante ed esaminatore certificato EIPASS (European Informatics Passport).minatrice certificata EIPASS (European Informatics Passport). Responsabile dello sviluppo strategico, del design grafico e della creazione e gestione del sito web per i progetti di EduVita.



Graphics development for the exhibition, digital course ideation and needs analysis. EduVita's co-founder and vice-president. Certified EIPASS (European Informatics Passport) teacher and examiner. Responsible for strategic development, graphic design, and website creation and support for EduVita's projects.

Filomena Locantore - Eduvita, Italia

Interviste, raccolta di storie e revisione editoriale. Specialista in Comunicazione Digitale con Laurea Magistrale in Lingue e Traduzione e Master in Marketing e Comunicazione. Responsabile della comunicazione e diffusione dei progetti presso EduVita.



Interviews, story briefing, and editing. Digital Communication Specialist with a Master's Degree in Languages and Translation and a Master in Marketing and Communication. Responsible for project dissemination and communication at EduVita.

Roberto Franco - Eduvita, Italia

Assistenza nella gestione del progetto, corso digitale, sviluppo di risorse. Educatore per adulti con Laurea Magistrale in Lingue Straniere e Traduzione. Specializzato in educazione degli adulti, con particolare attenzione alla didattica delle lingue e all'apprendimento digitale. Sviluppo grafico per la mostra, ideazione di un corso digitale e analisi dei bisogni formativi.



Project management assistance, digital course, resources development. Adult educator with a Master's Degree in Foreign Languages and Translation. He specialises in adult education, with a focus on language didactics and digital learning.

Giorgia Bruno - Eduvita, Italia

Docente del corso digitale per adulti senior (LLND). Insegnante ed esaminatore certificato EIPASS (European Informatics Passport). Laurea Magistrale in Ingegneria Informatica e Intelligenza Artificiale.

Digital course instructor for older adults (LLND). Certified EIPASS (European Informatics Passport) teacher and examiner. Master's Degree in Computer Engineering and Artificial Intelligence.







